

Paraíba é o estado do Nordeste com maior produção de cimento

Setor dribla crise provocada pelo coronavírus e fecha o primeiro ano da pandemia com 2,4 milhões de toneladas produzidas, desempenho acima da média. [Páginas 17 e 18](#)

Foto: Marcus Antonius



O olhar que diz mais do que as palavras

Nestes tempos de pandemia e uso frequente de máscaras, saber "ler" o olhar se tornou parte integrante do processo de comunicação, afinal eles refletem e exteriorizam o interior das pessoas. [Página 6](#)

Colunas

/// Quem não se permite viver oportunidades de construir fantasias, pode se considerar uma pessoa que não ama a vida. Restringe-se a viver somente aquilo que as circunstâncias lhe oferecem. [Página 2](#)

Rui Leitão

/// Sartre afirmou que a pessoa é responsável pelo que faz ao cotidiano pela maneira como ela se sente pelo que faz ou pelas próprias emoções que tem – por exemplo, de estar triste ou alegre. [Página 10](#)

Klebber Maux Dias

Cultura

Paraíba celebra a vida e a obra de Jose Lins do Rêgo em Ano Cultural

Conheça os projetos na área de educação, arte e cultura que instituições estão preparando para celebrar um dos autores mais consagrados do Estrado. [Página 9](#)

Ilustração: Tônio

Maio Amarelo



RESPEITE AS REGRAS DE TRÂNSITO.
RESPEITE A VIDA.



Entrevista



Foto: Arquivo pessoal

Meio Ambiente Professora da UFPB, Cristina Crispim, destaca a importância da educação ambiental. [Página 4](#)

Diversidade

Os desafios de criar uma criança em plena pandemia

Como o isolamento social e o luto têm afetado filhos e netos com algum tipo de transtorno mental. [Página 19](#)

Esport

Rumo a Tóquio Atleta paraibana Andressa Morais revela como está se preparando para as Olimpíadas. [Página 21](#)



Foto: Divulgação

Paraíba

Pandemia freia aumento da frota de veículos na Paraíba

Crescimento de apenas 4,11% em 2020 é o menor neste século; em João Pessoa, taxa foi de meros 2,74%. [Página 7](#)

Quadrilhas juninas amargam o segundo São João sem festa

Paralisação das atividades por causa da pandemia afeta artistas e a memória afetiva do povo nordestino. [Página 5](#)

Almanaque

Arruda Câmara, naturalista que dá nome ao parque de JP

Paraibano foi ordenado padre e viajou para Coimbra a fim de estudar, mas foi expulso por ser liberal demais. [Página 25](#)



Foto: Marcus Antonius

Correio das Artes Com capa assinada pelo artista Tônio, nova edição circula hoje lembrando os 70 anos de Violeta Formiga.

Editorial

Romper o casulo

Ao que parece, é mais palpável agora o mal-estar na civilização, representado pelas variadas formas de desconforto ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus na comunidade global. O surto compromete o equilíbrio social, porventura existente, até porque acentua mais as diferenças sociais entre os países e dentro dos países, principalmente de natureza econômica. A pandemia é comum a todos, mas os pobres sofrem mais.

As riquezas materiais, o formidável acervo de bens simbólicos e os extraordinários avanços da ciência e da tecnologia, exatamente por conta da falha distributiva, não conseguiram bloquear as nascentes de onde flui parte considerável do sofrimento humano. A violência das relações sociais soma-se a intensificação do medo da impermanência, gerada pela pandemia, embora pluralizem também os disfarces do temor.

O crescente número de pessoas que procuram algum tipo de ajuda nas clínicas e hospitais indica que algo está fora da ordem, ainda mais agora, na chamada sociedade digital ou era cibernética. De igual modo, o fato de existir hoje tantos desportistas nas ruas pode ser interpretado, também, como tentativas talvez inconscientes de negar a deterioração e a decadência inerentes ao corpo humano, portanto, à própria vida.

O problema do mal-estar na civilização é tão antigo quanto complexo – Sigmund Freud que o diga -, mas a reflexão acerca dos sintomas da vida contemporânea e do futuro da humanidade é salutar, no sentido de se procurar dar respostas teóricas e práticas às angústias advindas da certeza da limitação física do ser humano e dos diversos conflitos que tornam a convivência social uma fonte de belezas e de absurdos.

O que parece certo, em um contexto marcado pela incerteza, é que as pessoas precisam romper seus casulos e procurar a solução para os males que perturbam a vida de todos em si próprias e nos demais semelhantes. Crianças, jovens, adultos e idosos precisam de ajuda, e ninguém neste mundo está desprovido de uma caixinha de primeiros socorros. Haverá sempre um bom remédio nas farmacinhas do espírito e do coração.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

A fantasia

É ainda enquanto criança que começamos a viver o mundo da fantasia. Criar imaginariamente situações que desejamos viver é fantasiar. E isso não faz mal nenhum, desde que não se distancie tanto da realidade. A fantasia nasce do anseio de atender necessidades não vividas. Estamos sempre alimentando a esperança de que os sonhos se realizem.

Quem não se permite viver oportunidades de construir fantasias, pode se considerar uma pessoa que não ama a vida. Restringe-se a viver somente aquilo que as circunstâncias lhe oferecem. Não ousa, não idealiza, não vê além. É um acomodado, resignado à própria sorte. Fantasiar não é proibido.

Pelo contrário, é a melhor maneira de estimular projetos inovadores, e aperfeiçoar a capacidade criadora.

Ainda que certas fantasias violem as regras da realidade, não podemos deixar que elas se transformem em simples quimeras, mesmo que aparentemente impossíveis de serem executadas. Elas têm um efeito mágico, provocam prazer mesmo antes da sua realização. Porque não usufruir do entusiasmo e deleite de uma fantasia?

Sabemos que muitas delas contra-

riam princípios e valores e se tornam proibitivas no sentido da normalidade de comportamentos. Talvez, por isso mesmo, sejam tão desejadas. É o caso das fantasias sexuais. Nem precisam ser consideradas fora dos padrões da moralidade, basta que sejam inusitadas, fujam do convencional, quebrem a rotina.

A fantasia é um exercício do “fazer de conta”. A necessidade que temos de satisfazer aspirações internalizadas no nosso inconsciente. Fantasiar é imaginar o que gostaríamos de ser, ter ou fazer. Funciona, inclusive, como mecanismo de defesa diante de conflitos e problemas. Na fantasia nos animamos a encontrar soluções e saídas para dificuldades enfrentadas, porque passamos a acreditar que os futuros acontecimentos se darão conforme nossa imaginação. Embora correndo riscos de consequentes frustrações, oferecem coragem para irmos em frente, na confiança de que a fantasia se tornará real.

Não renunciemos às fantasias. Só precisamos ter cuidado para que elas não nos dominem e não nos façam viver permanentemente na ilusão. O importante é termos noção dos limites da ficção e do real e buscarmos satisfazer nossos desejos.

Foto: pixabay.com



Artigo

Sítônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Cientista do Cariri

Ele não gostava das algarobas. O pecuarista e pesquisador Manelito Dantas Dizia que perdera um lote de novilhas guzerás (ou síndis?) com um cercado de algarobas. O esporo das bagens da algaroba perfuraram o rúmen das novilhas. Foi letal. Há que passar em forrageira a quantidade da leguminosa andina que se pretende dar ao gado. Pode parecer inacreditável que um defensor do xerofilismo seja contra o arraçoamento bovino com algarobas. Mas desde que Cristóvão Colombo chegou aos Andes nunca choveu naquelas montanhas geladas, encimadas pelos picos em agulhas como as bagens da leguminosa. No texto acima eu disse que o professor Dantas Vilar era um pesquisador. Agora direi mais: foi ele que descobriu o segredo que permite a fenação tropical.

Lembra-me o poeta Luís Correia: “No lugar onde mora Amélia Reis / o tempo é tão imóvil e sem aragens / que sobre o corpo dela as unhas crescem / como crescem nas árvores”. E prossigue a ode bucólica do vate visionário: “No lugar onde mora essa menina / o tempo tem raízes tão mortais / que para fecundá-la a estrumei / com os mansos dejetos animais. / Pior do que insânia em bicho fêmea...” E a menina voltou para o Rio Capibaribe, de onde tinha saído no delírio do poeta paraibano, expoente da Geração 59. Ele exemplificava o prejuízo dizendo que o rebanho, convertido em reais ou dólares, daria para comprar dois apartamentos na praia de Boa Viagem, mesmo infestada de tubarões.

Pior que tubarões são as Secas. As grandes Secas ocorrem ciclicamente, religiosamente, a intervalos de cerca de cinco anos, comparecendo como que atraídas pelas rezas tão fortes dos secômanos – o povo

xerófilo do Semiárido Nordestino – ia dizendo brasileiro. Para que servirão as algarobas, se o exorcismo proposto pelo Sábio do Sertão se realizar? Ora, os Andes estão ali. A Transamazônica está aqui, inacabada mas, enquanto as algarobas crescem, a estrada que liga o País do Nordeste ao Peru e Bolívia, zarpando do Porto do Cabedelo, na Paraíba, Amazônia adentro.

Seria uma decisão mas que estratégica, pois a estrada servira para o deslocamento da jagunçada nordestina até o Pacífico, se necessário. Os países sulamericanos teriam, assim, um sistema de defesa integrado, e porque não, até policial. O crime organizado na América do Sul já fez uso até de submersíveis para o transporte de drogas. Ao avião é instrumento usual no transporte do bagulho, sem falar no emprego de fuzis automáticos de última geração. Para o crime, é mais fácil adquirir essas armas de que para as forças da legalidade, visto que o poder público está sujeito aos trâmites legais da burocracia.

Professor de Hidráulica no Nordeste Seco, Manelito ensinou como viver com pouca água nessa área toda como o problema. No Cariri – a microrregião mais seca do Semiárido – ele implantou uma fazenda modelo e lucrativa, se o desespero e a ilusão da irrigação agricultura de cano. Solução que o homem da terra já aprendeu a olhar de lado, o que as empreiteiras e os políticos ainda não fizeram. Nem vão a fazer. Pois, como bancar o superfaturamento?

O binômio seca-empreiteira já foi detectado no Nordeste seco. O pior de tudo é que o caro binômio é uma falsa solução, pois não resolve. Nem deixa resolver.

Texto publicado originalmente na edição de 2 de agosto de 2020

Para que servirão as algarobas, se o exorcismo proposto pelo Sábio do Sertão se realizar? //

Marcus Antonius

marcusfreefoto@gmail.com

Fotolegenda



Autoretrato

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Digitalização de arquivos gera eficiência na gestão pública

Sistema desenvolvido pelo Governo da Paraíba moderniza e organiza as informações do Estado em ambiente virtual

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

A administração pública estadual vivencia atualmente uma fase de transição entre a tradicional gestão de documentos públicos em papel para uma completa utilização em formato digital. Isto é possível graças ao Sistema PBDoc, responsável pela produção, gestão, tramitação, armazenamento, preservação, segurança e acesso a documentos e informações em ambiente digital do Governo da Paraíba.

A proposta é substituir, gradativamente, a produção e tramitação de documentos em papel, passando a adotar o formato digital. Atualmente o PBdoc tem uma base de dados com mais de 243.650 itens (processos, documentos, expedientes e anexos). Trata-se de um sistema integrado, de uso de todos os órgãos do Governo Estadual.

Com isso, a medida que as implantações vão ocorrendo, as tramitações entre os órgãos vão ocorrer dentro do PBDoc, desde envios de processos, até a comunicação através de ofícios e circulares. Se antes as capas de processos é que diferenciavam as solicitações, hoje, o PBDoc dispensa esse detalhe ao fazer a separação dentro da própria plataforma.

Conforme o presidente da Companhia de Processamento de Dados da Paraíba (Codata), Giuseppe Guido, este é o sistema por onde vão transitar todos os documentos públicos do estado até o final do próximo ano. Assim, aqueles que ainda estão sendo em papel, aos poucos são digitalizados para que possam estar no PBDoc.

"Ainda podem existir em algumas secretarias um ofício que venha em papel, mas hoje na Codata, já recebemos tudo digital, por email. Quando recebo um email, já entra no PBDoc e tramita nessa plata-

forma. A digitalização é uma transformação de papel para meios eletrônicos. Assim, os documentos que vêm no papel para ser tramitado no PBDoc tem que ter a transformação de papel para o meio digital" explicou.

O Decreto estadual orienta que até o final de 2022, todos os órgãos já estejam trabalhando com a ferramenta. Atualmente, quase 70% utilizam o sistema. Cerca de 3.600 usuários de 24 órgãos do Governo paraibano usam a plataforma, além de oito instituições públicas que se encontram em processo de implantação. "Temos avançado bastante, muito mais avançado que o cronograma. A gente consegue perceber o grande salto que a plataforma trouxe de economia e agilidade para o estado tanto em papel, combustível e muita coisa envolvida. Tudo está embutido no melhoramento do serviço, na transparência e rapidez", elogia o presidente.

A economia financeira também é um destaque, não só com os insumos (papel, impressão, espaço físico para guarda dos processos), mas com o menor prazo de tramitação dos processos e até mesmo com a redução de combustível, que com o PBDoc não precisa mais que o motorista do órgão esteja se locomovendo o dia inteiro para protocolar um ofício ou pegar uma assinatura.

Apenas na Secretaria de Estado da Administração (Sead), o PBDoc foi implantado em dezembro do ano passado e já observa quedas no uso de papel a partir de janeiro de 2021. Nem todos os processos da plataforma estão em formato virtual, mas a estimativa é que o uso de papel e outros materiais de escritório caiam, conforme forem disponibilizados mais processos digitais.

"Os contratos de impressora, por exemplo, há uma tendência em cada vez mais dimi-

nuir, porque a impressora não vai morrer, mas não vai ter a utilização que tinha antes. Não tem mais tanta necessidade de papel nem de comprar a capa dura do processo. O PBDoc promete trazer agilidade pro Estado", acrescenta.

Sobre

O PBDoc - Sistema de produção, gestão, tramitação, armazenamento, preservação, segurança e acesso a documentos e informações em ambiente digital, foi instituído pelo Governador João Azevêdo, através do Decreto nº 40.546/2020, publicado na edição do dia 18 de setembro de 2020, do Diário Oficial do Estado (DOE). A implantação é de responsabilidade da Sead e Codata. As informações sobre a plataforma estão disponíveis no site <https://portal.pbdoc.pb.gov.br>.



Foto: pexels.com

PBDoc traz maior dinâmica e segurança na tramitação dos processos entre os departamentos do Executivo estadual

+ Menos burocracia é melhoria na vida das pessoas

De acordo com levantamento feito pelo Governo, os órgãos que produzem o maior volume de documentos neste sistema (processos, expedientes e anexos) até hoje são: Companhia de Água e Esgotos do Estado da Paraíba (Cagepa), com 98.943 itens; a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (Seect), com 51.250; a Sead, alcançando 21.758; a Codata, com 20.316. Por último, a Superintendência de Administração do Meio Ambiente, que possui 14.165 documentos na plataforma.

Estes locais aos poucos deixam de gerar documentos em papel e passaram para o formato digital, desde 2020. No entanto, Giuseppe Guido informa que o PBDoc é destinado, por enquanto, apenas ao expediente interno das repartições, ou seja,

aos empenhos, pagamentos, servidores, recursos humanos, dentre outras atividades realizadas pelos funcionários. O uso diretamente pela população ainda não está habilitado.

Apesar de ser uma plataforma que inicialmente vem sendo utilizada apenas pelos servidores públicos estaduais, ele observa que o PBDoc também impacta positivamente na vida das pessoas, uma vez que suas demandas com a gestão pública são atendidas com mais celeridade e menos burocracia, já que todo o processo é feito de forma eletrônica. "Em um futuro muito próximo, a plataforma será a principal via de acesso do cidadão com o Governo do Estado, onde ele poderá registrar as suas necessidades e no próprio sistema acompanhar toda a tramitação até o retorno final acerca da sua demanda. A tendência é

que todos os órgãos da administração direta ou indireta estejam já utilizando o PBDoc", declarou.

A intenção é ter 100% da plataforma instalada e após finalizar essa fase, o cidadão será incluído. As principais melhorias estão ligadas aos processos administrativos que a população venha a dar entrada. Para isso, novas versões estão previstas pela Codata. Por isso, o Presidente ressalta que o PBDoc representa uma nova era na gestão pública. "Não é só a eliminação de papel e redução de custos, a utilização do PBDoc significa a transformação da tramitação de processos e documentos na gestão pública, agilizando os processos internos e o atendimento às demandas da população e servidores públicos, além da guarda segura das informações do governo", finalizou.

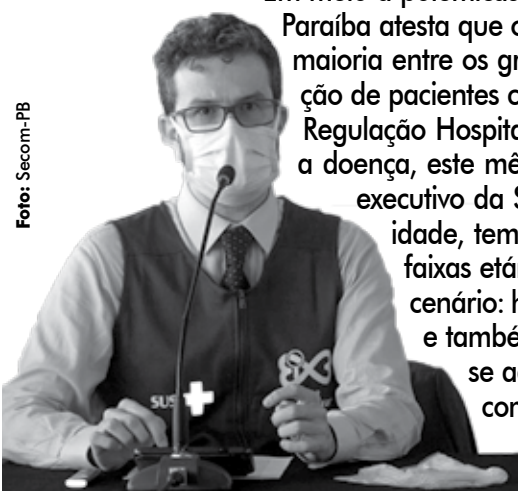
UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

MUDANÇA DE PERFIL NA PANDEMIA: JOVENS ESTÃO ADOECENDO MAIS QUE OS IDOSOS, DIZ SECRETÁRIO

Em meio a polêmicas no país sobre a eficiência das vacinas contra a covid-19, uma dado registrado na Paraíba atesta que os imunizantes têm oferecido proteção para pacientes idosos, que deixaram de ser maioria entre os grupos internados. E tanto é assim que no mês passado ocorreu queda na regulação de pacientes com idade acima de 60 anos. Esse cenário é corroborado pela Central Estadual de Regulação Hospitalar para Covid-19, segunda a qual próximo de 70% das pessoas internadas com a doença, este mês, estão abaixo dos 59 anos de idade. Decisivamente, como aponta o secretário executivo da Saúde da Paraíba, Daniel Beltrammi (foto), o perfil de internados, no que tange à idade, tem mostrado mudança significativa. E isso, de acordo com ele, tem relação com as faixas etárias que estão descumprindo as medidas protetivas. Os números corroboram esse cenário: houve aumento de internações de jovens entre 20 e 39 anos (crescimento de 10,3%) e também entre 40 e 59 anos (crescimento de 15,1%). Em outras palavras, os jovens estão se aglomerando mais, sem atenção ao uso de máscaras, e, por isso, estão adoecendo com mais rapidez. Beltrammi confirma que houve queda importante na participação de idosos nos números das internações: "Entre 60 e 69 anos, redução de 1,4%. Já entre 70 e 79 anos, redução de 9,8%, e 14,9% entre os maiores de 80 anos".

Foto: Secom-PB



ORIENTAÇÃO AOS MUNICÍPIOS

A Secretaria de Saúde, confirma Daniel Beltrammi, irá emitir orientação aos 223 prefeitos paraibanos quanto à vacinação das pessoas em ordem decrescente. Porém, ressalta que será recomendado a atenção ao que determina o Plano Nacional de Vacinação, que estabelece prioridade na imunização de grupos específicos.

ATENÇÃO ÀS COMORBIDADES

Daniel Beltrammi afirma que a decisão de ser iniciada a imunização por ordem decrescente de idade "É medida que auxilia, em tempo oportuno, o uso das vacinas que estão disponíveis". Contudo reforça que é necessário que os gestores fiquem atentos aos grupos com comorbidades, que "precisam ser vacinados com o máximo empenho".

ENGROSSOU O TOM

Em coletiva de imprensa, o relator da CPI da Covid, Renan Calheiros (MDB), engrossou o tom ao falar da nova convocação do ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello: "Tem efeito pedagógico também. É para dizer a este maluco que pare de delinquir, e de aglomerar pessoas. Isso tem acontecido em detrimento da morte de milhares de brasileiros".

DISTORÇÃO PERCEBIDA

Não passou despercebida a distorção de dados sobre vacinação no Brasil contida na ação protocolada no STF por Bolsonaro contra estados que decretaram lockdown. Informa-se que o país é o quarto que mais aplicou vacinas no mundo. Porém, com o número de vacinas para cada 100 mil habitantes, o país não estaria entre os 50 primeiros da lista.

VENCEU MAIS UMA

O senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) venceu mais uma batalha jurídica remanescente de sua gestão à frente da prefeitura de Campina Grande. O Tribunal Regional Federal da 5ª Região o inocentou da acusação de improbidade administrativa relacionada a convênio com o Ministério do Desenvolvimento Social.

ESPECULA-SE DOIS PARTIDOS PARA ABRIGAR EX-PETEBISTAS

Estão abertas as apostas sobre o destino político do deputado federal Wilson Filho, e dos deputados estaduais Wilson Filho e Doda de Tião, que já anunciaram a saída do PTB. Nos bastidores, em nível de especulação, se fala no MDB e no Cidadania. Contudo, a informação não é confirmada por nenhuma das partes. Ainda.

Cristina Crispim,
Professora de ecologia da UFPB

“Quem fala em desmatar para ter desenvolvimento são pessoas ignorantes”



Foto: Divulgação

Na semana mundial do Meio Ambiente, a professora de ecologia da UFPB, pós-doutora em ecologia aplicada, Cristina Crispim, destaca os desafios na luta pela preservação dos ecossistemas no país

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

Um dos maiores desafios da contemporaneidade é repensar a forma como, ao longo de séculos, a humanidade se desenvolveu ao custo da degradação do meio

ambiente em todo o globo. O desenvolvimento sustentável, mais do que uma pauta discutida em fóruns entre chefes de Estado, precisa se tornar um tema comum na população.

Cristina Crispim, pós-doutora em ecologia aplicada pela UFPB e professora da

instituição, defende que o caminho a ser percorrido rumo a uma sociedade mais sustentável passa primordialmente pela educação ambiental. A pesquisadora destaca que o tema é previsto na Constituição Federal como assunto obrigatório nos três níveis de

ensino: Fundamental, Médio e Superior, mas a realidade é distante da teoria.

“A sustentabilidade é meta de todos e deve também ser proposta por todos. As ações devem ser integradas, intenciona-se conservar os ambientes. Ambientes mais

conservados promovem melhor qualidade de vida para os seres humanos. Tudo isso requer transmissão de conhecimento, para isso a Educação Ambiental é fundamental”, garante a especialista.

Na Semana Mundial do Meio Ambiente, celebrada

de 5 a 9 de junho, a pesquisadora Cristina Crispim comenta, em entrevista exclusiva, os desafios que o país e a Paraíba precisam enfrentar para transformar o comportamento da sociedade em relação ao planeta em que habitamos.

A entrevista

Quais as dificuldades de implementação de programas de proteção ambiental no Brasil? É preciso que haja uma preocupação por parte dos poderes executivos envolvidos?

As dificuldades podem ser muitas, mas a maior de todas é a falta de interesse pela proteção ambiental. A própria educação ambiental, dita na Constituição como obrigatória nos três níveis de ensino, Fundamental, Médio e Superior, não é aplicada, porque não convém educar cidadãos críticos em relação ao meio ambiente. Enquanto se pensar em ambiente como empecilho ao desenvolvimento econômico, a postura dos poderes será essa, tirar o meio ambiente do caminho. Para reverter essa situação, as pessoas têm de entender o inverso, os serviços ecossistêmicos produzidos pelo ambiente. Esses serviços dividem-se em: de provisão, tais como alimentos e água; regulação, tais como a regulação de inundações, secas, degradação do solo; serviços de suporte, tais como formação do solo e ciclagem de nutrientes; e serviços culturais, como de lazer, espiritual, religioso e outros benefícios não materiais. Isso considerando as necessidades humanas, mas tem todos os serviços essenciais para a manutenção dos outros seres vivos. Pessoalmente acho que deve haver preocupação pelos poderes executivos envolvidos, porque sem esses serviços ecossistêmicos teremos muitos mais problemas para a sobrevivência humana no planeta. Então ações efetivas que promovam a presença e manutenção desses serviços ecossistêmicos é fundamental. Ao contrário do que se pensa, a proteção ambiental não depende apenas da criação de unidades de conservação, por exemplo, mas ações como melhorar o tratamento de esgoto e evitar a poluição aquática

também é uma ação de proteção ambiental. As ações devem ser conjuntas em todos os níveis. Deve haver muita articulação entre empresas, gestores públicos e população em geral.

Nós temos aqui na Paraíba ao menos um parque estadual de ecossistema marinho, que é o Parque de Areia Vermelha. Quais outras áreas do nosso Litoral poderiam ser contempladas para que se tornassem áreas de preservação permanente?

Baseado na necessidade de maior proteção do Litoral paraibano, foi criado em dezembro de 2018 a Área de Proteção Ambiental (APA) Naufrágio Queimado que possui uma área de aproximadamente 422 km² distribuídos entre os municípios de Cabedelo e João Pessoa (PB), até a quebra da plataforma continental. A criação desta APA se relaciona e fortalece as ações dos Planos de Ação Nacional para Conservação dos Ambientes (PANs) Corais e Tubarões, ambos coordenados pelo CEPISUL/ICMBio. A área da APA, praticamente, protege todo o ambiente litorâneo entre Cabedelo e João Pessoa. Com a criação dessa nova APA, grande parte do nosso Litoral está protegido, mas para isso precisa ser elaborado o seu plano de manejo. Na realidade temos outras Áreas de Proteção Permanente (APPs) oficiais que são todas as margens de rios, nascentes e estuários. Infelizmente não lhes damos valor, ocupamos indevidamente e não permitimos que se desenvolvam de forma a realizar os serviços ecossistêmicos que lhes são pertinentes. Dessa forma perdemos áreas que poderiam ser muito importantes, inclusive para o desenvolvimento econômico. Áreas de mangue são áreas propícias para o desenvolvimento de atividades de ecoturismo,

com trilhas aquáticas guiadas, por exemplo.

Como o modelo de preservação adotado para as baleias aqui no nosso Estado (a partir da pesca predatória que acontecia até o fim do século passado) pode servir para preservar outras espécies?

A proteção das baleias se deu por leis internacionais de proibição de pesca de baleia. Proibir totalmente a pesca de uma espécie é uma atitude radical que deve ser tomada apenas em situações extremas de risco de extinção. Outras ações intermediárias podem ser tomadas. Por exemplo em Portugal, em que a pesca é uma atividade econômica importante, e tem de haver gestão desse recurso, cotas máximas de captura são estipuladas para cada espécie comercial. Isso impede a sobrepesca, garantindo o repovoamento dos estoques pesqueiros. Para isso é necessário um monitoramento e conhecimento sobre ecologia populacional e dados de pesca históricos, que aqui na Paraíba não tem. A maior parte dos recursos pesqueiros oceânicos pescados nem são conhecidos, só tem censo para a pesca industrial.

Quais são os principais problemas ambientais da Paraíba? E quais os desafios para estabelecer uma política de preservação mais sólida?

Um dos maiores problemas ambientais da Paraíba é o não tratamento adequado dos esgotos. Isso faz com que nossos rios sejam eutrofizados (e por isso fiquem cobertos por plantas flutuantes), que nossas praias percam balneabilidade na maior parte do ano, que a biodiversidade aquática seja reduzida a espécies resistentes. Podemos também falar do desmatamento, seja nas áreas de

Mata Atlântica, como em áreas de Caatinga. Para se falar em maior conservação ambiental, teremos de ver os principais problemas e propor soluções. Para o problema de falta de tratamento adequado de esgoto, poderemos pensar em fossas ecológicas, sejam elas de tratamento domiciliar como de tratamento comunitário. Estas são dimensionáveis e podem tratar unidades menores como um edifício ou condomínio até ruas ou bairros. Estas fossas fazem o tratamento localizado, sem necessidade de transporte para outras áreas para Estações de Tratamento de Esgoto, que por si só, realizam um tratamento incompleto, que ainda contribui com a poluição em ambientes aquáticos. Estas fossas, como não geram efluentes, evitam a poluição ambiental, permitindo a recuperação dos rios. Atualmente não basta apenas pensar em não poluir mais os ecossistemas, temos de pensar em recuperar os que já estão poluídos. Para isso ações de baixo custo, como a biorremediação podem ser instaladas em rios, promovendo a sua despoluição em cerca de 15 dias, tempo que os micro-organismos demoram para se instalar nos substratos que são usados para o seu crescimento. Com a presença de algas no biofilme há a produção de oxigênio no ambiente aquático, o que favorece reações químicas de redução, e a fauna aeróbia. Com o aumento de oxigênio no ambiente, diminuem os maus odores, fato percebido pela população ribeirinha, dados presentes em duas pesquisas de doutorado do Prodemá da UFPB, da pesquisadora Flávia Oliveira, Arthur de Souza. Dessa forma, as biotecnologias já existem, já foram divulgadas, só falta vontade para as aplicar.

A Paraíba é cortada por rios importantes, que servem

não só de bioma para fauna e flora, mas também ajudam no desenvolvimento econômico do Estado. Qual o panorama dos principais rios do nosso Estado? Como poderiam ser melhor aproveitados?

O panorama, infelizmente, atualmente, não é o melhor, como falado. A presença de esgotos não tratados é um dos principais problemas que os rios enfrentam, perdendo qualidade sempre que atravessam alguma cidade. Isso foi comprovado em uma pesquisa de tese de doutorado do Prodemá, da pesquisadora Alinne Gurjão, sobre o Rio Paraíba. O mesmo se verifica quando tem a presença de distritos industriais, como se verifica no Rio Gramame. Estes e outros rios podem melhorar e passar a prestar serviços ecossistêmicos se forem despoluídos, contendo a contaminação pelos esgotos, com o tratamento adequado destes, e com a aplicação da biorremediação. Estas propostas são de baixo custo, podendo ser aplicadas por qualquer gestor que se interesse em fazê-lo. No Rio do Cabelo, Flávia Oliveira conseguiu em menos de 2 meses aumentar a transparência da água, aumentar a oxigenação, diminuir compostos orgânicos indicadores de poluição e aumentar o número de espécies de peixes em mais nove, com a biorremediação

A preservação ambiental, a ideia de um desenvolvimento sustentável, investem os gestores públicos de responsabilidade, mas é importante também destacar a participação da sociedade nessa missão. Como a educação ambiental pode ajudar na conscientização e se tornar um instrumento de transformação?

A sustentabilidade é meta de todos e deve também ser proposta por todos. As ações devem

ser integradas, se intenciona-se conservar os ambientes. Ambientes mais conservados promovem melhor qualidade de vida para os seres humanos. Assim, se moradores ribeirinhos querem os rios com melhor qualidade, devem saber que as suas águas residuárias devem ser devidamente tratadas. Fossas ecológicas são mais baratas de construir que as fossas convencionais. Não poluem o ambiente e ainda podem ser locais de produção de alimentos. Tudo isso requer transmissão de conhecimento, para isso a Educação Ambiental é fundamental. Entender que a Floresta Amazônica é importante para todo o país e para parte do mundo, é ação da Educação Ambiental. Quem fala que precisa desmatar para ter desenvolvimento no país, são pessoas ignorantes da real função da Floresta Amazônica, não entendem que a floresta é responsável por produzir água, pela sua evapotranspiração, que se espalha por todo o país, gerando chuvas no Nordeste, no Sudeste e outras regiões. Assim, desmatar a Floresta Amazônica é tornar o Nordeste Semiárido mais Semiárido e retirar a chuva de São Paulo e Paraná, importantes polos agropecuários do país. Isso a Educação Ambiental faz, mostra a importância dos biomas, mostra os serviços ecossistêmicos que estes prestam a todos, mostra os impactos que produzimos e formas de os diminuir. Pela Educação Ambiental, as pessoas poderão entender os processos ecológicos, entender a real importância do ambiente e não ser iludidos por falácias sem fundamento, atualmente muito utilizadas por gente influente no país. Assim é importante que todos saibam que podem agir ativamente na melhoria socioambiental, com pequenas ações, com grandes consequências para o ambiente e para a sociedade.



Foto: Marcus Antonius

Quadrilhas juninas lutam para sobreviver durante a pandemia

Grupos realizam lives e buscam apoio em leis de incentivo à cultura para manter a tradição nordestina

Carol Cassoli
Especial para A União

Junho de 2021. Novamente o período de São João se aproxima e, com ele, a ausência das comemorações juninas presenciais que, mais uma vez, deixarão de acontecer em decorrência da pandemia. Para a população, resta a saudade dos festejos que reforçam a cultura e tanto mexem com o imaginário do povo paraibano. Já para os participantes dos eventos faltam as condições necessárias para sustentar projetos diretamente envolvidos na programação da festa. Este é o caso de grande parte dos grupos de quadrilhas juninas que, sem os festejos, deixam de se apresentar, paralisam suas atividades e se veem frente à incerteza quanto ao futuro.

De acordo com Giselle Gomes, mestre em Comunicação e Cultura Popular, o São João e, conseqüentemente, as quadrilhas possuem grande encargo afetivo na memória da comunidade. Segundo Giselle, a impossibilidade de comemorar a data pelo segundo ano consecutivo gera nas pessoas inúmeras sensações negativas associadas à frustração e à impotência diante da pandemia que, infelizmente, impede a realização da festa presencialmente. "As memórias afetivas mexem muito com as pessoas a partir do momento que as quadrilhas juninas, como manifestação cultural e como festa popular, não podem ser realizadas devido à pandemia", explica.

Para driblar a saudade, vale de tudo, Giselle destaca que alguns grupos distribuídos pelo país têm se reinventado, realizando lives e promovendo conteúdos alusivos a uma das datas mais importantes do ano para os nordestinos. Con-

tudo, na Paraíba, as atividades estão parcialmente suspensas, pois, segundo Lima Filho, integrante da Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande (Asquaju-CG), a quadrilha é um processo coletivo.

"As quadrilhas movimentam R\$ 1,2 milhão anualmente. É na quadrilha junina que a juventude conhece nossos grandes ícones nordestinos. É lá que aprendem também disciplina e convivência em grupo. É uma perda lamentável não só para os festejos juninos, mas para a sociedade em geral", reforça Lima Filho.

A estudante Juliana Marinho tem 18 anos e conta que cresceu com o costume de assistir aos festivais de quadrilhas; acompanhando de perto não apenas a apresentação de grupos de todo o Nordeste, mas também os bastidores do espetáculo. "Era uma mobilização em toda a cidade tanto financeiramente quanto turisticamente e era um espetáculo atrás do outro. Acho que todo mundo deveria conhecer", relembra a jovem que sente muita falta das comemorações que, outrora, iluminaram seus olhos nas noites de São João.

"É um espetáculo que representa muito a gente, porque cada quadrilha trazia uma história e as encenações eram fidedignas; sempre com fundos verídicos ou temas sociais", Juliana comenta que muitas quadrilhas utilizam seus temas para tecer críticas às situações às quais a sociedade está sujeita e, hoje, se pega imaginando quais seriam os assuntos trabalhados nos espetáculos deste ano. "Acho que o pessoal da organização artística já deve estar a todo vapor se preparando para quando houver o próximo São João", comenta esperançosa.



Quadrilheiros vivem em meio à incerteza

Apesar da ansiedade de Juliana para o próximo São João, a realidade dos quadrilheiros, atualmente, é outra. Além das lives, citadas por Giselle Gomes, algumas quadrilhas buscaram amparo de outros recursos para preservarem suas identidades. De acordo com Lima Filho, um pequeno número de quadrilhas conseguiu auxílio da Lei Aldir Blanc (responsável por fomentar a cultura) e, de alguma forma, se mantém. As outras, porém, continuam sem atividades e ou auxílio. Por conta disso, o integrante da Asquaju-CG comenta que, diante do quadro apresentado, o futuro dos grupos é incerto: "Já existia uma grande dificuldade de conseguir novos dançarinos e agora, com essa parada e a crescente falta de empregos, não sabemos quantos grupos conseguirão voltar. O plano é continuar, mas a incerteza é a única realidade", lamenta.

Assim como as quadrilhas, outros projetos estão parados. É o caso do 'Quadrilhando', iniciativa de reconhecimento nacional que buscava perpetuar a arte do São João o ano todo e costumava reverter seus lucros aos grupos. "As quadrilhas juninas tem uma grande importância cultural, social e econômica nas periferias de Campina. É através das quadrilhas juninas que cerca de três mil jovens de Campina têm uma iniciação cultural. Aprendem profissões como cabeleireiros, maquiadores, cenógrafos, coreógrafos e costureiras", explica Lima Filho, informando que a produção das apresentações envolve mais de 10 profissionais diferentes, que fazem parte da cadeia de prestação de serviços das quadrilhas e ficam sem faturar nesse período.

"A gente sabe que cada participante, na sua

condição, abria mão de muita coisa para poder ensaiar e para participar e, hoje, eu não imagino nem a falta que o São João deve estar fazendo para as pessoas que participam", observa a espectadora Juliana Marinho.

Importância e representatividade

A doutoranda Juliana Hermenegildo estuda o movimento junino e entende as quadrilhas como parte fundamental da festa: "Eu costumo pensar as quadrilhas como o coração dos festejos juninos; o que faz pulsar essas festividades". Juliana vê os grupos juninos como responsáveis pela construção da identidade nordestina de forma lúdica, teatral e musical.

Giselle Gomes lembra que é importante entender como este ambiente folclórico de arraial, figurinos, comidas típicas, mexe com as pessoas e como isso tem tido consequências no cotidiano da população. Prova viva disso é Juliana Marinho, que sente que parte de sua personalidade enquanto nordestina foi moldada pela presença do evento em sua vida.

"As quadrilhas juninas constroem identidades visuais e musicais com a cultura popular nordestina, constituindo eles entre os que as assistem, os que dançam e as gerações futuras, em um processo de reinvenção constante", afirma a especialista Juliana. Segundo ela, para refazer as histórias sobre o Nordeste e reafirmar sua cultura, as quadrilhas juninas trazem, anualmente, espetáculos sobre a construção e o desenvolvimento de toda a região, reconstituindo diversas manifestações populares, figuras e movimentos de importância histórica para o que se englobou como região Nordeste.

Tradição

As quadrilhas reconstróem manifestações populares, figuras e movimentos históricos do Nordeste.

Foto: Divulgação



Quadrilhas juninas, por serem uma representação coletiva, foram diretamente impactadas pela pandemia da covid-19 e ficaram sem poder se apresentar



Foto: Nalim Tavares

Saber 'ler' o olhar ficou ainda mais importante na pandemia

Olhos revelam e reforçam sentimentos, refletem e exteriorizam o interior das pessoas, numa linguagem não verbal

Carol Cassoli
Especial para A União

Subjetivos e marcantes, os olhos são capazes de ultrapassar as barreiras da visão e se tornarem janelas para a alma. Eles estampam sentimentos e reações e, mesmo quando querem, não conseguem esconder as emoções mais íntimas do ser humano; sendo a principal forma de comunicação analisada quando alguém busca descobrir a verdade de outrem. Com a pandemia da covid-19 e a necessidade do uso de máscara, a leitura do olhar ganhou ainda mais importância.

Para alguns, os olhos revelam sentidos, para outros, reforçam

situações indiscutíveis. E para a dona de casa Salete Souza, os olhos indicam o que há de mais profundo em uma pessoa. "Mesmo sem verbalizar nada, um olhar diz muitas coisas. Se você for atento, percebe rapidamente", o maior exemplo de Salete está guardado na infância das filhas, hoje adultas. A mãe conta que sempre soube quando uma delas estava mentindo: "É claro que eu conhecê-las ajudou bastante, mas as trocas de olhares foram essenciais para desmascarar as mentiras que as bocas diziam. Se a boca dizia 'sim', os olhos gritavam 'não' e vice-versa". Salete explica que, além de serem essenciais na revelação das inverdades da infân-

cia, a comunicação não verbal que trocava com as filhas sempre foi fundamental para que as crianças compreendessem os valores que a mãe buscava transmitir. "Nunca precisei gritar. Se você educa uma criança direito, basta um olhar", destaca.

O professor de Língua Francesa, Mucane Nascimento, gosta muito de poesia e, talvez por isso, desenvolveu um conceito filosófico sobre olhares que, para ele, podem falar mais que palavras. Ao contrário de grande parte da população, Mucane entende os olhos de uma perspectiva diferente: mais que janelas, essas estruturas de visão seriam espelhos. "Não há nada que

escape aos reflexos interiores, que se externalizam pelo olhar", instiga o francófono.

Para explicar sua teoria, Mucane busca reforços na literatura nacional e se lembra de toda a potência posta por Machado de Assis em Capitu - personagem de Dom Casmurro: "Quem não se recorda de toda a magia presente nos 'olhos de cigana oblíqua e dissimulada'?"

"Mais que revelar o que se esconde em nossa mente e de comunicar ao outro o que queremos (ou rejeitamos), o olhar é capaz de atrair (e repelir) outros olhares e presenças alheias", o professor de francês destaca que através do

olhar as pessoas conseguem diferentes efeitos: acolhimento, intimidação, desprezo, etc. Para Mucane, é possível, inclusive, que alguém se sinta desconfortável por estar presente em algum espaço apenas pela forma com que os olhos alheios se dirigem a ela.

A especialista em arteterapia, Fabiane Balbino concorda com Mucane e considera o olhar um tema profundo, que remete a vários aspectos do ser humano. "Um olhar vai desde os olhos - da percepção do corpo em relação ao ambiente - até a nossa espiritualidade e nosso olhar como entendimento de nós próprios e do outro também", comenta.

+ Linguagem corporal denuncia o que não foi dito com as palavras



Enquanto a nova realidade da pandemia faz necessário esconder a boca e, por tabela, o sorriso, atrás das máscaras, os olhos continuam revelando muito das pessoas

De acordo com a psicopedagoga Moiseith Neves, na psicologia, a linguagem corporal é fundamental para indicar emoções que não foram ditas pelas palavras. "Alguns estudos apontam que a linguagem não verbal é responsável pela maior parte da nossa comunicação. Isso inclui gestos, expressões faciais e o movimento dos olhos", explica.

Moiseith relaciona o comportamento de crianças e a forma com que os olhares delas expressam isso. "Quando um adulto corrige uma ação não aceita cometida pela criança, ela frequentemente olha para baixo", segundo a psicopedagoga, este tipo de comportamento é geralmente associado à tristeza, medo, vergonha ou à reflexão. "Quando uma criança conversa com você e fica olhando para o chão, pode significar que ela está refletindo ou lembrando algo relacionado a conversa de vocês", destaca.

Olhos descobertos

Com a ascensão do vírus que desencadeou a pandemia de covid-19, uma das maiores referências da população foi escondida. Hoje a boca, parte fundamental da alegria humana, está coberta e, ao contrário dela, os olhos permanecem destampados; descobrindo o mundo e sendo, atualmente, os principais responsáveis pela interpretação humana.

Saúde

Assim como um sorriso bem cuidado faz toda a diferença na mensagem que as pessoas transmitem, um olhar saudável também é imprescindível.

Segundo o Hospital de Olhos do Brasil, existem mais de 18 doenças que acometem a visão, sendo conjuntivite, catarata, estrabismo e glaucoma as mais comuns (além, é claro, das doenças oculares relacionadas a problemas de refração, como miopia e estrabismo).

Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) demonstram que, durante a pandemia, a procura por tratamentos oculares caíram consideravelmente. Durante 2020 foram realizados cerca de

professor da Universidade Federal da Paraíba, Ricardo Azevedo Pontes de Carvalho, é através da visão que o corpo humano adquire a maior parte de suas experiências sensoriais: "Nossa cultura, conhecimento assim como o nosso subconsciente são massivamente alimentados pelas experiências visuais que temos ao longo da vida. Essas experiências visuais se manifestam no nosso dia a dia através dos mais variados algoritmos utilizados pelo nosso cérebro na formação de opinião e escolhas".

Ricardo aponta que o olho é, de fato, o órgão sensorial mais sofisticado do corpo humano. "Além do seu sistema óptico perfeito, ele inclui uma verdadeira extensão do cérebro dentro dele, a retina, para captar e processar a imagem em altíssima definição", o oftalmologista explica que os olhos são uma janela para o cérebro e uma porta para o que define cada pessoa e como cada um se relaciona com o mundo. Por isso, cuidar bem dos olhos é, também, oferecer um olhar saudável por toda a vida. Bebês expressam suas necessidades através do choro, que vem pelos olhos. Adultos demonstram seus anseios por meio desta ferramenta poderosa. E, da mesma forma, idosos resgatam lembranças de uma vida toda com apenas o brilho de um olhar.

Moiseith explica, ainda, que o olhar pode ter diversos significados e somente quem está bem treinado e embasado por estudos pode fazer boas observações e tirar conclusões pertinentes. "Neste momento difícil de pandemia faça o que traz alento: sorria com os olhos e aqueça o coração de alguém", finaliza.

Queda

Em 2020, foram realizadas 1,4 milhão de consultas oftalmológicas a menos pelo SUS em comparação ao ano anterior

150 mil procedimentos ambulatoriais voltados à saúde dos olhos e aproximadamente 13 mil cirurgias oculares, totalizando 83 mil atendimentos ambulatoriais e 10 mil cirurgias a menos que em 2019. O levantamento do SUS aponta que até mesmo a procura por consultas caiu, no ano passado foram 1,4 milhão a menos que no ano anterior. De acordo com a pesquisa sobre saúde dos olhos realizada pela Alcon - empresa focada em saúde ocular, 34% dos brasileiros nunca foram ao oftalmologista, aumentando o risco de agravamento de doenças com tratamento simples.

Segundo o oftalmologista e

Pandemia freia aumento da frota de veículos no estado

Detran-PB aponta que total de veículos em circulação cresceu só 4,11% em 2020, o menor aumento registrado neste século

André Resende
andreolimpio89@gmail.com

Por trás dos congestionamentos das grandes cidades e dos números de carros e motos dividindo o espaço das ruas há a ação do poder público e de fenômenos adversos. No Brasil, assim como no mundo, a pandemia gerou reflexos também na mobilidade urbana. As medidas de isolamento social impactaram a circulação de veículos, que, por sua vez, incidiram na redução da aquisição de automóveis e motocicletas. Na Paraíba, conforme dados do Departamento de Trânsito (Detran), em 2020, primeiro ano da pandemia, a frota do estado cresceu 4,11%, a menor taxa de crescimento anual neste século.

Detalhando o crescimento da frota anual por cidades, João Pessoa, dona do maior número de veículos no estado, apresentou um incremento de meros 2,74% em relação a 2019. Campina Grande seguiu o mesmo ritmo, com um aumento anual de 3,25% da frota no ano passado. Em termos comparativos, há dez anos, as duas cidades apresentaram um aumento anual de 12,58% e 10,30%, respectivamente. Neste ano, nos quatro primeiros meses, ainda segundo dados do Detran-PB, o crescimento da frota é ainda mais tímido, não chega a meio por cento no estado (0,45%).

O superintendente do Detran-PB, Isaías Gualberto, destaca que o baixo crescimento, embora seja uma tendência em todo mundo e no Brasil, ainda é uma alta. A queda do aumento da frota, analisa o superintendente, está diretamente relacionada à crise econômica que afeta o país. "Esses números são reflexo do momento de crise que estamos vivendo. Naturalmente a aquisição de veículos cai em momentos de crise financeira, nesse caso não é diferente", explica.

Entretanto, apesar da virtual estabilidade da frota, o estado contava até abril de 2021 com 1.439.738 veículos registrados no Detran-PB. O número expressivo é reflexo do crescimento importante aferido na última década, quando esse aumento acumulado foi de 102,8%. No período, a

frota estadual mais que dobrou, saltando de 709.628 em 2010 para 1.439.738 em abril de 2021, dado mais recente fornecido pelo Detran-PB.

Para o professor do curso de Engenharia Civil da UFPB, doutor em planejamento de transporte pela Universidade de Southampton na Inglaterra, Nilton Pereira, o baixo crescimento da frota, mais perceptível na pandemia, começa antes, com o fim das políticas públicas de incentivo à aquisição de veículos pelo Governo Federal, tais como a desoneração de impostos e do controle do preço dos combustíveis, e com o surgimento de novas possibilidades de deslocamento, como a contratação de carros por aplicativo.

"Tivemos três políticas públicas muito significativas, como a redução do IPI de carros, de motos e o controle do preço da gasolina nos governos Lula e Dilma. Em meados de 2013, essas políticas foram revistas, começou a crise econômica e consequentemente as vendas foram impactadas. Além da queda das condições de aquisição, foram surgindo os aplicativos que permitiam o deslocamento em carros particulares a um custo baixo sem que o indivíduo possuísse o veículo", comentou.

Os números da frota do estado comprovam a análise de Nilton Pereira. Entre 2006 e 2012, a frota paraibana de veículos manteve um crescimento anual superior a 10%, chegando ao ápice em 2013, com alta de 13,77% em relação ao ano anterior. A partir de 2013, é iniciada a série histórica com aumento de veículos abaixo dos 10%, com um decréscimo consecutivo nos anos seguintes, passando de 9,05% em 2013 para 4,51% em 2019, último ano antes da pandemia.

"Houve uma mudança de cultura. Enquanto há um tempo atrás um automóvel era o sonho de consumo de muitos jovens que completavam 18 anos, hoje muita gente não vê sentido em ter mais esse carro. Por que eu vou ter que comprar um carro que é caro para comprar, caro para manter e às vezes nem uso?", questiona o professor. O cenário descrito por Nilton Pereira é agravado a partir de março de 2020, com o início da pandemia.

Foto: Evandro Pereira

10 CIDADES COM AS MAIORES FROTAS DA PARAÍBA ATÉ ABRIL DE 2021

João Pessoa: 293.187 carros | 130.116 motos | TOTAL: 423.303

Campina Grande: 123.944 carros | 75.928 motos | TOTAL: 199.872

Patos: 22.851 carros | 31.585 motos | TOTAL: 54.436

Santa Rita: 25.238 carros | 19.365 motos | TOTAL: 44.603

Cajazeiras: 15.955 carros | 18.790 motos | TOTAL: 34.745

Sousa: 13.095 carros | 20.154 motos | TOTAL: 33.249

Bayeux: 18.201 carros | 14.583 motos | TOTAL: 32.784

Cabedelo: 18.666 carros | 8.770 motos | TOTAL: 27.436

Guarabira: 11.526 carros | 13.408 motos | TOTAL: 24.934

Sapé: 7.299 carros | 10.686 motos | TOTAL: 17.985

+ Efeitos e oportunidades

Nos primeiros meses da crise sanitária, as pessoas ficaram semanas, até mesmo meses sem se deslocar, e consequentemente, sem usar nenhum tipo de transporte. O momento atípico em que vivemos desde então refletiu fortemente não somente no mercado dos veículos particulares, mas também no transporte público.

Nilton Pereira lembra que no início da pandemia, toda a cadeia produtiva ligada à mobilidade foi impactada com as necessárias medidas de isolamento social na prevenção à covid-19. Com as pessoas trabalhando de casa e as aulas em instituições de ensino acontecendo de forma remota, em sua maioria, as montadoras produziram menos carros, as lojas de veículos venderam menos e as empresas de transporte público operaram com menos passageiros.

O professor de Engenharia Civil destaca que os dois anos atípicos de pandemia abriram a oportunidade dos gestores públicos adotarem medidas importantes na mobilidade urbana que eram impopulares antes da crise sanitária. "Perdemos uma grande oportunidade de incentivar novas culturas de deslocamento e de implementar políticas públicas de mobilidade. Medidas simples, como o alargamento das calçadas para dar mais segurança aos pedestres no distanciamento social, ou até mesmo no aumento da frota de ônibus, na abertura de novas ciclofaixas.

Ações que seriam feitas neste período de diminuição da circulação de veículos que teriam mais aceitação pública e que quando voltássemos ao normal não teriam como ser desfeitas", explicou.

As medidas ideais, como investimento em transportes sustentáveis e em tranposte público, refletem não somente na melhoria do deslocamento, mas também na redução da poluição do ar, principalmente nos grandes centros urbanos. Um estudo feito pela Nasa, agência espacial norte-americana, divulgado no fim de 2020, mostrou a redução de emissão de gases poluentes nas principais cidades da China e da Europa decorrentes do isolamento social e da consequente redução da circulação de veículos nas ruas.

O baixo crescimento da frota gera, consequentemente, uma queda na renovação dos veículos que circulam pelas cidades. Nilton Pereira destaca que quanto mais velho for o veículo, quanto mais anos de uso ele possuir, mais poluente ele será. "Tivemos uma comprovação concreta que, primeiro, é possível reduzir a quantidade de veículos nas ruas, e segundo, que essa redução de veículos gerou uma melhora na qualidade do ar. É preciso aproveitar o momento para reduzir o número de veículos, mas para isso, o poder público tem que investir em transporte público de qualidade", concluiu.



João Pessoa apresentou no ano passado um aumento de apenas 2,74% da frota em relação a 2019



Uiraúna possui localização estratégica de ligação na PB

Município fica localizado na rota que une várias microrregiões paraibanas ao Rio Grande do Norte e ao Ceará

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Uiraúna, localizado no Alto Sertão da Paraíba, a 464 quilômetros de João Pessoa, é conhecido como a terra de músicos, sacerdotes e médicos devido à forte vocação de seus moradores. A cidade tem muitas referências religiosas e os pontos fortes da sua economia está na agricultura, na criação animal e no comércio.

Devido a sua localização privilegiada, por se localizar na rota de ligação entre diversas microrregiões da Paraíba com os estados do Rio Grande do Norte e Ceará, Uiraúna se destaca como um

dos principais municípios do Alto Sertão devido seu comércio ativo. A informação é da prefeita eleita nas últimas eleições municipais, Maria Sulene Dantas Sarmiento (Leninha Romão, pelo PP).

Segundo ela, o destaque cultural da cidade são as bandas marciais, que inclusive já participaram de diversos torneios em estados nordestinos. Já o principal e único ponto turístico, é o 'Pico Mastruz', localizado no ponto mais alto da cidade.

Sua agricultura é rica na produção de arroz, banana, cana-de-açúcar, castanha de caju, coco da baía, feijão, mandioca, manga, milho e algodão. Já na pecuária, se

destacam os bovinos, suínos, equinos, ovinos, galinhas e frangos. Todos esses segmentos influenciam e contribuem com o crescimento econômico da cidade.

Vizinho dos municípios de São João do Rio do Peixe, Catingueira, Poço de José de Moura, Vieirópolis e Santarém, Uiraúna se situa a oeste de Santarém, e a Norte com Luís Gomes, no Estado do Rio Grande do Norte. Seus habitantes se chamam uiraunenses e o município se estende por 294,5 km². Segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade contava com 15.584 habitantes.

Características sociais e econômicas

De acordo com o IBGE, no ano de 2018, o município apresentava 57,5% de seus domicílios com esgotamento sanitário adequado e 96,2% domicílios urbanos em vias públicas com arborização e com a presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio. No mesmo ano dessa estatística, o salário médio mensal era de 1,5 salários mínimos, e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 10,2%.

"Uiraúna, ainda não tem hospitais públicos. Os que existem são filantrópicos,

mas já estou pleiteando através de emendas, um hospital público para a cidade junto ao Governo Federal", disse a prefeita Leninha Romão. Ela enfatizou que o município, apesar de ter sido muito prejudicado pela Operação Andaime, já está na luta, buscando ajuda parlamentar para a construção do terminal rodoviário, para a reforma do estádio de futebol e principalmente para a pavimentação de ruas.

A fundação de Uiraúna aconteceu no dia 2 de dezembro de 1953. A religião

predominante na cidade é o catolicismo, seguida pela evangélica. A taxa de escolaridade na faixa etária entre 6 a 14 anos é de 97,8% e o total de empresas atuantes com CNPJ é de 92%. A cidade dispõe de apenas uma agência bancária. Para atividades culturais, e de lazer, a cidade conta com uma biblioteca pública, associações recreativas, um museu, clubes, bandas de música e um ginásio poliesportivo. Em termos climatológicos o município está inserido no denominado "Polígono das Secas".



Foto: Divulgação

Filhos ilustres nas letras e política

Ao destacar os filhos ilustres da cidade, ela citou Luíza Erundina, o jornalista José Nêumanne Pinto, o cirurgião plástico Doutor Alisson Pinheiro e o também jornalista e escritor Waldemar Bispo Duarte que leva o nome da biblioteca pública local. A cidade conta com cerca de 15 escolas com 2.850 alunos matriculados. A maioria filhos de agricultores.

A mulher que mais orgulha os uiraunenses é Luíza Erundina de Sousa. Ela nasceu no dia 30 de novembro de 1934, filha do camponês Antônio Evangelista de Sousa e de Enedina de Sousa Carvalho. Estudou

nas cidades de Patos e de Campina Grande, em seu estado natal, e desde menina trabalhou para ajudar no sustento da família, pobre e numerosa. Em 1980, a convite de Luís Inácio Lula da Silva, foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT).

Atualmente Luíza Erundina é uma assistente social política brasileira, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e deputada federal pelo estado de São Paulo. Ganhou notoriedade nacional quando foi eleita a primeira prefeita de São Paulo pelo PT no período de 1989-1993.

Cidade que já teve vários nomes

Segundo historiadores, em 1601, o capitão-mor Antônio José da Cunha, vindo de Pernambuco, se estabeleceu no lugar onde hoje está situado o Município de Uiraúna. A partir daí, ele passou a organizar fazendas de gado, às margens do Rio do Peixe. O lugar teve vários nomes. Figurou como Distrito de Antenor Navarro com a denominação de Belém e, posteriormente, por decreto, passou a denominar-se de Cansã. Mas em dezembro de 1943, recebeu

o nome de Uiraúna, permanece até os dias atuais.

A história de Uiraúna também está relacionada com o desenvolvimento do cultivo da cana-de-açúcar no litoral paraibano, devido a concorrência com as Antilhas, que tornou a pecuária extensiva a base econômica do sertão. Uiraúna por situar-se na divisa Paraíba-Rio Grande do Norte-Ceará se tornou ponto estratégico de ocupação no Alto Sertão da Paraíba.

Foto: Divulgação



Sede da prefeitura de Uiraúna, município localizado no Alto Sertão paraibano que foi emancipado politicamente em 2 de dezembro de 1953



Foto: Gui Maia/Divulgação

Contagem regressiva para o Ano Cultural José Lins do Rego

Instituições e projetos estão sendo articulados para prestar homenagens ao consagrado escritor paraibano até 2022

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Após o anúncio, feito pelo governador João Azevêdo, de que 2021 é o Ano Cultural José Lins do Rego, as instituições já estão se articulando para prestar homenagens ao escritor paraibano. Na próxima quinta-feira (dia 3), data em que o autor completaria os 120 anos de nascimento, essa ação será lançada, dentro de uma programação que inclui vários eventos.

Na ocasião, deverão ocorrer algumas atividades, como a divulgação de editais nas áreas da educação e artes, a exemplo da parceria entre a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) e Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) para realização de concurso literário.

“A escolha do nome de José Lins do Rego, pelo governador João Azevêdo, foi muito importante, por se tratar de um autor que transcende o Estado, digamos assim, da fase moderna da nossa literatura que ficou reconhecido não apenas na Paraíba, mas também no Brasil e em âmbito internacional. E que essa envergadura inspire aos jovens a criar a cultura de ler José Lins do Rego, cujo livro *Menino de Engenho* completa 90 anos da publicação”, disse o secretário de estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB), Cláudio Furtado.

O gestor informou que para a próxima quinta-feira vem sendo programadas palestras sobre o autor, pela manhã e à noite, e um concerto do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima) com a participação de familiares do escritor.

Uma das atividades que a SEECT-PB realizará dentro do Ano Cultural é o tradicional Festival ‘Arte em Cena’. “Esse evento será voltado para a literatura de José Lins do Rego, para que os alunos leiam as obras e façam trabalhos em gêneros diversos, como crônica, ensaio, cordel e gravura, já que José Lins retratou a cultura da cana-de-açúcar. A ideia é também criar clubes de leitura das obras do autor, que tem, inclusive, livro infantil, para estimular o hábito da leitura”, informou o secretário

Cláudio Furtado.

A diretora presidente da Empresa Paraibana de Comunicação, Naná Garcez, considerou “fantástica” a iniciativa de João Azevêdo de instituir o Ano Cultural em homenagem a Lins do Rego. “O governador tem demonstrado que valoriza a cultura, os talentos da Paraíba e, com isso, permite que a juventude conheça José Lins do Rego e sua obra”, disse a gestora, acrescentando que uma das ações da EPC será o lançamento de uma publicação especial sobre o autor, que sairá encartada para os assinantes de **A União** e, posteriormente, liberada para bancas de revistas e jornais.

Naná Garcez ainda informou que deverá ser lançado, no mês de setembro, um livro sobre o homenageado com produção regional, envolvendo a Editora A União, que é vinculada à EPC, a Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e a Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas (Cepal) / Imprensa Oficial Graciliano Ramos. “José Lins estudou e morou em Recife e ambientou *Moleque Ricardo* nessa cidade, como era nos anos 1920. Ele também morou nove anos em Alagoas, onde participou de conversas com outros escritores, como Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Rachel de Queiroz e Aurélio Buarque de Holanda. O livro de José Lins, *Riacho Doce*, é inspirado na praia de mesmo nome, no Lito-

plemento especial sobre Lins do Rego e o lançamento, em parceria com a Funesc, do concurso literário em homenagem ao escritor, aberto a autores paraibanos. “É uma ação louvável do governador João Azevêdo a escolha de José Lins para o Ano Cultural. Trata-se de um dos mais importantes

do de José Lins, que tem obras traduzidas em vários países”, afirmou ele.

A Rádio Tabajara, que também é vinculada à EPC, elabora programação para o Ano Cultural. “Vamos fazer matéria especial sobre a biografia do escritor, com personagens

produzida por **A União** e valorizar iniciativas de resgate de memória e obra, como o Ano Cultural, promovido pelo Governo do Estado”, afirmou o gerente executivo de conteúdo jornalístico da emissora, Marcos Thomaz.

YouTube, dentro da parceria entre ambas as instituições. O gestor ainda disse que o público poderá assistir, pelo mesmo canal, a 39ª edição da Semana Cultural José Lins do Rego, que vai ocorrer dias 2, 4 e 5. “No evento, serão discutidos temas como o cinema, literatura e futebol, a partir da obra de Zé Lins, e vamos contar com as participações de artistas, pesquisadores e familiares do autor”, disse ele.

Pedro Santos ainda frisou outra iniciativa, esta em parceria com a EPC. Trata-se do concurso literário. “Serão premiadas, com publicações de livros, obras inéditas nos gêneros romance, conto, crônica, poesia e literatura infantojuvenil”, elencou. “Também serão realizados painéis sobre a obra de Zé Lins, ao longo do ano. O desafio é realizar uma ação dessa dimensão, mas a Funesc e o Governo do Estado, durante a pandemia, tem ofertado, pela Internet e nas redes sociais, produtos e ações culturais para a população”, afirmou.

A Fundação Casa de José Américo também participará do Ano Cultural. A diretora da Biblioteca da FCJA, Nadígila Camilo, revelou que, em parceria com a Funesc, promoverá um painel no dia 23 de julho, com transmissão pelo canal oficial da instituição e retransmissão pela TV Funesc, com o objetivo de comemorar o Dia Nacional do Escritor, que será em 25 de julho. “Na ocasião, a pesquisadora Janete Lins Rodriguez falará sobre as correspondências que José Lins trocava com José Américo de Almeida, pois ambos tinham amizade profunda. Outro tema será a relação de José Lins com o futebol. E também será lançado um cordel do poeta e professor Raniere Abrantes falando sobre as cartas escritas pelos dois autores”, explicou ela.



Ilustração: Tônio

Dentre os eventos para homenagear o escritor de ‘Menino de Engenho’ estão concerto do Prima, concurso literário, Festival ‘Arte em Cena’ e suplemento no Jornal ‘A União’

ral Norte de Alagoas”, disse ela, ao justificar o projeto editorial.

O diretor de Mídia Imprensa da EPC, William Costa, também destacou a importância da publicação de su-

escritores do Brasil e da língua portuguesa e que precisa ser mais bem conhecido pelas novas gerações. É uma política pública de envergadura e que vai dar divulgação a esse lega-

que tiveram ligação direta com a sua vida, como a filha. E vamos ouvir personalidades que estudaram sua obra, como acadêmicos. Quero destacar a publicação que está sendo

O vice-presidente da Funesc, Pedro Santos, destacou que a apresentação virtual que o Prima realizará na próxima quinta-feira será transmitida pelo canal da Fundação no

+ EPC lançará uma publicação especial sobre o homenageado

Um suplemento em homenagem ao escritor José Lins do Rego contendo reportagens inéditas e que revisitam o local onde o autor nasceu. É o que a Empresa Paraibana de Comunicação lançará na próxima quinta-feira, em live, às 17h com as participações da diretora presidente da EPC, Naná Garcez, o diretor de Mídia Imprensa, William Costa, e o gerente da Editora A União, Alexandre Macedo, e apresentação da jornalista Gi Ismael. “É uma publicação espe-

cial, dividida em três partes, ou atos, com relatos de pessoas, entrevistas com autoridades, historiadores e pessoas do povo sobre a obra, a importância e a memória de José Lins do Rego”, informou o gerente da Editora A União, Alexandre Macedo, que visitou, recentemente, os locais para obter informações com os entrevistados. Ele disse que a publicação contém imagens dos fotógrafos Roberto Guedes, Marcus Antonius e dos arquivos do Jornal **A União** e do Museu José Lins

do Rego, da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), além de ilustrações de Tônio e Vítor Eloy. Organizado por Naná Garcez, William Costa e pelo próprio Alexandre, o suplemento tem normalização de Thalita Braga, arte de Lênio Braz e pesquisa e digitação de textos publicados por José Lins no jornal, que foram feitas por Gil Figueiredo.

Alexandre Macedo esteve em vários locais. “Revisitei o Engenho Corredor, na cidade de Pilar, onde José Lins nasceu,

e entrevistei os atuais proprietários, os engenhos Maravalha, Taipu e Oiteiro, que ainda possuem estrutura preservada, e as ruínas do Engenho Tapuá, onde passou a infância com a sua tia, em São Miguel de Taipu”, descreveu.

“A primeira parte é de memória mais afetiva, seguindo os passos de José Lins, a segunda refere-se à vida e obra do escritor, contendo textos de intelectuais como Neide Medeiros, Hildeberto Barbosa Filho, Milton Marques Júnior e

Daniel Ramos. Há entrevistas com a atriz Zézita Matos, que nasceu em Pilar e fala sobre a sua participação no filme *Menino de Engenho*, e do poeta Jessier Quirino, que mora em Itabaiana, onde José Lins teve seu primeiro contato com a escola formal. E a terceira parte contém fotografias. Essa publicação especial tem um QR Code que leva o leitor ao filme *Menino de Engenho* e outro para levar às imagens dos fotógrafos”, informou Alexandre Macedo.

Hobsbawm, juventude e capitalismo

Com a “invenção da juventude” nos anos de 1950, nasceu junto a mercado voltado para os jovens. Os adolescentes de então tinham um poder aquisitivo maior que os de outras gerações; seus pais eram mais prósperos e a cultura juvenil passou por um processo de “autonomização”. O historiador Eric Hobsbawm conta que nessa época as moças e rapazes que viviam juntos em universidades já constituíam um número expressivo.

A “descoberta” desse mercado jovem teve efeitos revolucionários sobre a música popular e a indústria da moda. Hobsbawm diz que as moças britânicas desempenharam um papel importante no consumo de utensílios de moda, como minissaias, produtos de beleza e discos de música pop. Os homens na mesma idade estavam mais preocupados em consumir bebidas alcoólicas e cigarro.

Hobsbawm mede o poder aquisitivo dos jovens dessa época, analisando as vendas de discos nos EUA durante períodos específicos. Por exemplo, no início do rock, em 1955, as vendas movimentaram 277 milhões de dólares. Apenas quatro anos depois esse valor saltou para 600 milhões, em 1959, chegando a 2 bilhões em 1973. Também se observou maior que o negócio fonográfico, que era bem mais rentável em países ricos. Segundo Hobsbawm, os jovens de países ricos como “EUA, Suécia, Alemanha Ocidental, Países Baixos e Grã-Bretanha gastavam entre sete e dez vezes mais por cabeça que os de países mais pobres porém em rápido desenvolvimento, como Itália e Espanha”.

Um cenário assim criou as condições para a produção em massa de signos culturais da juventude. Sem dúvida, algo estranho para as gerações anteriores. Podemos falar de uma revolução cultural que abalou

costumes, redefiniu padrões estéticos e formas de lazer. Um aspecto fundamental nessa mudança foi a reafirmação da mudança do polo de gravitação da vida social do mundo rural para o urbano.

Outro aspecto da ascensão da cultura juvenil diz respeito ao surgimento do rock: “a sua mais perfeita tradução”. Curiosamente, o rock nasce de maneira espontânea e, só depois, é apropriado pela indústria cultural. Trata-se de um ritmo criado por pessoas pobres e negras, socialmente marginalizadas. Hobsbawm argumenta que os “jovens operários alfofadinhas do passado às vezes tomavam seus estilos da alta moda na camada social alta ou de subculturas de setores da classe média, como a boêmia artística; as moças operárias, mais ainda”.

Com o rock, pela primeira vez houve uma inversão: os “grã-finos” começaram a consumir produtos culturais criados pelos mais pobres. O jeans, por exemplo, se tornaria bastante popular entre diferentes camadas sociais; o que levou grifes famosas a produzir suas próprias peças para explorar esse mercado. E não parou por aí: Hobsbawm diz que os jovens aristocratas britânicos passaram a imitar o jeito de falar dos trabalhadores braçais e soldados, muitas vezes recheado de palavras.

Até mesmo a literatura não saiu imune: “A literatura não ficou atrás: um brilhante crítico teatral levou a palavra *fuck* (‘foder’) para o público do rádio. Pela primeira vez na história do conto de fadas, Cinderela tornou-se a beladade do baile não usando roupas esplêndidas.”

Hobsbawm viu o samba aqui no Brasil desempenhar um processo semelhante. Creio que, atualmente, o que chega mais próximo disso é o nosso funk.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A liberdade e o limite da angústia

O francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi filósofo, romancista e dramaturgo. Ele escreveu o denso livro *O Ser e o Nada* (1943). Essa obra trata da liberdade e foi publicada durante a Segunda Guerra Mundial. Naquela época, a França foi ocupada pelos nazistas, e o tema da liberdade não foi aceito por causa da afirmação de que “os seres humanos são livres”. Nesse contexto, os franceses sentiam-se encarcerados no próprio país. Na sua tese de liberdade, Sartre afirmou que os seres humanos não têm essência e não existe nenhuma singularidade de ‘ser’ para que sejamos humanos. Diante disso, conclui-se que Sartre não aceitou a transcendência e recusou a ideia de que Deus tinha alguma expectativa para o ser humano, portanto, estamos aqui sem nenhuma finalidade transcendente/metafísica. O existencialismo de Sartre afirma que o ser humano pode escolher o que quiser se tornar, porque “o ser humano é livre”. E quando uma pessoa, de forma submissa, permite que os outros decidam – por ela – uma forma viver, essa escolha também é livre, independente dessa pessoa se tornar o que os outros esperam dela.

A liberdade não garante o sucesso quando se escolhe fazer algo, e a causa do fracasso pode ser algo que sempre está fora da própria capacidade, entretanto, a pessoa é responsável por querer ou tentar fazê-la, e de como reagir ao fracasso. Enfrentar o suportar a liberdade é um desafio complexo, geralmente não se percebe quando se foge dela. De forma inconsciente, é mais fácil mentir ou sublimar quando não se é livre. Sartre afirmou que a pessoa é responsável pelo que faz ao cotidiano e pela maneira como ela se sente pelo que faz ou pelas próprias emoções que tem – por exemplo, de estar triste ou alegre. Nesse contexto, observa-se que se deve admitir que a pessoa é única responsável pela própria tristeza ou alegria. E isso é uma forma de ser livre e por isso não se deve agir com “má-fé”, que é fugir da liberdade. Sartre afirmou que é necessário assumir a condição natural da natureza humana, que é praticar as escolhas humanas para não mentir a si mesmo. Não mentir é acreditar que a natureza humana é livre para escolher o que fazer com a própria vida.



Segundo o filósofo Sartre, “o ser humano é livre”

Após a segunda guerra, na conferência *O existencialismo é um humanismo*, Sartre apresentou a existência humana mergulhada na angústia, porque somos responsáveis por tudo o que fazemos. A angústia se torna insuportável porque tudo que se faz com a própria vida – infelizmente – serve de modelo para o outro também fazer com a própria vida. Nesse contexto, fugir da angústia é não seguir modelos, por isso deve-se ser livre a fim de escolher as próprias decisões. Esse existencialismo apresenta a tese de que todo ser humano se encontra primeiro como existente no mundo e depois tem de decidir o que fazer com a própria vida. A tese que gravita o existencialismo de Sartre afirma que “a existência precede a essência”, enquanto a essência dos objetos criados vem antes da existência deles. Sartre afirmou que a vida só tem significado quando atribuímos a ela um sentido por meio das nossas escolhas, apesar de a morte surgir e acabar com esse sentido. Diante desse conflito, Sartre descreveu o ser humano como “uma paixão inútil”, ele disse: “Não há absolutamente nenhum propósito em nossa existência, só há o sentido criado por cada um de nós por meio das escolhas”. Na década de 1940, o existencialismo de Sartre foi centralizado nos indivíduos que fizeram escolhas para si próprios; mas, numa fase final de suas pesquisas, Sartre

estudou como os indivíduos se tornam parte duma comunidade ou sociedade, e como os fatores sociais e econômicos influenciam à vida humana.

O francês Albert Camus (1913-1960) foi romancista e filósofo. Ele foi influenciado pelo existencialismo de Sartre. Camus usou o mito grego de Sísifo para explicar a absurdidade humana. Esse mito trata da punição de Sísifo por ter enganado os deuses, a condenação foi de arrastar uma grande pedra até o topo de uma montanha. Quando Sísifo chegava ao topo, a pedra rolava para baixo e arrastava Sísifo, que tinha de recomeçar todo esforço desde o início, apesar do esgotamento físico e psíquico. O mito de Sísifo caracteriza a angústia da impossibilidade de ultrapassar o limite da “montanha” e a exaustão do eterno esforço cíclico. Camus apresenta a vida humana como representação da tarefa de Sísifo, porque a existência humana não tem significado e não há sentido na vida, porque não há respostas que expliquem tudo. Sartre e Camus consideraram a existência humana um absurdo, entretanto, Camus afirmou que não se deve perder as esperanças e nem cometer suicídio. Camus – de forma paradoxal – admitiu que Sísifo é feliz, porque há algo em relação a essa luta estúpida de “subir a montanha” com uma pedra que fazia a sua vida valer a pena. Diante dessa angústia, Camus apresentou a felicidade como dignidade na existência humana, de forma que é preferível viver do que morrer.

■ Sinta-se convidado a audição do 320º Domingo Sinfônico, deste dia 30, das 22h às 0h. Em João Pessoa/PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças do compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Irei apresentar as teses de Villa-Lobos para com a arte do folclore, que carregamos em nossos sentimentos e comportamentos. Ele se interessou pelos ritmos regionais do Brasil, em especial pela musicalidade dos cantadores nordestinos e suas diversidades rítmicas; e recebeu dos morros do Rio de Janeiro as influências dos ‘chorões’. Nesses choros, Villa-Lobos descreveu a melancolia do povo brasileiro.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O amigo fiel

Lembrei que eu já fui coveiro. Enterrei todos os cães e gatos que morreram em nossa companhia: uns por velhice, outros por doenças. O último foi o cachorro Totó, que era de meu filho Vítor. Tinha acabado de chegar do Pilates e o achei morto. A dona da casa ainda disse: “K, vamos deixar para enterrar amanhã”. Não, cavei o buraco e sob a luz da lanterna do celular enterrei o vira-lata.

Às vezes, eu acho que beira o ridículo o argumento de abrir um precedente, quando alguém pede que se abra uma exceção. Ora, não existe isso. Eu já falei aqui sobre essas duas questões. Não quero falar sobre o enterro dos cães e gatos, mas da verdadeira amizade. Au!

Vamos por parte. Um rapaz que eu amava e há muito tempo não nos encontramos, me parece o mesmo, nunca um cão raivoso. Ele fala bem do perdão, mas me parece que na prática... Está certo, cada um com seu propósito. Ele tinha um cão da raça Weimaraner, que é conhecido por “cachorro com cérebro humano”. Era lindo, acho que cinza. Esqueçam.

Numa farmácia global, uma senhora acompanhada de seu Pinscher, me reconheceu. Como ando com duas máscaras e o “Face Shield”, apenas acenei. Mas ela balbuciou: “Como vai Snowbel?” Era um cão que a gente tinha, um perdigueiro que foi roubado. Eu apenas fiz um gesto com as mãos.

O que você aprendeu na vida com os animais, Sr. K? Não sei. É como se não tivesse aprendido nada, mas aprendi bem mais com eles, do que com os homens.

Quis que fosse assim, por um pouco ou muito que a gente possa fazer numa amizade, mas nunca entendi a falta de correspondência ou se houve, porque se rompeu. Os cães morrem, os amigos também.

Amizade, essa preciosidade que já nem contamos nos dedos. Pois bem, já fui coveiro. E serei novamente.

Eu pensei em escrever ou descrever a morte do homem que amava os cachorros, uma carta de amor, mas a amizade é superior (inspirado em cena de *O primeiro homem*, de Albert Camus), eu desisto.

Pergunte a um menino o que é a amizade, que ele vai saber, exatamente pela pureza, mas o menino cresce e pode mudar de ideia. Acontece.

Minha mãe detestava cachorros, meu pai adorava. Quando a sopa estava quente, ela dizia: “Assopre forte, que esfria mais rápido”, o resto dê ao cão. O vento não leva tudo e nada invento – tudo tem sua beleza e solidão.

Digamos que eu nunca fui coveiro, que eu sou um psicanalista e percebo na fala do paciente, um lapso que trai sua aparente generosidade. Não sou psicanalista, sou jornalista e quando preciso, sou coveiro.

A vida, a morte e suas descobertas, principalmente, a partir desse momento em que passamos a revelar o amor que temos pelos animais.

Já fui coveiro, poderei ser novamente.

Amizade tem a ver bondade? Não, são palavras separadas. Um bom amigo, já está dizendo, é um bom amigo.

Eu tinha me casado há poucos meses. Uma noite, o telefone tocou perto das 22h. Era o arquiteto Germano Romero avisando que seu cachorro Weimaraner tinha morrido. Chamei Francis e fomos a pé à casa dele, na Avenida Nossa Senhora dos Navegantes. Não tínhamos carro e naquele tempo não havia tanta violência.

Eu moro em Cabo Branco e ele morava em Tambá. Fui lá, cavei um buraco no muro à luz de vela e enterrei seu melhor amigo, o amigo fiel. É assim que um bom amigo faz. Não seria uma forma madura de lidar com a amizade, mas uma forma carinhosa de chegar na hora.

Kapetadas

- 1 - Alguém já viu o Pinóquio japonês?
- 2 - Nunca mais vou aglomerar porque eu nem gosto mais de muita gente.
- 3 - Som na caixa: “Eu queria ser civilizado como os animais”, Roberto Carlos.

Foto: Divulgação



Weimaraner é uma raça de cachorros oriunda da Alemanha

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

De janela em janela, o cinema revê a arte de como espionar

Como entender se hoje continuamos vulneráveis, nestes tempos de virtual globalização eletrônica, e algumas vezes nos tornamos até presas fáceis das “naturezas sebosas” que povoam as redes sociais? Seres que normalmente ficam incólumes, por sinecuras de alguns poderes, pra continuarem existindo.

Esta semana, duas razões me levaram a refletir e a comentar sobre essa realidade da vulnerabilidade humana, diante dos avanços tecnológicos que dispomos. A primeira diz respeito ao voyeurismo nas redes sociais, quando se buscam as privacidades alheias. O segundo pretexto diz respeito ao próprio cinema, tomando como parâmetro de discussão *A Mulher na Janela* (*The Woman in The Window*), filme de suspense que assisti recentemente, dirigido por Joe Wright, baseado no homônimo livro de A. J. Finn, cuja personagem é mais trágica que no cinema.

Lançado pela Netflix no início deste ano, o filme narra a história de Anna Fox (Amy Adams) que mora sozinha, separada do marido e de uma filha menor, numa ampla casa em Nova York. Ela é vítima de uma fobia grave, passando os dias bebendo vinho e assistindo a filmes antigos na televisão, e conversando com estranhos pela Internet. Instigada por algumas películas, inclusive pelas cenas de *Janela Indiscreta*, de Alfred Hitchcock, passa a espreitar de sua janela uma família que acabara de chegar para morar logo em frente à sua residência, no outro lado da rua.

E aqui gostaria de criar um link temático, oportunizando o arrazoado acima proposto, sobre os dois motivos que me levam a tais reflexões. Um que diz respeito ao interessante trabalho de minha nora Secyiana Braz, de sua conclusão de curso



Foto: Divulgação

Com toques hitchcockianos, cena de 'A Mulher na Janela', lançamento da Netflix protagonizado por Amy Adams

em Comunicação, a mim carinhosamente entregue havia algum tempo. A mesma jornalista Secy Braz que, por algum tempo, esteve à frente das câmeras de uma TV local. O outro motivo diz respeito diretamente ao cinema e aos dois filmes acima citados.

Antes, porém, gostaria de transcrever, com a devida vênia da querida nora, um dos fundamentos que oportunamente usou na realização do seu trabalho de tese na universidade: “...busca compreender as motivações que levam as pessoas, que usam o Instagram, a acompanharem a vida de outras pessoas, principalmente as que são ‘famosas’ na rede. Bem como, os fatores que estão por trás da necessidade desses indivíduos, mesmo não sendo conhecidos, exporem suas imagens, seus cotidianos e vidas na rede social online”, conclui ela, para justificar a relação de seu texto com cine-

ma: “Para isso, comparamos o voyeurismo abordado no filme *Janela Indiscreta* com as janelas indiscretas das interfaces que possibilitam compartilhamento de imagens do Instagram, a exemplo dos stories.”

As razões acima nos levam às questões pessoais, atualmente envolvendo uma grande parte da sociedade no mundo. Muitos dos temas são dispersões midiáticas, a exemplo do fetiche ascensivo, além de tantos outros de estilo homofóbico. São condutas espúrias de alguém, cuja satisfação existe em violar a privacidade alheia, por vezes, tornando-se cúmplice de seus problemas. A rigor, essa é uma das discussões de *A Mulher na Janela*. Não terá sido um filme simpático à crítica, que tem como referência direta a obra hitchcockiana, mas carece ser visto. – Mais “coisas de cinema”, no blog: www.alexasantos.com.br.



APC debate o documentário 'Dom Fragoso'

Representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), a atriz Zezita Matos e o professor João de Lima participaram, no final da semana passada, de um debate promovido pelo Cineclube Sílvio Tendler, quando foi exibido *Dom Fragoso* (2011), documentário de Francis Vale sobre uma das maiores lideranças religiosas da Igreja Católica, no Nordeste.

O documentário de mais de uma hora foi apresentado, posteriormente foi discutido com a mediação do professor aposentado da UFPB, Carmélio Reinaldo. Estiveram presentes também na live, Clara Lira e Leny Rose, que participou da produção de *Dom Fragoso*.

Record publica obras de Paulo Freire

Na esteira do centenário de nascimento de Paulo Freire (1921-1997), celebrado em setembro, a Editora Record está publicando três obras do educador e filósofo pernambucano.

Em *Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis*, com coautoria de Ana Maria Araújo Freire, Paulo Freire volta-se para o mais profundo de seu ser com a intenção de analisar crítica e filosoficamente sua própria vida, suas ações, seus sentimentos, suas frustrações e tristezas.

Quando vivia no exílio, em Genebra, recebeu cartas de uma sobrinha pedindo que lhe contasse como tinha se tornado um educador famoso. Ela, Cristina, começava os estudos universitários e lendo os livros de Paulo Freire queria unir o tio amoroso de sua infância com o arguto filósofo que lutava contra as relações opressoras que caracterizavam as sociedades. O tio lhe prometera algumas cartas, que, na realidade, diante da vida atribulada de viagens e trabalhos no Conselho Mundial das Igrejas, jamais foram escritas. Somente mais de uma década depois, após 1988, já vivendo no Bra-

sil, a promessa nunca esquecida começou a tomar corpo num livro, este livro, que alcançaria não somente a sobrinha, mas todos os leitores interessados nos seus afetos e realizações.

Já *Educar com a mídia* trata da relação entre o ensino nas escolas e a importância dos meios de comunicação de massa entre os jovens. Na obra, Paulo Freire e Sérgio Guimarães dialogam sobre a possibilidade que as novas mídias oferecem a professores e professoras em sala de aula. Também defendem seu uso em termos de uma política educacional que possibilite a estudantes o espírito crítico fundamental para a formação da cidadania, o respeito à diversidade e o exercício da política. A edição conta ainda com prefácio inédito do professor e autor premiado Luiz Antonio Simas.

Por fim, *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* é uma compilação de textos redigidos entre 1968 e 1974, nos quais Paulo Freire mostra por que, num período tão mecanicista, a verdadeira pedagogia é aquela que olha a todo momento para a expressividade do aluno, para o exercício de sua compreensão crí-

tica da sociedade, e não para a sua acomodação. No método freireano, ao conhecer o sentido profundo da palavra e buscar assimilar o mundo através

de novas expressões, o aluno se torna capaz de transformar o que está ao seu redor e fazer cultura sabendo a extensão de seus atos.

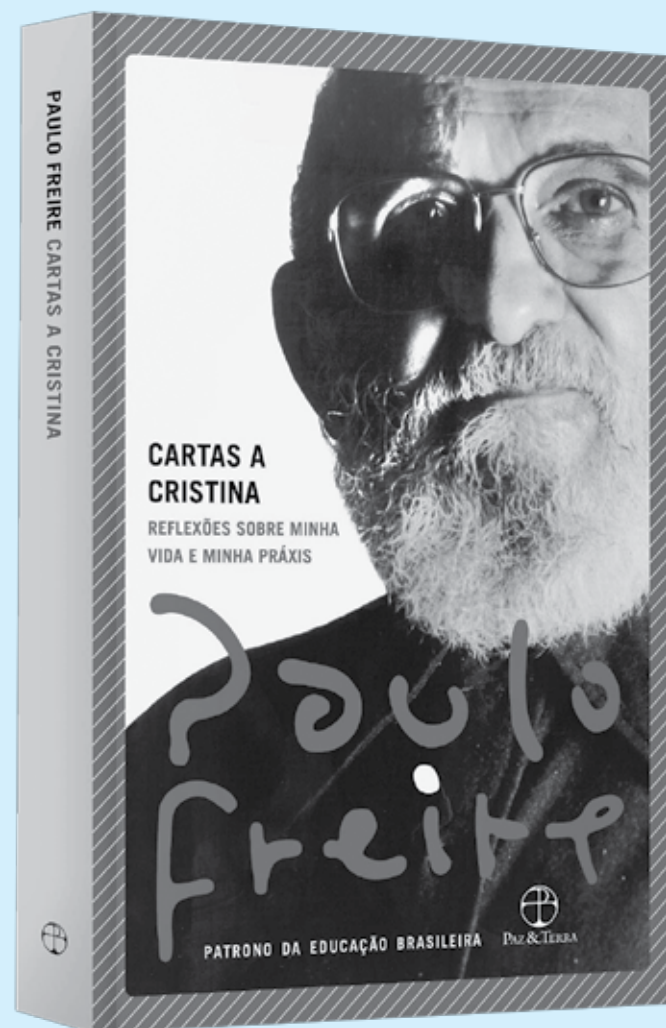


Imagem: Divulgação

Em 'Cartas a Cristina', Freire faz uma análise crítica da sua própria vida

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Personagens insólitos

Nas preliminares de Notas para uma definição do leitor ideal, Alberto Manguel se refere à multidão de “personagens insólitos” que, entre outros tópicos do universo literário, ainda lhe interessam na mágica experiência da leitura.

O que seria mesmo um personagem insólito?

Fico me perguntando. E para me responder, num curioso e atraente exercício de reflexão, lembro-me de alguns que me impactaram tanto, que passaram a fazer parte de minha vida, quer pelo espanto que me causaram, quer pelo inusitado das situações por eles vividas, quer pela complexidade psicológica (atitudes, ideias, sentimentos, obsessões, manias), quer pelos ensinamentos que me legaram. Não podemos esquecer que existe uma didática embutida no modo de ser e de agir de cada um.

O personagem insólito, quero crer, é o personagem incomum, estranho, singular, embora na sua singularidade, comporte o particular e o universal, para alcançar naturalmente a categoria de símbolo ou quase de arquétipo.

Vem-me à memória, neste instante em que escrevo essas linhas, um elenco que me parece inesquecível e bem talhado no que concerne ao paradigma proposto. Cito ao sabor e ao acaso da lembrança, certo de que a lista apenas se esboça.

Dom Quixote, de Miguel de Cervantes; Hamlet, de Shakespeare; Madame Bovary, de Gustave Flaubert; Brás Cubas, de Machado de Assis; Mischin, de Dostoiévski; Zorba, de Nikos Kazantzákis; Holden Caulfield, de J. D. Salinger; Bartleby, o escrivão, de Herman Melville; Riobaldo, de Guimarães Rosa; Florentino Ariza, de Gabriel García Márquez, e Sabbtah, de Philip Roth, entre outros que não me ocorrem agora.

Em certo sentido, esses personagens, pelo menos para mim, estão vivos. Como afirma Alberto Manguel, “Cada personagem se expande dentro da imortalidade que lhe concedemos”. Participam, aqui e ali, das minhas escolhas, das minhas ações, de meus valores. São velhos amigos que sempre renovam minha capacidade de olhar e apalpar o mundo além do catecismo convencional que vem da família, da escola, da religião e da sociedade. Gosto deles porque eles são eles, fiéis a si mesmos, não importa se tocados pelo vício ou pela virtude, pelo fogo diabólico ou pela chama divina. São humanos, muito humanos, demasiadamente humanos!

Com Dom Quixote, por exemplo, aprendi a força do sonho, o valor da justiça, a bravura e a coragem, mas, sobretudo, o luminoso toque do ideal. Hamlet me jogou no abismo da angústia e das interrogações metafísicas sem respostas, além de me chamar a atenção para o enigma da vida e da morte. Madame Bovary me mostrou o tédio a dois, a solidão, o desespero, o beco sem saída, o suicídio. Brás Cubas cultiva o cinismo como tática para desvendar o mundo, examinando os homens sob o ponto de vista da galhofa e da melancolia. Mischin me parece a transcendência mística sob o foco angelical da generosidade, da inocência e da ingenuidade. Zorba luta pelo melhor da vida, a liberdade, o prazer, a aventura. Florentino Ariza é prova inconteste de um amor maior, sem a lógica da razão humana, amor transtemporal, mais forte que o cólera. Riobaldo faz o balanço de sua vida numa narrativa quase mítica, num jeito de contar suas peripécias na travessia do mundo, o bem e o mal irmanados no meio do Sertão; Holden Caulfield, a integridade, a rebeldia, a independência, a ética de si mesmo. Bartleby, o escrivão, e seu mundo de silêncio, a sua autonomia incômoda. Sabbath, o imperativo da energia sexual misturado ao escatológico, ao patético, ao apocalíptico.

Não dá para esquecer essa gente estranha e, ao mesmo tempo, sábia e criativa. Talvez o insólito de suas personalidades resida no fato de que todos, sem exceção, são rigorosamente honestos e nunca abdicam de si mesmos. Não sei se Alberto Manguel pensa assim. Ele não chega a desenvolver este tema.

E você, caro leitor, já pensou nisso?

Mercado editorial brasileiro encolhe 8,8% na pandemia

Por conta das crises, houve um enfraquecimento das livrarias como pontos de venda e exposição dos produtos

Maria Fernanda Rodrigues
Agência Estado

Ano após ano, de 2014 a 2018, o mercado editorial registrou desempenho negativo. Crise macroeconômica, crise de gestão nas grandes varejistas, calotes, ausência de um grande *best-seller*. Mas 2019 foi um ano bom, de crescimento surpreendente até - de 6,1%. 2020 teria seguido essa tendência, acredita Marcos da Veiga Pereira, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), mas então surgiu o coronavírus. As livrarias foram fechadas, lançamentos foram suspensos, o brasileiro viu seu salário ser reduzido, muitos perderam o emprego, ficaram mais em casa.

Em 2020, o mercado editorial encolheu outros 8,8% (de 2006 a 2019, a queda somada foi de 20%), segundo a Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial. O desempenho das editoras no primeiro ano da pandemia, apurado pela Nielsen com base em informações fornecidas por elas, foi revelado nesta semana, pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Snel.

Como esperado, foram publicados e vendidos menos livros no ano passado. Em termos gerais, foram impressos 314 milhões de exemplares (82% em reimpressão e 18% de novos títulos), uma redução de 20,5% na tiragem total. E editados 46 mil títulos (76%, 35.087, se referem a reimpressões e 24%, 11.295, a novas obras) - uma queda geral de 17,4% nos lançamentos de novos livros. No total, foram vendidos 354 milhões de exemplares e as editoras faturaram R\$ 5,2 bilhões (R\$ 3,7 bilhões em vendas para o mercado e R\$ 1,4 bilhão para o governo).

Há alguns motivos para esse desempenho. Um deles é a desaceleração nos três primeiros meses da pandemia,



Para Marcos da Veiga Pereira, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), livrarias físicas "passaram muito tempo passivas esperando que o consumidor fosse lá comprar os livros"

quando ninguém sabia o que ia acontecer no mundo e tudo ficou em suspensão. Outro: o enfraquecimento das livrarias como pontos de venda e exposição - algo que já vinha acontecendo, mas que se acentuou agora. Em 2018, ela era responsável por 50,5% do faturamento das editoras. Em 2019, por 41,6%. Em 2020, por 30%.

Na contramão, as livrarias exclusivamente virtuais, como a Amazon, dobraram sua participação - de 12,7% em 2019 para 24,8% agora. Elas foram responsáveis por 84% do faturamento das editoras e venderam 53 milhões de exemplares. A venda em escolas também cresceu de 5,9% para 9,1%. E em marketplaces, de 5,2% para 8,1%.

Outro dado interessante: os clubes de assinatura de livros aumentaram em 174% sua participação no faturamento das editoras. O valor ainda é baixo, R\$ 36 milhões,

e muito baixo se comparado com outros canais de distribuição, como as livrarias virtuais (R\$ 932 milhões), mas é um formato de venda que vem conquistando leitores e mobilizando editoras e livrarias. "Ele vem registrando um crescimento sequencial e constante, por isso vale o destaque", comenta Mariana Bueno, consultora da Nielsen.

Por falar em leitura, o subsetor de obras gerais foi o que teve melhor desempenho, e com números positivos (aumento nominal de 3,8%), no ano passado, quando analisamos apenas as vendas ao mercado. Foram produzidos 21.599 títulos e impressos 80.581 milhões de exemplares. E foram vendidos, também apenas para o mercado, 88.081 milhões de exemplares (1,1% a menos do que em 2019. Quando colocamos as vendas para o governo na conta, os números caem

drasticamente. Mas é preciso lembrar que essas compras são sazonais, e em 2020 não houve compras para o PNLD Literário, o que melhoraria muito esses números.

Esses livros de obras gerais foram, em sua maioria, vendidos por livrarias exclusivamente virtuais (38,5% ante 12,9% no ano anterior), livrarias (29,8% ante 57,7%), distribuidoras (10,7% contra 13,2%), clube do livro (4,1% contra 1,1%), supermercado (2,8% contra 3,5%) e outros (14,1% ante 11,3%). Isso, em exemplares vendidos.

"A leitura de obras gerais cresceu. Temos visto isso no mundo inteiro, e esse crescimento entrou em 2021. As pessoas redescobriram os livros, se reconectaram com eles", comenta Marcos da Veiga Pereira, que também é dono da Sextante. "A pandemia fez as pessoas ficarem em casa e elas voltaram a procu-

rar o livro como forma de entretenimento, conhecimento e reflexão", completa.

Para o editor, o canal online foi muito eficiente nesse atendimento. Ao contrário das livrarias físicas, "que passaram muito tempo passivas esperando que o consumidor fosse lá comprar os livros, o varejo on-line bate na sua porta, chega no seu e-mail, três vezes por semana, ou mais."

O pior setor em 2020 foi o de livros religiosos. "Não imaginei que teria uma queda de R\$ 90 milhões, que é um pedaço grande da queda do mercado como um todo. Analisando, vemos que isso é quase totalmente vinculado ao segmento porta a porta, que requer contato pessoal e a pandemia trouxe exatamente o distanciamento social", comenta Pereira. O porta a porta vai cair ainda mais este ano, com a Avon deixando de vender livro.

Os didáticos também não foram bem no ano passado, e o setor apresentou queda de 11% nas vendas para o mercado e, em termos reais, essa redução é de 15%. CTP (Científico, Técnico e Profissional) continua em queda de produção e venda.

Desafios

Para Vitor Tavares, presidente da Câmara Brasileira do Livro, uma ameaça ao setor é a possível taxaçoão do livro, que é isento e na nova reforma tributária poderia deixar de ser. "O mercado vai sentir muito", diz.

O livro vai ficar mais caro, as vendas vão cair, a crise vai perdurar. Outro desafio, na opinião de Pereira, é o que a indústria do livro vai fazer quando as pessoas se sentirem mais seguras para voltar a sair. "Como vamos manter a leitura em alta?", questiona.

No 'streaming'

Bahia serve de cenário para a comédia 'Carnaval'

Foto: Divulgação



Valor da amizade é um dos motes do longa 'Carnaval', que vai estreiar no próximo dia 2

Bárbara Correa
Agência Estado

Devido à covid-19, o Brasil não teve a festa mais característica do país neste ano: o Carnaval. Porém, a Netflix produziu um "registro histórico" da última vez que essa celebração ocorreu em Salvador, para acalantar a saudade dos foliões que não puderam festejar no ano de 2021.

Carnaval é o novo filme de comédia brasileira que vai estreiar na plataforma de *streaming* no dia 2 de junho. No longa, a influenciadora digital Nina, interpretada por Giovana Cordeiro, descobre um vídeo de traição do namorado sendo viralizado.

No intuito de superar o término, ela procura contatos para viajar para Salvador, no Carnaval, com tudo pago. A protagonista embarca nessa festa junto das três melhores amigas, Michele, personagem feita pela *influencer* Gkay, Vivi, interpretada por Samya Pascotto, e Mayra, personagem de Bruna Inocencio.

Mal sabem elas que essa permuta vai trazer muito mais do que novos seguidores. A viagem fará com que todas redescubram o valor da amizade e conheçam toda cultura da cidade da Bahia, para além dos camarotes e festas glamourosas.

Em entrevista ao *Estadão*, o diretor Leandro Neri explica que a produção foi gravada no início de 2020 e que, a princípio, o intuito era que as pessoas se divertissem com as aventuras das quatro amigas. No entanto, as filmagens tiveram de ser interrompidas em março e só retomaram em setembro, devido à pandemia.

"O Carnaval no Brasil, neste ano, é na Netflix, não na rua. No início, eu queria fazer uma comédia bem-humorada e leve para as pessoas. Hoje, além disso, acabamos criando um filme saudosista. Isso porque, talvez, a gente tenha um registro histórico do Carnaval de um jeito que nunca mais vai existir. E também criamos um filme com tom escapista. Atualmente, as pessoas estão sonhando em viajar, festejar, poder se encontrar com quem

gosta. Temos em mãos uma peça que é exatamente o que todo mundo está querendo neste momento", afirma.

As filmagens foram todas feitas com imagens reais da folia em Salvador. Para Leandro, este foi um dos maiores desafios de sua carreira, pois, além da logística de gravar em um evento dessa proporção, ele estava representando a cultura baiana para todo o público internacional da Netflix. O filme também mostra a culinária local, músicas, rodas de capoeira e até rituais religiosos.

"Procuro sempre trazer verdades nas cenas, quero que as pessoas embarquem no filme. Então, gravar no carnaval era fundamental para mim. Além de filmar dentro das festas, a gente tinha sequências também nas ruas, no Pelourinho, e a contença nesses locais é muito complicada. O planejamento das sequências começaram um ano antes porque envolviam os personagens, que estão dentro do camarote, e até um cantor fictício que se apresenta em cima de um trio elétrico", explica.

A vocação e o gosto pela política estariam no sangue? E será que tem despertado os jovens? Alguns pais descrevem, com orgulho, o interesse de seus filhos pela militância política, que começa ainda na infância. Página 14



Foto: Agência Estado

Ação da Defensoria Pública transforma agricultor "invisível" em cidadão

Ironicamente, defensor que ajudou paraibano que "não existiu" por 62 anos a conquistar sua Certidão de Nascimento perdeu a vida recentemente para a covid-19

Da Redação

O dia 1º de janeiro de 2022 terá um novo significado para o agricultor José Ferreira de Lima, de 62 anos, residente em Caiçara, localizada a 143 quilômetros de distância da capital paraibana. Após cerca de seis décadas, pelo menos na memória dele, a data vai marcar oficialmente a sua primeira comemoração de aniversário.

Vivendo sem documentos ao longo de quase toda a vida, José Ferreira chegou ao desfecho de um processo

que começou há mais de cinco anos, quando procurou a Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB) para ingressar com uma ação de registro tardio de nascimento.

De lá pra cá, inúmeras diligências foram realizadas para buscar o paradeiro do provável local de registro do trabalhador rural, que não sabia, sequer, a data do seu nascimento. Foram oficiais os Cartórios de Registro Civil das cidades de Caiçara, Borborema e Araruna – sua cidade natal, bem como as paróquias das mesmas cida-

des. Nada foi constatado em relação a José Ferreira Lima, nome estimado com base no registro do seu irmão, que mora em outra cidade e que não se relaciona com ele.

Após essa incursão pelos cartórios – e tendo em vista a situação de hipervulnerabilidade do assistido, que mais do que nunca vinha enfrentando sérias dificuldades por não possuir nenhum documento –, a Justiça designou uma perícia médica para estimar a idade biológica do agricultor. Ele, então, foi submetido a um Exame de

Estimativa de Idade, realizado pelo Instituto de Perícia Científica (IPC) da Paraíba.

Com o resultado da perícia, que constatou idade aproximada de 62 anos, José Ferreira também ganhou um novo dia de nascimento: 1º de janeiro de 1959. A nova Certidão de Nascimento foi entregue na semana passada pelo Cartório de Caiçara, o que possibilitará ao agricultor a retirada dos demais documentos. A ação foi iniciada pelo defensor público Antônio Rodrigues de Melo, que morreu em março des-

te ano, vítima da covid-19, também contou a atuação da defensora Diana Guedes (atualmente na Defensoria Pública do Estado do Ceará) e foi concluída pelo defensor da comarca de Belém, Marcos Souto.

“É estarrecedor saber que ainda existem cerca de três milhões de brasileiros, segundo os últimos dados do IBGE, sem certidão de nascimento e, por essa razão, não têm qualquer acesso aos serviços públicos e aos programas de assistência social. Como é sabido, sem certidão

de nascimento, uma pessoa, oficialmente, não tem nome e sobrenome, não pode obter carteira de identidade e CPF, portanto, não existe para o estado, como cidadã. Dessa forma, o desfecho da ação permite, finalmente, que o senhor José Ferreira de Lima, ainda que tardiamente, seja reconhecido pelo estado, o que o possibilitará a exercer plenamente a sua cidadania e buscar os serviços públicos necessários para uma vida digna, como garantido pela Constituição Federal”, ressaltou o defensor Marcos Souto.



José Ferreira de Lima (ao centro) exhibe o registro tardio de nascimento, uma luta que começou há 5 anos

Fotos: Jocelino Tomaz/Divulgação

Morando de favor com a sogra

Morando de favor na casa da mãe de uma ex-companheira (falecida), com dificuldades na fala e vivendo apenas de doações e bicos que faz como agricultor, a documentação será importante, sobretudo para que ele possa dar entrada em benefícios sociais.

Com apoio do técnico judiciário Jocelino Tomaz, da comarca de Belém, foi perguntado ao “novo” Seu Ferreira como ele viveu todos esses anos sem documentos. Ele disse que sempre trabalhou na roça ou viveu pedindo nas ruas e que o seu registro original foi perdido quando ainda era criança e vivia com a avó. Ele também disse não ter memória de ani-

versário na infância e que o próximo dia 1º de janeiro será a primeira vez em que vai celebrar a data.

Dona Josefa Francisca da Silva, que acolheu o agricultor em casa e o levou à Defensoria para buscar a documentação cinco anos atrás, afirma que agora está mais aliviada. “Eu tinha muita preocupação com ele, porque ele não tem nada, nem ninguém. E aqui a gente vive com muito pouco. Depois que minha filha morreu, ele ficou por aqui mesmo, num quartinho atrás da minha casa, mas a situação é muito difícil. Não fosse a doação de alimentos que ele recebe da igreja, não sei como seria”, disse a aposentada de 70 anos.



Milhões sem documento

Em tempos de crises sanitária, social, política e econômica, entre os brasileiros que precisam urgentemente de ajuda financeira, como o auxílio emergencial do governo por exemplo, existem milhões que não têm como receber. Oficialmente, eles não existem.

Por falta de documentação, são pessoas que nunca puderam ir à escola, não têm acesso aos serviços de saúde e o mais terrível: não têm como provar que existem. Uma pessoa nessa situação não tem como provar quem é. E há casos de “invisíveis” que tentam tirar a certidão de nascimento, mas não conseguem, porque a mãe também não foi registrada.

O sonho de muitos é o de poder trabalhar, ir para a escola... Na

prática, o sonho de poder existir para sociedade. E a realidade é dura: milhões de brasileiros não foram registrados quando nasceram. Sem Certidão de Nascimento, não têm carteira de identidade e CPF. Essas pessoas não têm acesso aos serviços públicos, como saúde e educação, e nem aos programas de assistência dos governos.

De acordo com os últimos dados do IBGE, de 2015, foi calculado que três milhões de pessoas viviam nessa situação. São pessoas que sequer podem colocar o seu nome na Certidão de Nascimento dos seus filhos. Os “invisíveis” são “não-cidadãos”. Eles passam à margem de qualquer tipo de ação do estado. Sem o registro básico, vai ser informal a vida inteira. Inteiramente desprotegido.



José Ferreira de Lima, após mais de seis décadas, vai poder comemorar a sua primeira data de nascimento de forma oficial no próximo dia 1º de janeiro de 2022



Foto: Reprodução

Vocação para a política está no sangue e desperta jovens

Pais descrevem, com orgulho, o interesse de seus filhos pela militância política, que começa ainda na infância

Matheus Lara
Agência Estado

O professor universitário Hilton Pereira da Silva, de Brasília, se sente orgulhoso e até um pouco aliviado ao olhar para a filha Maria Luiza, de 13 anos, e perceber nela um interesse por política que ele próprio não pôde desenvolver nessa idade. “Minha infância foi vivida na ditadura. A discussão sobre política era muito restrita até para os adultos.” Hilton desejava que a menina tivesse uma formação diferente nesse aspecto e, junto com a esposa, decidiu que nenhum assunto seria tabu na criação dela.

O resultado veio naturalmente. Há dois anos, Malu avisou que queria ter uma conta no Instagram e que fosse algo construtivo. Com a supervisão dos pais, ela criou a página “Estude como uma menina”, na qual compartilha seus estudos e pensamentos sobre temas como igualdade de gênero. Recentemente, Malu passou a publicar trechos de conversas que teve com personalidades femininas, procuradas por e-mail ou pelo próprio Instagram.

A empresária Luiza Trajano, a deputada Tabata Amaral (PDT-SP) e a ministra-chefe da Secretaria de Governo, Flávia Arruda, estão entre as entrevistadas de Malu. “A política está em tudo que fazemos. Em casa, na escola, mas também na água que a gente toma e no nosso alimento. Gosto de debater de forma civilizada e ouvir opiniões divergentes”, diz a menina.

Malu integra uma geração que dificilmente vai ouvir que “política não é coisa de criança”, como muitos mais velhos que ela escutaram de seus pais. Para além do incentivo em casa, ela e seus colegas estão expostos a um incontável número de tuítes, “textões”, contas no TikTok, no Facebook e outras redes falando de temas como ações de governo, projetos de lei e investigações constantemente. Se os estímulos vindos de todo lado não podem ser ignorados, a preocupação de pais, escolas e instituições é que eles sejam absorvidos de forma positiva.

“Não há desinteresse pela política hoje em dia. Ao con-



Foto: Agência Estado

Maria Luiza, de 13 anos, ao lado do pai Hilton Pereira da Silva, professor universitário, recebe apoio da família para entrar na política

Palavrões do “politiquês”

Palavrões do “politiquês” como “suspeição”, “coligações” e “emenda parlamentar” ganham explicação didática nas reportagens do jornal Joca. A publicação quinzenal leva as principais notícias do Brasil e do mundo para leitores de 3 a 16 anos em diversas escolas do país.

“A ideia de que política não é coisa de criança é totalmente incomum hoje”, afirma Mônica Gouvêa, diretora educacional da publicação. “A gente lê notícias para se informar e poder interagir sobre os assuntos. As crianças podem e devem participar de situações como esta desde pequenas, tendo a responsabilidade de debater sobre o que pode ser mudado.”

Na semana passada, a equipe do Joca entregou à Prefeitura de São Paulo um documento com sugestões de crianças e adolescentes de escolas públicas e privadas colhidas durante o período eleitoral de 2020 para diferentes áreas da gestão municipal. Foram 99 sugestões, entre elas mais investimento em atendimento básico de saúde nas periferias, mais acessibilidade nas vias públicas e desapropriação de imóveis inadimplentes.

Um dos maiores destaques das demandas das crianças foi o pedido por mais investimento em ferramentas para universalizar o acesso à internet, facilitando as aulas online e o contato com as notícias (além de jogos e outros meios de entretenimento, claro) Relatório recente da Abrinq (Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos) mostra que 36% das crianças de famílias com rendimento per capita de até 1/4 de salário mínimo não têm acesso à internet.

“A juventude já está criando uma massa crítica para essa busca coletiva de saídas para vários temas”, diz Marco Konopacki.



Projeto ajuda na missão de educar

Iniciativas como o projeto Plenarinho, da Câmara dos Deputados, e as Câmaras Mirins, espalhadas pelo país, têm cooperado na missão de educar crianças e jovens para a política. Criado em 2004, o Plenarinho tem como público-alvo estudantes do Ensino Fundamental e, na internet, leva aos leitores conteúdo sobre a política nacional em vídeos, áudios, desenhos animados e jogos, por exemplo. No ano passado, o site registrou mais de um milhão de acessos.

Em Jaraguá do Sul-SC, a Câmara Municipal tem sua versão mirim há dez anos. O projeto simula o Legislativo municipal do número de parlamentares (11) a procedimentos para apresentar projetos de lei.

A atual presidente da Câmara Mirim da cidade, Maria Carollini Maes, 13, conta que a experiência ajudou a perceber a importância do diálogo. Ela costuma receber de colegas da escola sugestões de debates e projetos. “Ideias para melhorar o país podem começar em conversas, no diálogo. É muito importante”, explica a menina.

A Câmara dos Deputados recebe, por ano, cerca de mil projetos de lei

criados em parlamentos mirins de todo o país. Alguns já foram apadrinhados por deputados e tramitam na Câmara.

“É preciso mostrar a política como função primordial para harmonia da vida em sociedade, para que ideias possam ser implantadas de fato e enfatizar com os jovens que o encontro entre diferentes e o próprio conflito fazem parte desse processo”, diz Ana Marusia Pinheiro Lima, diretora da Coordenação de Interação com a População e Programas Institucionais da Câmara dos Deputados.

“É preciso mostrar a política como função primordial para harmonia da vida em sociedade, para que ideias possam ser implantadas de fato e enfatizar com os jovens que o encontro entre diferentes e o próprio conflito fazem parte desse processo”

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Chocalho de gado no pescoço da memória afetiva insultada

O sujeito chegava na casa de Ivaldo Gomes e era surpreendido com uma sineta peculiar: um chocalho desses de botar em pescoço de vaca, pendurado em um galho de árvore. Dá a sensação de que estamos em um lugar romântico, imagem de campo, sem poluição, sem pressa e sem energia elétrica e nervosa.

No grande teatro da vida, Ivaldo Gomes faz o papel de mediador, aquele que coordena as diversas vozes da sociedade, o provocador, o cara chato que induz à discussão, aquele que diz não para ver nascer o sim. Na sua vida particular, Ivaldo não complica a vida dos outros nem a dele, mas não abre mão de ser divergente. No lugar de campanha elétrica, badala seu chocalho. Cada pessoa inteligente tem seu repertório próprio de vida.

Outro dia fui à casa do Ivaldo Gomes e bati na sineta/chocalho. Achei o máximo! Aquele chocalho encerra uma lição de vida. O chocalho cumpria seu ofício de lembrar que as coisas simples trazem uma sensação de felicidade, não custam nada, estão sempre diante dos nossos olhos e marcam fundo e irremediavelmente a vida das pessoas.

Se cem anos viver, vou lembrar da primeira vez que

fui à casa de Ivaldo Gomes. Morrendo mais cedo do que desejo, peço moderação nos funerais, nada de caixão luxuoso nem prantos fingidos. Aceito preces por via das dúvidas, mas o supérfluo que queria: ser conduzido à cidade dos pés juntos ao som do badalo de um chocalho campesino, igual ao que Ivaldo Gomes usava na porta de casa. Devidamente guizalhado, meu enterro teria a dignidade de uma vaca velha que cumpriu sua missão e retorna tranquila ao aprisco no final da tarde.

Dizem escritos apócrifos que Ângelus, o anjo que anunciou o nascimento de Cristo, usava um chocalho para fazer saber a boa nova.

A maior glória e serventia do chocalho de Ivaldo Gomes era sua capacidade de transformar a disposição de espírito do suplicante que bate à porta do professor. Seja quem for, do carteiro ao cobrador de impostos que ele odeia, do pedinte ao doutor formado e mal-humorado, todos exibiam um sorriso de contentamento quando o dono da casa abria o portão. Tudo porque tiveram a sensação intimamente feliz de badalar um chocalho, de encarar o inusitado e o lúdico numa simples sineta.

Depois de quarenta anos servindo de referência na vizinhança, a casa de Ivaldo Gomes vem sendo sitiada por um bar insolente de pessoas desabusadas. Toda noite o bar dispara altos decibéis importunos, atrai bêbados inconvenientes, infringe as leis do solo urbano. Ivaldo acreditava nas formalidades e procedimentos legais para a convivência social, com suas leis de respeito entre os cidadãos. Buscou as instituições e autoridades responsáveis pelas normas e procedimentos urbanísticos e tudo o mais. Fizeram ouvido de mercado, como se dizia antigamente. O bar continuou desobedecendo as normas legais, incluindo os decretos municipais que limitam o funcionamento de bares e restaurantes da cidade.

Quanto ao chocalho, tema desta crônica, encontra-se inoperacional. Foi desativado. Ivaldo cansou de acordar no meio da noite com os clientes “chumbados” do bar tangendo o badalo. Pura bandalheira e patifaria. De instrumento até poético, o velho chocalho passou a símbolo da degradação urbanística, cujo processo desfigurou não apenas o meio ambiente, mas a própria paisagem humana.

Aplicativo facilita contato entre agricultura familiar e clientes

AgriFamGeo já está no ar apostando na capacitação e buscando levantar informações que auxiliem políticas públicas

Renato Félix
Especial para A União

Na comunidade rural Várzea Comprida dos Oliveiras, a cerca de 25km do centro da cidade de Pombal, mulheres comandam uma agroindústria: uma padaria especializada em bolos. Elas não só coordenam o negócio, como produzem elas próprias a variedade também de pães e biscoitos e outros produtos. Mas a comercialização é um desafio: as vendas acontecem apenas dentro da comunidade. Essa dificuldade existe para muitos produtores que trabalham na agricultura familiar: envolve, para começar, que as pessoas saibam onde e o que está sendo vendido. Para ajudar a resolver esse problema, um grupo da Universidade Federal de Campina Grande criou um aplicativo que entrou em funcionamento este mês: o AgriFamGeo.

A Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras foi escolhida para a fase de testes do aplicativo concebido pelos professores Ricélia Marinho e Gustavo Sales e pelo então mestrando Damião Rodrigues, todos do campus da UFCG em Pombal. "A gente vê nos textos de pesquisadores de diferentes áreas da sociologia rural que a comercialização é um ponto de entrave para a agricultura familiar", diz Ricélia, que é geógrafa e



Fotos: Divulgação

As mulheres comandam uma padaria especializada em bolos e produzem, elas próprias, também diversas variedades de pães, biscoitos e outros produtos

professora da área de Ciências do Ambiente e no Programa de Pós-graduação em Sistemas Agroindustriais. "E aí eu ficava pensando o que seria possível para tornar essa situação mais fácil".

A primeira coisa que ela percebeu é que há grande dificuldade de traçar uma localização exata de onde ficam as comunidades rurais, onde fica a produção da agricultura

familiar. "De diferentes setores e instituições diferentes, a gente tem informações que são muito personalizadas", conta. "Por exemplo, um extensionista rural conhece a área em que ele atua, mas as informações são muito incipientes".

A ideia do aplicativo surgiu, então, a princípio, para dar visibilidade a esses produtores, muitos "escondidos"

nas zonas rurais e sem condições de transportar seus produtos a centros mais movimentados, mesmo em suas regiões. "Nosso objetivo era fazer um mapeamento de onde está essa produção e esses produtores – essas pessoas que trabalham com agricultura familiar no Estado da Paraíba", afirma.

Essa jornada começou em 2014, mas foi acidentada

para conseguir recursos. "É um valor muito alto a criação de um aplicativo. É coisa de um milhão pra cima", conta a professora. A ideia tomou força no trabalho no edital do Governo Federal para estabelecer os Núcleos de Desenvolvimento do Desenvolvimento Territorial (Nedet). "Comecei a fazer diferentes levantamentos de empresas que poderiam subsidiar esse valor".

Tentativas de emplacar um projeto no Ministério de Ciência e Tecnologia não tiveram êxito. Junto ao CNPq, também não. "Em outro órgão financiador em nível internacional, também não obtivemos êxito: o projeto foi bem avaliado, mas não entrou na cota de financiamento", lembra ela.

Quando o Centro de Gestão e Estratégias da UFCG fez uma parceria para a implantação de centros de desenvolvimento regional no Brasil, reapareceu a ideia de trabalhar esse mapeamento. E, com ela, a ideia do aplicativo.

Porém, os R\$ 700 mil que seriam o financiamento não saiu até hoje por questões burocráticas, embora o projeto tenha sido aprovado. "Em 2018, a gente recebeu no nosso programa de pós-graduação em Sistemas Agroindustriais, na UFCG de Pombal, um aluno com formação em ciências da computação. Era Damião Rodrigues, que acabou integrado ao projeto.

"Ele disse: 'Eu não entendo muito como a minha área pode se encaixar aqui'. Na minha cabeça, a área já estava encaixada", brinca a professora. "Desde 2018, Damião trabalha duramente na construção da linguagem da informação para poder construir o aplicativo. Em 2020, ele concluiu o mestrado defendendo os testes do aplicativo".

+ Padaria comunitária

A padaria comunitária de Várzea Comprida acabou sendo o "case" ideal para esse teste. "A padaria foi escolhida porque é um processo que já é resultado de uma luta de muitos anos, organizada por mulheres rurais", explica Ricélia Marinho. "Elas conseguiram, com o recurso do Cooperar e com o apoio da gestão municipal, a aquisição dos maquinários, do meio de transporte para fazer a comercialização dos produtos e a construção do prédio. Antes as mulheres faziam bolos em suas casas, para tentar vender junto ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae)".

A padaria comunitária surgiu em 2016. "Ela beneficia não apenas uma família, mas diversas famílias da comunidade", explica Glauciene Ferreira Freires, presidente da associação das mulheres e que nasceu na comunidade. "A associação é composta por 16 mulheres".

A UFCG trabalhou com a comunidade no sentido de uma capacitação das padeiras. "A gente fez várias capacitações para falar de alimento saudável e sustentável", conta Ricélia. "A universidade deu apoio muito importante em relação à qualificação. O pessoal da Engenharia de Alimentos veio com curso de panificação, vendo toda a higienização do processo, a necessidade de fardamento, a qualidade do produto que vai ser fabricado".

Biodigestores foram implantados e o Comitê de Energias Renováveis atuou para que elas não fivessem que comprometer sua renda pagando a energia elétrica. "Então houve a instalação de um sistema de produção de energia solar", diz a professora. "Tudo isso nos motivou porque são pessoas que já têm uma consciência pautada no desenvolvimento sustentável".

Para Glauciene, o AgriFamGeo é uma experiência inovadora. "Principalmente nesse período de pandemia", afirma, lembrando que a comunidade negava a vender seus produtos na feira de Pombal, mas parou por conta da crise da covid-19. "Ampliar a comercialização, facilitar a comunicação e levar ao conhecimento maior das pessoas a existência do empreendimento vai ajudar". Sem falar que a comunicação direta elimina a figura do intermediário, que muitas vezes encarece os produtos.



A Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras foi escolhida para a fase de testes do aplicativo

Aprovação de edital

O AgriFamGeo foi pensado inicialmente em facilitar a transação comercial para os agricultores familiares e comunitários. Mas seu uso vai além disso. "Ele tem outras funcionalidades, principalmente para a gestão pública", explica Ricélia. As informações preenchidas pelo vendedor e a geolocalização vão gerar informações que vão ajudar nas tomadas de decisão pelos governos no atendimento a esse público. "Ter esse conhecimento através de uma informação segura vai levar a uma proposição inclusive de políticas públicas estruturantes com mais firmeza. A gente vai ter condições de identificar cadeias produtivas, diversidade de produção, localização dos produtores, dificuldade de transporte".

A fase de testes demorou cerca de seis meses. Após o desenvolvimento, a luta passou a ser a hospedagem do aplicativo. Quando Ricélia teve a chance de participar de um congresso internacional, era a chance de mostrar a ferramenta. Mas aí, era preciso que ela estivesse no ar, funcionando. "Precisei bancar a hospedagem, pelo menos temporária", conta.

Assim, o AgriFamGeo entrou no ar e permanece em funcionamento até, pelo menos, dezembro. Além da Bolo das Oliveiras, a empresa de polpa de frutas Fonte do Sabor e a Casa da Economia Solidária, também em Pombal, estão no aplicativo. "Lá tem esses três 'pontinhos verdes', ou, como chamamos, pontos iluminados", diz a professora. "O processo de inclusão é rápido, mas está acontecendo lentamente porque, primeiro a gente quer ter a segurança de que só vai ser cadastrado mesmo produtores ou o modo coletivo de produção da agricultura familiar, para a gente não perder o foco e dar realmente a visibilidade a quem precisa".

Os próximos passos já estão no horizonte. O projeto conseguiu aprovação em um edital da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB). "Nossa ideia é, no próximo passo, priorizar a terceira região geoadministrativa de Campina Grande. O sonho é passar para o estado inteiro e expandir". Cooperativas de outros estados do Nordeste e até do Rio Grande do Sul já mostraram interesse.

Mas agora que o aplicativo está no ar, acessível por smartphones, tablets ou computadores de mesa (<https://agrifamgeo.com.br/>), ela avalia que a equipe vai precisar crescer. "Vamos precisar de uma equipe maior para dar suporte e atualizar, promover a capacitação, o preenchimento do banco de dados, a análise do banco de dados", explica. "Porque nosso interesse também é elaborar documentos, contribuindo com conhecimentos".

Aos domingos com Messina Palmeira



1. Na última sexta-feira (28), aconteceu a primeira Assembleia-Geral da Academia Cabedelense de Ciências, Artes Letras (ACCAL) – Litorânea, sob a presidência de Tania Castelliano (foto), secretariada por Francelino Soares. Nomes representativos dos meios literários litorâneos farão parte da nova Instituição Cultural, cuja posse dos primeiros ocupantes está prevista para o próximo mês de agosto.
2. João Pinto, Roberto Ney, Marcus Alves, Caius Marcellus Lacerda, Bruna Moura, Alice Fernandes, Gerardo Rabello, Elson Carvalho, Nancy Pereira, Gilson Lira, Nice Guedes, Manuela Gonçalves e Wilson Figueiredo são os aniversariantes da semana.
3. A Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB), em parceria com o SEBRAE - Paraíba, vai promover o I Seminário de Transformação Digital na Educação e na Ciência e Tecnologia: práticas inovadoras e criativas. O evento, que vai acontecer de maneira remota, por meio do canal no YouTube da SEECT-PB, nos dias 1º, 2, e 3 de junho próximos, já está com inscrições abertas no site <https://cutt.ly/snwQL9j>. Luiza Helena Trajano (foto), presidente do Conselho do Magazine Luiza, é uma das palestrantes do Seminário.
4. O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, declarou que a Espanha (foto), a partir do dia 7 de junho deste ano, vai estar com as fronteiras abertas para turistas vacinados de qualquer lugar do mundo, desde que estejam completamente imunizados com vacinas aprovadas pela União Europeia ou pela Organização Mundial da Saúde.
5. Essa quarta-feira, dia 2 de junho, marcará o aniversário do advogado Elionay Castro, sócio da TCS (Teodósio, Castro e Souza) Advocacia. No recesso do lar, receberá o carinho do avô João Nunes de Castro, dos pais João Nunes e Diana Castro, do irmão Allef e da namorada Linda Rhayana.
6. O casal Hermes Alvarenga e Val Nascimento e o filho, Valdeir Pereira do Nascimento se deliciaram com um “menu dos deuses”, assinado pelo chef de cozinha, francês, naturalizado brasileiro, Érick Jacquin, no restaurante Nui 360.
7. A primeira-dama do Estado, Ana Maria Lins, entregou, na quarta-feira (26/05), os sistemas de energia solar da Casa da Criança com Câncer e do Lar da Providência. Os recursos investidos são oriundos do Governo do Estado, por meio do Fundo de Erradicação e Combate à Pobreza (Funcep), no valor de R\$ 470 mil. Na Casa da Criança com Câncer, Ana Maria Lins (foto) foi recebida pelo diretor da entidade, Gilvandro Guedes, e pela coordenadora, Welma Carvalho.
8. A Funjope fechou parceria com o “Belas Artes Grupo”, complexo composto pelo cinema de rua de São Paulo “Petra Belas Artes”, pela distribuidora Pandora Filmes e pelo streaming “Petra Belas Artes à La Carte”, para exibição on-line de filmes paraibanos. De acordo com o chefe da Divisão de Audiovisual da Funjope, Paulo Roberto de Souza Júnior, serão exibidos 24 filmes, entre longas e curtas-metragens, disponíveis gratuitamente no Petra Belas Artes à La Carte.
9. O Mundo das Tintas, em parceria com as Tintas Coral, realizou a edição 2021 do Colour Future, de maneira remota, na última quinta-feira (27/05), com as participações de jornalista Thalita Carvalho (foto) e da arquiteta Fernanda Mocerí.
10. A professora e palestrante Rivalina Fernandes, na foto entre as amigas Auxiliadora Cardoso, Helia Botelho, Antônia Claudino e Teresinha Vaz, teve seu aniversário festejado durante chá da tarde na “Mimo Doce Café”, cafeteria instalada no elegante Paço Rivière, no Solar Tambaú.

Slow Living

A busca por uma vida mais leve

Conceito ganha força com proposta de vida ambiental, social, cultural e economicamente mais plena e justa

Agência Estado

De acordo com a OMS, o Brasil é o país mais ansioso do mundo desde 2017. No entanto, a chegada da pandemia trouxe uma outra batalha que precisa ser driblada e ela já tem nome: coronafobia, uma ansiedade grave classificada como um medo extremo de contrair o vírus levando a sintomas excessivos de ordem física, psicológica e comportamental.

Se não bastasse isso, parece que as 24 horas do dia não dão conta do dia agitado, apesar da tendência profissional ao trabalho multitarefas. ‘Quantas vezes você tem a sensação de que está apenas passando pela vida sem vivê-la? Você não está sozinho. Isso não é algo isolado’, ressalta a neuropsicóloga Marina Von Zunben.

Não à toa, a síndrome de Burnout, caracterizada pelo alto nível de estresse, entrou, em 2019, para a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde

(OMS). Conforme a International Stress Management Association (ISMA-BR), o Brasil é o segundo país com o maior número de pessoas afetadas pela síndrome.

Pode parecer um beco sem saída tendo que lidar com tantas emoções e angústias, mas há, sim, uma luz no fim do túnel, segundo Von Zunben. ‘A busca por uma vida mais leve e equilibrada se tornou uma questão de sobrevivência, por isso, tantas pessoas estão buscando que sua presença no mundo faça sentido. Dessa forma, o movimento Slow Living tem ganhado força com uma proposta de vida ambientalmente, socialmente, economicamente e culturalmente mais plena, justa e respeitosa’, explica.

O Slow Living, ou Vida Lenta em tradução livre, é um estilo de vida que surgiu na Itália, na década de 80, junto com o slow food, em contraposição ao fast food. O movimento propõe conectar-se com o presente, que



Adeptos do Slow Living tentam reconexão com os demais e com a natureza

prega mais autoconhecimento, bem-estar, saúde e respeito consigo mesmo e com o meio em que vive. Tem como objetivo fazer enxergar que viver lentamente não quer dizer ficar parado ou ser preguiçoso, mas, sim, revisar a forma de relação das pessoas com meio ambiente e a sociedade.

As incertezas causadas pela covid-19, a glamorização do estresse, da vida multitarefas com prazos curtos faz com que as pessoas vivam cada

vez mais ansiosas e isso impacta na qualidade de vida. Porém, Marina Von Zunben lembra que fazer mais rápido nem sempre quer dizer fazer melhor, e é exatamente isso que o Slow Living propõe. ‘Se existe alguma lição boa que podemos tirar dessa pandemia é a percepção de que precisamos reduzir a velocidade, rever hábitos, para enfim, poder respirar’, aconselha.

A neuropsicóloga afirma que pequenos hábitos como desconectar-se por

mais tempo do celular, já são um passo para o slow living. ‘Dar uma pausa é extremamente saudável para os momentos das refeições para aproveitar melhor as conversas, as horas de lazer, e, principalmente, para ter noites de sono com mais tranquilidade’, observa.

A profissional acrescenta ainda alguns caminhos básicos que podem ajudar na transição para o slow living:

- Buscar pelo autocuidado, entender o que traz felicidade, o que acalma e o que traz paz ao coração.

- Fazer uma coisa de cada vez e não ceder às pressões do dia a dia

- Buscar por atividades que se conectem com a natureza, como a jardinagem, por exemplo.

- Fazer pausas durante o dia, contemplar a paisagem, ouvir a música

preferida, fazer meditação, observar o espaço e as pessoas em volta com mais calma e atenção.

- Reavaliar as rotinas e descobrir o que não é prioridade. Assim, você tomará decisões melhores e com mais tranquilidade;

- Reorganizar o tempo em família, pois valorizar o lar e os relacionamentos são atitudes indispensáveis para construir memórias inesquecíveis com quem você ama.

O movimento oferece um cenário de abordagens mais acolhedoras e sustentáveis com o corpo, com a vida e com o planeta, contrapondo a supervalorização do ritmo frenético atual. ‘O principal ponto do Slow Living é encontrar seu melhor, e nesse processo, com toda certeza não só você será o beneficiado, como todos os que estão a sua volta’, resume.

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Crisótopo da Silva, 221
ALTIPLANO José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 53046-005
Contato: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

Fotos: Divulgação/Fiep



Melhor mês no estado, em 2020, foi junho, quando o volume de carga chegou a 290.284 toneladas

Paraíba ocupa primeiro lugar na produção de cimento do NE

Estado produziu mais de 2,4 milhões de toneladas no ano passado, um desempenho acima da média regional

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A Paraíba ocupa o primeiro lugar no Nordeste na produção de cimento. Mesmo com a crise advinda da pandemia, o volume fabricado pelo estado apresentou alta de 22,18% de janeiro a setembro do ano passado, se comparado ao mesmo período do ano anterior. Foram 2.425.007 toneladas em 2020 contra 1.984.725 toneladas em 2019. Esses são os dados mais recentes divulgados pelo Sindicato Nacional da Indústria de Cimento (Snic).

Com este desempenho, a indústria de cimento paraibana representou 26,17% de toda produção do Nordeste (9.263.321 toneladas) e 5,43% da produção nacional (44.649.863 toneladas) nos nove meses do ano

passado (veja quadro com volume mensal do estado e o ranking do Nordeste). O melhor mês de produtividade do estado em 2020 foi junho, quando o volume chegou a 290.284 toneladas, representando 26,33% da produção da região (1.102.116 toneladas) neste mês.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep), Francisco Buega Gadelha, afirmou que a Paraíba tem história na fabricação de cimento, tendo abrigado a primeira fábrica do país, construída em 1892. "A região litorânea do estado tem solo rico em calcário e uma localização estratégica no Nordeste", frisou.

Segundo Buega, a maior parte do consumo de cimento acontece nas edificações, sejam comerciais, industriais ou residenciais. A cons-

trução civil é um mercado que, mesmo sentindo o forte impacto da pandemia, vem se recuperando desde o ano passado, repercutindo na indústria do cimento. Isso pode ser comprovado pelo número de empregos formais divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho.

No início de 2020, quando foram registrados os primeiros casos de covid-19 na Paraíba e ações mais duras de isolamento social, havia 33.463 trabalhadores com carteira assinada no setor entre os municípios paraibanos. Mesmo assim, a construção civil conseguiu fechar o ano com 39.793 contratações na Paraíba.



Continua na página 18

Paraíba tem tradição na fabricação de cimento, tendo sido local da primeira fábrica do país

Dados sobre cimento no estado

■ Produção de cimento na Paraíba de janeiro a setembro de 2020 (t)

Janeiro	-	280.820
Fevereiro	-	257.566
Março	-	256.720
Abril	-	204.270
Maio	-	276.571
Junho	-	290.248
Julho	-	286.450
Agosto	-	286.392
Setembro	-	285.970

Fonte: Snic

■ Ranking da produção de cimento no Nordeste de janeiro a setembro de 2020 (t)

1 - Paraíba: 2.425.007
2 - Ceará: 1.742.083
3 - Sergipe: 1.627.259
4 - Bahia: 901.183
5 - Rio Grande do Norte: 718.295
6 - Pernambuco: 326.068
7 - Alagoas: 279.205
8 - Maranhão: 258.021
9 - Piauí: sem registro

Fonte: Snic



Solo rico em calcário da região litorânea e a localização estratégica favorecem produção no estado

Opinião

Adelto Gonçalves
Jornalista | Colaboração

Mercosul: a hora da virada

A nomeação do ministro das Relações Exteriores, Carlos Alberto Franco França, em substituição a Ernesto Araújo, abre perspectivas para uma fase de recuperação do Mercosul, bloco criado em 1991 pela assinatura do Tratado de Assunção e que hoje reúne Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai e outros países associados. Como se sabe, depois de um período de crescimento, o Mercosul passa hoje por uma fase de incertezas, acentuada pelos problemas causados pela pandemia de coronavírus (covid-19), depois que o Brasil deixou de ser o principal parceiro comercial da Argentina, país que, até há poucos anos, estava entre os três principais mercados de produtos brasileiros no exterior.

Hoje, o lugar da Argentina é ocupado pela Holanda, que vem comprando principalmente soja, petróleo e combustíveis. Em contrapartida, a China passou a ocupar o posto de principal parceiro da Argentina. Reverter essa tendência é um dos maiores desafios que o novo ministro terá à frente da pasta. Para tanto,

deverá deixar de lado quaisquer afinidades ou repulsas ideológicas com governos dos países parceiros, mirando apenas nos resultados comerciais. E esquecer as públicas divergências entre os presidentes Jair Bolsonaro e Alberto Fernández, que só contribuem para obscurecer um ambiente já turvo.

É de se lembrar que o Mercosul, de 2011 a 2020, constituiu um mercado quase cativo do Brasil, ou seja, o país exportou US\$ 54 bilhões a mais do que importou dos demais parceiros do bloco, com uma pauta diversificada, que ia de produtos manufaturados a alimentos e commodities. Em uma década, o superávit comercial foi inferior apenas ao acumulado com a China, país para o qual o Brasil exportou US\$ 158 bilhões a mais do que importou, com a diferença de que a pauta de exportações com a nação asiática está limitada a poucos produtos, especialmente soja e minério de ferro.

Para se ter uma ideia da importância do Mercosul, basta lembrar que o Produto Interno Bruto (PIB) do grupo está ao redor

de US\$ 5 trilhões, o que lhe garante a posição de quinta maior economia do planeta. Não é pouco. O Mercosul vende 63% da soja mundial e é o maior exportador de carne bovina e de frango, milho e café, o que, na verdade, sempre constitui um grande obstáculo à concretização de um acordo de livre-comércio com a União Europeia, em razão do lobby dos produtores agrícolas europeus, que o veem como uma real ameaça aos seus interesses.

Já para os parceiros do Mercosul, o Brasil exportava majoritariamente produtos industrializados, em especial automóveis. Isso significa que, quando essas transações caem, a indústria brasileira definha, com reflexos negativos na geração de renda para as famílias, impostos, ciência e tecnologia. Apesar disso, o governo brasileiro demorou a se mobilizar para reverter esse quadro, na tentativa de devolver ao Mercosul a importância que sempre teve no comércio exterior brasileiro.

Com a indicação de França para a chefia do Ministério das Relações Exteriores,

aparentemente, esse imobilismo chegou ao final, pois o novo ministro, como ficou claro em seu discurso de posse, é um quadro formado dentro de uma visão pluralista e universalista que deu ao país grandes diplomatas, como Oswaldo Aranha (1894-1960), San Tiago Dantas (1911-1964), João Cabral de Melo Neto (1920-1999), José Aparecido de Oliveira (1929-2007), Dário Moreira de Castro Alves (1927-2010) e Alberto da Costa e Silva (1931), entre outros.

Segundo França, "não há modernização sem mais comércio e investimentos, sem maior e melhor integração às cadeias globais de valor", o que significa que, daqui para a frente, o país terá uma política externa com um sentido universalista, "sempre guiado pela proteção de nossos legítimos interesses". Em outras palavras: França pode abrir novos caminhos para o comércio exterior brasileiro, "sem preferências desta ou daquela natureza". Só se espera que o principal mandatário não venha a atrapalhar esses planos.

No Brasil, há 24 grupos cimenteiros nacionais e internacionais instalados e, dentre os principais, quatro possuem fábricas na Paraíba



Fotos: Marcus Antonius

Setor resiste às incertezas do mercado e mantém empregos

Indústria cimenteira requer grandes investimentos e está sujeita às pressões de custo, mas segue contratando na pandemia

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Mesmo com a farta produção estadual, a indústria cimenteira não está imune às incertezas do mercado e, de acordo com o presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep), Francisco Buega Gadelha, é uma área sensível aos resultados da economia, aos investimentos em infraestrutura, às taxas de juros, aos financiamentos imobiliários, ao desemprego e, até mesmo, à redução no valor do auxílio emergencial do Governo Federal. Esses fatores, segundo ele, geram incertezas quanto ao futuro do mercado.

Buega Gadelha declarou que a indústria cimenteira requer grandes investimentos e está sujeita às pressões

de custo. “Suas despesas com combustíveis e energia elétrica representam mais de 50% na formação do custo direto de produção de uma fábrica de cimento. O produto é uma commodity de baixa substitutibilidade, presente em todo o tipo de obra, das mais simples até as mais complexas, do início ao fim das mesmas, e por ser um produto de baixa relação preço/peso, é bastante onerado pelo frete, na distribuição, sofrendo o impacto com os aumentos de combustível e outros derivados de petróleo”, explicou.

O presidente da Fiep acrescentou que o modal de transporte mais utilizado pelo segmento é o rodoviário e que um ponto fundamental para o futuro da indústria cimenteira será a Reforma Tributária.

Dentre os principais grupos cimenteiros do país, quatro estão instalados na Paraíba: a Brennand Cimentos - Cimento Nacional, situada em Pitimbu; a Inter-cement (antiga Cimpor), em João Pessoa; a Elizabeth em Alhandra; e a Lafarge Holcim, na cidade de Caaporã. Essa última, é líder mundial, com sede em Zurique. Citando dados do Ministério do Trabalho e Emprego, a Fiep informou que, juntas, essas indústrias empregam 712 trabalhadores formais.

No Brasil, há 24 grupos cimenteiros instalados, nacionais e internacionais. Segundo a Fiep, o segmento é responsável por mais de 70 mil empregos no país, gerando uma renda de R\$ 26,4 bilhões e uma arrecadação líquida anual de 3 bilhões em tributos.

+ Produção encontra mercado interno

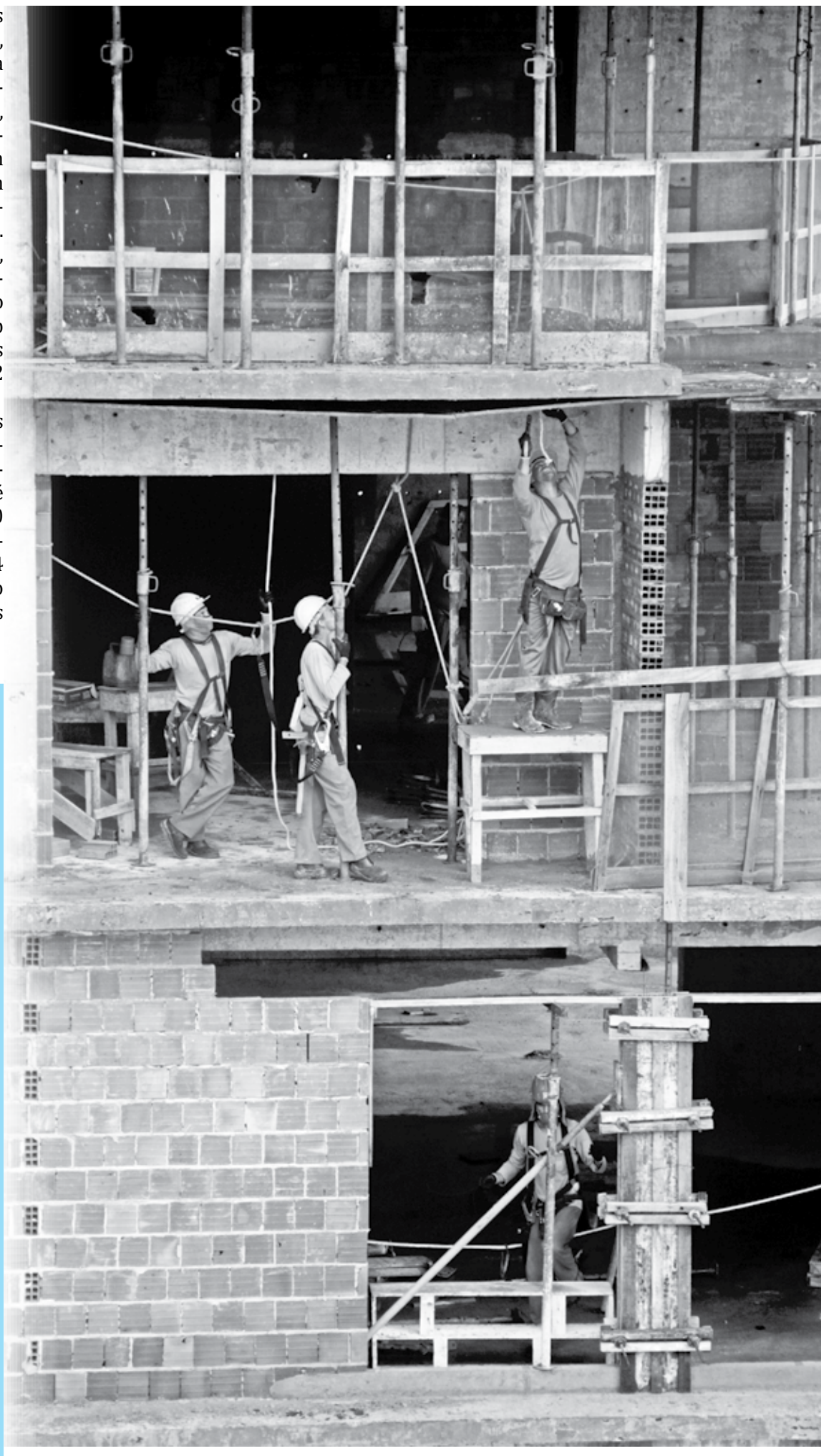
A Paraíba é o 6º estado do Nordeste no consumo de cimento. De janeiro a setembro do ano passado foram 758.418 toneladas consumidas segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Cimento (Snic). O pior desempenho foi no mês de março, período em que surgiram os casos de covid-19 no estado. Neste mês, o consumo chegou a 63.156 toneladas, dando sinais de alta significativa somente no segundo semestre. Em setembro, o estado já havia consumido 103.000 toneladas do produto.

A compra do cimento está intimamente ligada ao desempenho do mercado da construção civil, que se comportou de forma semelhante em 2020. Se nos primeiros meses do ano passado, o mercado apresentou baixa no volume de imóveis concluídos, foi tomando fôlego depois de junho. Segundo o presidente do Sindicato da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon-JP), Wagner Breckenfeld, mesmo após a retomada gradual da atividade no segundo semestre do ano

passado, a construção civil na Paraíba fechou o ano passado com perdas, mas a situação poderia ter sido mais crítica.

Segundo ele, o número de alvarás e habits (novas moradias) emitidos pela Prefeitura de João Pessoa o ano passado foi de, respectivamente, 1.876 e 11.556. Em 2019, a quantidade de alvarás foi de 1.741 e o de novas moradias chegou a 12.461. “Essa queda no número de habits foi reflexo da pandemia. Se compararmos com outros estados do Nordeste, sentimos a crise, mas não chegamos a uma situação crítica. Conseguimos manter um nível considerável de emprego”, afirmou Breckenfeld.

O presidente do Sinduscon-JP destacou que se for considerado o consumo da indústria da construção civil na capital, há excedente de cimento, uma vez que a quantidade fabricada do produto é ampla. “Esse excedente vai até para estados do Norte, como o Pará. O nosso polo cimenteiro atende de forma satisfatória o mercado local. Não temos do que reclamar”, ressaltou.



Setor da Construção Civil fechou o ano de 2020 com quase 40 mil trabalhadores com carteira assinada no estado



Transtornos mentais na infância e os desafios de uma vida normal

Esse novo normal, que já dura mais de um ano, vem gerando impactos psicológicos, sobretudo em crianças que já apresentavam algum tipo de transtorno antes da pandemia

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Assim como acontece com os adultos, as crianças também são afetadas pelos transtornos mentais que podem ser causados por situações adversas ou até mesmo de forma hereditária. Nesse período de pandemia do novo coronavírus, então... os pequeninos também tiveram que se adaptar às novas rotinas dentro de suas casas, além de aprender a lidar com o luto por perder familiares para a covid-19.

Esse novo normal, que já dura mais de um ano, vem gerando impactos psicológicos que se intensificam, sobretudo

em crianças que já apresentavam algum tipo de transtorno antes da pandemia. A irritabilidade, transtorno do sono, fobias, atraso no desenvolvimento motor e mental, perda de imunidade e depressão já se tornou comum em grande parte das crianças.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), alguns eventos se tornam estressantes durante o isolamento social, como as interações familiares que desencadeiam tensões, conflitos e até mesmo violência infantil, que acabam traumatizando as crianças. Essas condições adversas que surgem nas famílias criam contextos caóticos na mente dos pequenos e podem

interferir na produção dos hormônios – cortisol e adrenalina – aumentando o risco dos transtornos e no desenvolvimento de um cérebro saudável. O afastamento da vida escolar também é um fator que intensifica o aparecimento de sintomas referentes aos transtornos mentais, como estresse e ansiedade. Afinal, é na escola que essa faixa etária inicia a socialização com o diferente.

Pesquisa feita pelo NHS England (instituto de pesquisa da Inglaterra) para avaliar a saúde mental de crianças e jovens revela que nos últimos 12 meses aumentou em 50% os problemas de saúde mental, em que um a cada seis crianças, agora apresentam sintomas de depressão

e ansiedade e problemas para dormir. O relatório aponta que percentual é significativo e cria uma alerta para a gravidade de uma realidade alarmante para a sociedade, que vai gerar uma geração de adultos com algum tipo de transtorno mental.

O psiquiatra Napoleão Bezerra explica que transtorno mental é qualquer tipo de anormalidade que resulta da disfunção do cérebro que afetam a comunicação, o comportamento, o humor, o raciocínio e o aprendizado da criança. “A pandemia trouxe transtornos psíquicos para todas as faixas etárias. Então, os adultos precisam entender que manter a mente sã é essencial para proteger a saúde

mental das crianças, para que não surja os transtornos do neurodesenvolvimento, como o déficit de atenção, a hiperatividade, ansiedade aguda, sofrimento psíquico ou até mesmo depressão”, ressalta.

Para o médico identificar os sintomas dos transtornos mentais em crianças é mais fácil do que em adultos, já que elas começam a apresentar sinais não habituais em seus comportamentos. “A nossa orientação é que os pais fiquem atentos nas atitudes dentro de casa e casos notem algo anormal, busquem ajuda médica o quanto antes. Não deixem o preconceito e a desinformação se sobressair sobre a saúde dos seus filhos. A gente tem que que-

brar esse tabu dos diagnósticos psiquiátricos, o cérebro pode adoecer como qualquer outro órgão do nosso corpo e em qualquer fase da nossa vida. Portanto, quanto antes a gente consegue fechar o diagnóstico é possível proporcionar mais qualidade de vida ao paciente”, reforça.

Para o médico identificar os sintomas dos transtornos mentais em crianças é mais fácil do que em adultos, já que elas começam a apresentar sinais não habituais em seus comportamentos

Pais devem ficar atentos às reações dos filhos

A psicóloga infantil Samara Vale afirma que os transtornos de ansiedade têm sido mais frequentes nos consultórios. Os mais frequentes são o de humor (depressão) e do espectro autista, mas que para se iniciar um tratamento é preciso traçar um plano terapêutico, a partir do entrevista (anamnese) com os pais para buscar todo o histórico e queixas (dificuldades) com a criança no dia a dia. “É importante que durante esse processo os pais sejam presentes, colaborando com o terapeuta para que a evolução seja eficaz”.

A especialista pontua que os sintomas dependem do transtorno específico ou do que está afetando a criança. Entre os mais comuns estão: a dificuldade de aprendizagem, isolamento, timidez excessiva, agressividade, pesadelos, compulsão alimentar. “É necessário que os pais ou responsáveis se atentem às reações comportamentais dos seus filhos. Às vezes, eles podem se expressar quebrando um brinquedo, batendo algo ou em alguém, sem querer ir à escola, não conseguindo dormir sozinho no quarto”, ilustra.

Apesar de não ser algo tão

comum entre as crianças, dados do Anuário de Segurança Pública do Governo Federal apontam que houve um aumento de 65% de suicídios entre crianças e pré-adolescentes, de 10 a 14 anos. “Esse crescimento é um dado

muito preocupante e, por isso, a indicação de que ao menor sinal de sofrimento psíquico, é preciso levar a criança a um profissional de saúde mental: psicólogo e/ou psiquiatra”, acrescenta a psicóloga Samara Vale.



Transtornos de ansiedades nas crianças têm sido mais frequentes nos consultórios médicos

Desafios na pandemia

A recepcionista Joeyse Galdino, de 37 anos, tem uma filha de 10 anos de idade que apresenta algumas disfunções mentais, como Transtorno de Ansiedade Aguda (TAG), transtorno depressivo e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Há mais de cinco anos vem buscando alternativas para superar as crises psíquicas da criança e relata durante essa pandemia os desafios de ser mãe aumentaram ainda mais.

“Desde seus cinco anos, Maria Clara passou a apresentar muita hiperatividade, então a levei em um neuropediatra. Porém, alguns anos depois ela tinha sete anos percebi que ela apresentava uma tristeza profunda, perda de peso excessiva, choro fácil e queixas de existência. Então, a neuro fez o encaminhamento para um psiquiatra. Assim ela passou a fazer tratamento com medicação, psicóloga e terapias”, descreve a recepcionista.

Sobre esse período de pandemia, a mãe conta – segurando as lágrimas – que viveu o pior momento desde que sua filha foi diagnosticada com transtornos mentais. “A atitude que realmente me deixou muito preocupada e que até hoje vivo em alerta, é que em setembro de 2020, Maria chegou para mim e falou que queria se matar, me relatou que não quer mais viver e que ia tirar a vida dela. Foi quando mais uma vez a gente procurou ajuda médica e ela foi em três psiquiatras para poder chegar as um tratamento adequado. O médico pediu para escondermos todas as facas e tesouras da casa, porque ela relatou para ele que ia se matar com faca. Então, ele me chamou e me pediu para viver em alerta, passei dois meses dormindo com ela e vigiando-a para evitar que ela tente contra sua vida”.

Em relação aos desafios de ser mãe de uma criança que precisa de maiores cuidados, Joeyse afirma que a sensação é de impotência e de muito preconceito. “É como se eu tivesse lutando contra o mundo todo para salvar minha filha. Eu até já pensei em fazer um grupo de mães que tenham filhos com depressão na infância, para que possamos compartilhar nossas experiências”.

Diferenças no comportamento e avaliação multidisciplinar

A mestre em Relações Internacionais, Emmanuelle Maximino, de 38 anos, tem um filho de seis anos de idade, Benjamin, que possui Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo ela, após um ano de idade ela começou a perceber que as brincadeiras dele eram diferentes para sua faixa etária. Seus interesses não correspondiam com sua idade e pareciam mais elaborados em alguns momentos e com pouca funcionalidade em outros.

A mãe relata que do ponto de vista físico tudo caminhava bem, mas seu filho era uma criança muito calada, sem interesse em interagir com outras crianças e focada em brincadeiras repetitivas. “Em outro momento, comecei a perceber que ele não reproduzia mais as palavras que aprendia e deixou de fazer contato visual. Assim que percebi essas diferenças no comportamento, conversei com a pediatra e decidi buscar um neurologista, que

nos encaminhou uma avaliação multidisciplinar, com terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicóloga e nutricionista”. Emmanuelle diz que Benjamin também tem transtorno do processamento sensorial e seletividade alimentar, que chega a causar vômitos casos ele ingira algum alimento que considere estranho.

Para a mãe, lidar com os desafios do cotidiano tem sido possível graças às terapias, que ajuda no entendimento do

comportamento do seu filho. Embora, a confirmação do diagnóstico ter sido algo difícil, Emmanuelle transformou o desânimo em estímulo para proporcionar uma vida melhor ao seu Benjamin. “Os últimos anos têm sido de tentativas e erros, com muito acertos, eu avalio, que Ben tem se mostrado mais interessado em interagir, em falar e em experimentar outros alimentos. Cada pequeno avanço é comemorado por nós”.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Por que o PL do licenciamento preocupa os ambientalistas

Projeto de lei já aprovado pela Câmara causa polêmica ao flexibilizar normas e reduzir poder de fiscalização sobre obras

Juliana Cavalcanti
 cavalcanti@epc.pb.gov.br

O projeto de lei que flexibiliza normas e dispensa uma série de atividades e empreendimentos da obtenção do licenciamento ambiental atualmente aguarda apreciação pelo Senado Federal após a aprovação do texto pela Câmara dos Deputados. Apesar da proposta defender a redução da burocracia, tratando mais diretamente das licenças para grandes obras como hidrelétricas, ferrovias e rodovias, estudiosos da área apontam que ela beneficia diretamente o agronegócio e outros empresários, prejudicando as políticas de preservação da natureza.

A iniciativa que dispensa do licenciamento os empreendimentos considerados de baixo impacto ambiental e que sejam voltados ao interesse público e ainda altera várias exigências anteriores tem causado polêmica, porém, a expectativa é que seja aprovada. No entanto, para a bióloga e professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodev) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Cristina Crispim, os projetos de licenciamento são muito importantes porque levantam prováveis impactos de empresas e obras quando estiverem implantadas.

“As pessoas não entendem que os estudos de impacto ambiental não são para barrar as empresas de se instalarem, mas para levantar os eventuais problemas, para que se planeje de forma adequada. Para isso, são propostos os programas de mitigação de impactos”, esclareceu. A bióloga acredita que as principais mudanças propostas estão no setor do agronegócio, pois o texto libera de licenciamento as atividades de agropecuária se as empresas estiverem regularizadas no Cadastro Ambiental Rural. Além disso, permite a renovação automática do licenciamento pela autodeclaração a partir de declaração on-line do empreendedor na qual ateste o atendimento da legislação ambiental.

O projeto libera de licenciamento as obras de energia elétrica, estações de tratamento de água e esgoto, usinas de reciclagem de lixo, melhoria em instalações já existentes como estradas e hidrelétricas, cultivos de espécies de interesse agrícola e pecuária, pátios, estruturas e equipamentos para compostagem de resíduos orgânicos; usinas de reciclagem de resíduos da construção civil; ecopontos e ecocentros; manutenção e melhoramento da infraestrutura em instalações pré-existentes ou em faixas de domínio e de servidão, incluindo dragagens de manutenção e pesquisa de natureza agropecuária, que não implique risco biológico.

Segundo a pesquisadora existe ainda o licenciamento simplificado chamado de “bifásico”, “fase única” e “por adesão e compromisso”. “Normalmente, o licenciamento é trifásico e precisa de três licenças: prévia (LP), instalação (LI) e operação (LO). Agora, com o bifásico, o pedido de licenciamento pode ser feito por aglutinação de duas licenças em uma única. Junta-se LP com LI ou LP com LO”, comentou.

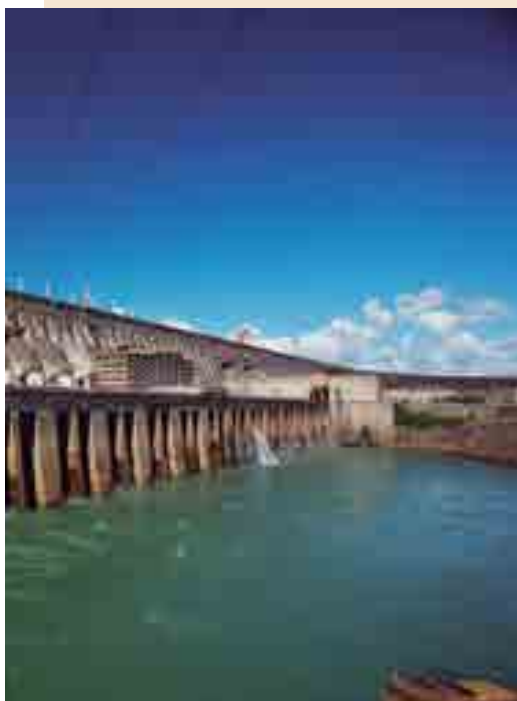


Foto: Fotos Públicas



O projeto de lei altera normas para que empreendimentos consigam o licenciamento ambiental, facilitando, especialmente, os setores do agronegócio (pecuária e cultivo), obras em hidrelétricas e rodovias



O QUE O PROJETO ESTABELECE

O projeto flexibiliza a lei de licenciamento ambiental, simplifica processos e cria uma modalidade de autodeclaração. A lei também cria casos de dispensas para o processo de licenciamento, ou seja, não precisam passar pelo processo:

- obras de serviço público de distribuição de energia elétrica até o nível de tensão de 69 kV;
- sistemas e estações de tratamento de água e de esgoto sanitário;
- obras em rodovias que não levem ao aumento da capacidade, como no caso do recapeamento asfáltico;
- usinas de triagem de resíduos sólidos, mecanizadas ou não;
- pátios, estruturas e equipamentos para compostagem de resíduos orgânicos;
- usinas de reciclagem de resíduos da construção civil;
- ecopontos e ecocentros;
- manutenção e melhoramento da infraestrutura em instalações pré-existentes ou em faixas de domínio e de servidão, incluindo dragagens de manutenção;
- cultivo de espécies de interesse agrícola, temporárias, semiperenes e perenes;
- pecuária extensiva, semi-intensiva e pecuária intensiva de pequeno porte;
- pesquisa de natureza agropecuária, que não implique risco biológico.

Há, ainda, o licenciamento simplificado chamado de “bifásico”, “fase única” e “por adesão e compromisso”. Para entender: normalmente, o licenciamento é trifásico e precisa de três licenças - prévia (LP), de instalação (LI) e de operação (LO).

Agora, com o “bifásico”, o pedido de licenciamento pode ser feito “aglutinação de duas licenças em uma única”, como diz o próprio texto. Junta-se LP com LI ou LP com LO.

O de “fase única” cria a Licença Ambiental Única (LAU). O novo projeto diz que “autoridade licenciadora deve definir o escopo do estudo ambiental”, neste caso.

Por último, a medida mais criticada, é a Licença por Adesão de Compromisso (LAC). No caso, um documento criado pelo próprio requerente.

+ Especialista acredita em consequências danosas à natureza

Outra medida criticada pela bióloga e professora da UFPB, Maria Cristina Crispim, é a Licença por Adesão de Compromisso (LAC), no caso, um documento criado pelo próprio requerente. Sobre isso, considera que a redução de atividades que requerem licenciamento coloca em risco a proteção ambiental, pois entende que os estudos de impacto ambiental não são contra as empresas ou atividades. “Se não houver esses estudos, esses impactos, com certeza, irão ocorrer, e com o desmonte contra a natureza que estamos vivenciando neste país, quem sofrerá somos todos nós, visto que precisamos de um ambiente em equilíbrio para poder ter os serviços ecossistêmicos fundamentais para a manutenção da vida, em todas as suas formas, incluindo os seres humanos”, observa a pesquisadora.

Acerca da autodeclaração e renovação automática do licenciamento ela avalia que mostrar que os

impactos estão sob controle e os programas de redução de impactos estão sendo cumpridos é essencial para garantir que estes impactos não ocorram ou sejam minimizados. “Na atualidade, as pessoas alegam qualquer coisa, seja verdade ou não; vivenciamos isso diariamente”, pontuou.

A especialista ressalta que a nova legislação pode trazer mudanças significativas para a natureza, já que haverá muita flexibilização justificada por quem apoia o projeto para diminuir a burocracia e o tempo de obtenção das licenças, mas que, na realidade, apenas favorece o desmonte da proteção ambiental que o licenciamento promove.

“A repercussão na natureza será a presença de atividades que causam impacto negativo, sem que haja controle, fiscalização, com consequências danosas, não só para os biomas e ecossistemas brasileiros, mas também para os seres humanos. Muitos impactos gerados nas bacias hidrográficas culminam nos ambientes aquáticos. Água é um recurso vital, precisa ser protegida. Liberar estações de

tratamento de esgoto de licenciamento é colocar em risco a água que consumimos. Isso gera efluentes que contaminam os rios onde são lançados. Esse é apenas um exemplo de uma das atividades que seria liberada de licenciamento, para cada uma das outras tem seus próprios impactos negativos”, analisou.

A quem beneficia

De acordo com a professora, quem será beneficiado pelo projeto serão os empresários que impactam o ambiente e “querem, apesar de saber que irão prejudicar não só a população em geral, mas também a natureza, olhar seus lucros sem se preocupar com o coletivo”.

Além de dispensar determinados setores do licenciamento ambiental, a proposta retira o poder de veto das comunidades indígenas e exclui as terras indígenas não demarcadas e os territórios quilombolas não titulados da análise de impactos. “As pessoas são contra o licenciamento porque têm de fazer esses estudos e é mais um custo para a implantação, mas é um custo benéfico se se

pensar nos benefícios sociais e ambientais que ocorrem. Mas, como neste país, o risco é sempre externalizado à empresa, e os lucros internalizados, e não há consequência em relação a isso, não se preocupam com o evitar impactos”, reforça Maria Cristina Crispim.

Uma carta divulgada por ex-ministros do Meio Ambiente defende que, se o texto for votado sem um amplo e responsável debate com a sociedade, deve aumentar a insegurança jurídica e a judicialização do licenciamento ambiental em todas as esferas, contrariando um dos propósitos da mudança legal, de melhorar o ambiente de negócios do país.

O documento ainda ressalta que “o Substitutivo abre uma série de exceções ao licenciamento de inúmeras atividades econômicas e à aplicação de instrumentos fundamentais para o licenciamento de forma a praticamente criar um regime geral de exceção ao licenciamento, com forte ênfase ao auto licenciamento, uma novidade até então sequer debatida com a sociedade”.



Foto: Lucas Figueiredo/CBF



Foto: Divulgação

ANDRESSA MORAIS

Única atleta paraibana com vaga em Tóquio

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A ENTREVISTA

Andressa de Moraes Oliveira, atleta brasileira do lançamento de disco, é a única mulher paraibana com vaga garantida para os Jogos Olímpicos de Tóquio, no Japão. A competição que não ocorreu no ano passado por conta da pandemia da covid-19, ao que tudo indica, deverá mesmo acontecer, esse ano, entre os dias 23 de julho e 8 de agosto, na capital japonesa. Essa será a terceira participação de Andressa nos jogos e, depois de ter ficado com a 16ª colocação em Londres 2012 e a 21ª no Rio de Janeiro em 2016, ela acredita que está pronta para chegar entre as 10 melhores do mundo e lutar por uma medalha - hoje está na posição 16 do ranking mundial.

Após realizar um camping de 20 dias de treinamentos no Centro de Atletismo da cidade de Chula Vista, no estado da Califórnia, Estados Unidos, a atleta de 30 anos, natural de João Pessoa, embarcou, essa semana, para a Europa, onde vai encerrar a sua preparação para as Olimpíadas. Por conta das restrições causadas pela pandemia da covid-19, ela, agora, só deverá retornar ao Brasil depois da maior competição esportiva do mundo.

Nesse retorno, previsto para o mês de agosto, a campeã do Meeting Internacional de Atletismo da Espanha em 2017 e bicampeã sul-americana (2015 e 2017) espera poder retornar ao país e para a Paraíba com uma medalha na mala. Sem conseguir visitar João Pessoa a mais de um ano, por conta da pandemia, ela garante que irá matar a saudade da família e amigos logo, mas antes vai cumprir sua missão em Tóquio para honrar a sua terra, mais uma vez.

Andressa, você está na preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio, o ápice do esporte para qualquer atleta. Como está sendo esse processo para você e quais as suas expectativas para a competição?

A preparação está sendo muito boa para os jogos. Essa será a minha terceira Olimpíada e eu penso em brigar por medalha, mas primeiro, a gente precisa dar um passo de cada vez, afinal, vence quem está melhor no dia. Por isso, preciso primeiro chegar na final, depois me garantir entre as oito e depois ir brigar entre as três primeiras. Por mais que a gente esteja bem e com boas marcas, é dessa forma que precisamos pensar a competição. Como essa é a minha terceira olimpíada, com certeza eu quero buscar resultados melhores, mas não será nada fácil. Como adversárias, temos as cubanas, as alemãs e a croata que são adversárias muito fortes. Nós temos um ranking, mas a verdade é que não dá para se basear muito nele, pois essa é uma competição que tem relação realmente com a forma que cada atleta chega no dia da disputa.

Sobre o Camping que você concluiu essa semana, foi um convite que você recebeu para treinar lá? Como foi essa experiência e qual a importância dela nessa preparação para os Jogos?

Estou realizando esse camping de treinamento que é fruto de uma parceria da Confederação Brasileira de Atletismo e do Comitê Olímpico Brasileiro. Na verdade, eu vim para ficar 20 dias aqui nos Estados Unidos como preparação para os jogos e inicialmente retornaria para o Brasil. No entanto, por conta da pandemia e como as compe-



Fotos: Divulgação

tições que estão ocorrendo são na Europa, não daria, por questões de segurança para ficar fazendo essas viagens. Por conta disso, estou embarcando essa semana para a Europa onde vou participar de algumas disputas e de lá vou para o Japão. Só devo retornar ao

Os Jogos Olímpicos são uma competição que todos os atletas esperam e nós nos preparamos por quatro anos para esse momento //

Brasil em agosto, depois dos Jogos. Quando isso ocorrer, quero poder voltar para a Paraíba, pois o ano passado inteiro, por conta da pandemia eu não pude ir por conta dos riscos desses deslocamentos. Foi a primeira vez que isso ocorreu, pois todo ano, eu faço questão de passar um tempo no meu estado, então isso é algo que quero fazer logo depois das Olimpíadas.

Falando sobre a realização dos Jogos e prejuízos da pandemia, você considera que esse período pandêmico afetou muito a sua preparação ou você acredita que chegará no melhor da sua forma para os Jogos?

A pandemia trouxe prejuízos para todo mundo, esse realmente foi um problema que impactou para todos os atletas independentemente do país onde vivem. Eu, felizmente, tenho um espaço na minha casa onde consegui ficar realizando treinamentos e musculação durante o período maior de restrições, então, foi possível dar continuidade à prepa-

ração. É claro que não é a mesma coisa de você utilizar a estrutura do centro de treinamentos, mas consegui não ter momentos sem atividade

Andressa, essa é, sem dúvida alguma, uma competição atípica pelo contexto que todos nós estamos vivendo, desde o começo da pandemia e que, para atletas como você, tem alterado a lógica de treinamentos e preparação. Qual a sua visão sobre a realização dos Jogos, mesmo em meio à pandemia?

É como eu disse, a pandemia foi em escala mundial e, realmente, é uma situação que foi ruim para todo mundo, são muitas perdas e dificuldades que temos tido que lidar, mas a vida precisa seguir em frente e o esporte, que é o nosso trabalho, tem que seguir. Não daria para que a gente deixasse de realizar as competições e parar totalmente. É a mesma coisa que alguém ficar por mais de um ano sem o seu trabalho e o que dele obtém. Os Jogos Olímpicos são uma competição que todos os atletas esperam e nós nos preparamos por quatro anos para esse momento, dessa vez, acabaram sendo cinco, já no próximo serão apenas três. Enfim, é algo muito complexo e difícil para todo mundo, mas que está acima do nosso alcance qualquer tipo de decisão. O que depende de mim eu estou fazendo, sigo treinando, mantendo o foco e espero chegar lá para representar bem o meu país e a minha Paraíba.

Andressa Morais acredita que está pronta para chegar entre as 10 melhores do mundo e lutar por uma medalha em Tóquio



Pandemia reformula toda a logística do COB em Tóquio

Comitê Olímpico Brasileiro prepara um arsenal para proteger atletas no combate à covid-19 em solo japonês

Paulo Favero e Raphael Ramos
Agência Estado

O envio de 20 toneladas de materiais para o Japão, que serão usados pelo Time Brasil para a preparação para os Jogos de Tóquio, ganhou uma carga extra por causa da pandemia de covid-19. Para reforçar as medidas sanitárias da delegação, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) adquiriu 68 mil máscaras descartáveis, 12.500 sapatilhas TNT, 400 borrifadores de álcool e 250 aventais, entre outros produtos utilizados no combate ao coronavírus.

“Em condições normais, os Jogos Olímpicos de Tóquio já nos exigiriam um grande desafio em relação ao fuso horário, ao clima e à alimentação. Mas a pandemia tornou a complexidade da operação ainda maior. Além de toda a estrutura oferecida, temos de proteger o nosso atleta, diminuindo o risco de contaminação pelo coronavírus”, explicou Marco La Porta, vice-presidente do COB e chefe de missão do Time Brasil em Tóquio.

No total são 20 contêineres que terão seus conteúdos espalhados por nove bases (Saitama, Sagami-hara, Miyagase, Ota, Chuo, Koto, Enoshima, Tsurigasaki e Hamamatsu) para a aclimação da delegação. Entre os itens enviados estão barcos e botes (vela), tatames para os esportes de combate, sacos de soco para o boxe, aparelhos de musculação mais modernos e materiais de treinamento do levantamento de pesos, entre outros.



Foto: Divulgação/COB

Atletas brasileiros que irão disputar as Olimpíadas serão monitorados desde a chegada aos aeroportos japoneses, bem como durante a movimentação na Vila Olímpica, repleta de restrições

“Em uma das visitas que fizemos ao Japão, identificamos também que as academias que vamos utilizar eram bem equipadas, mas voltadas principalmente à comunidade local. Como precisávamos de materiais para o alto rendimento em nossas bases, optamos por levar mais aparelhos de força”, afirmou La Porta.

A negociação com as nove bases foi feita com bastante antecedência porque o COB queria ter a melhor preparação possível para ter um ótimo desempenho em Tóquio. E no combinado com os japoneses, um dos trunfos seria a interação dos atletas do Time Brasil com os fãs locais. Mas a pande-

mia fez desmoronar esse projeto, até para garantir a saúde de todos, torcedores e competidores. Mesmo assim, as tratativas foram mantidas e o Brasil terá todas suas nove bases.

Em Chuo, por exemplo, será utilizada a Escola Toyomi, que fica bem perto da Vila dos Atletas. Lá haveria um espaço para o encontro dos competidores nacionais com seus familiares e amigos. Agora, por causa dos protocolos de segurança, os parentes não poderão nem viajar ao Japão para acompanhar as competições. Então por causa das medidas sanitárias, algumas bases do Time Brasil passaram por um novo planejamento para ade-

quação às normas.

No transporte dos materiais, a operação começou ainda em 2018, com o envio de três contêineres saindo do Brasil, outro da Espanha e o último da China. Outros cinco foram enviados em 2019 e 2020, incluindo um da Nova Zelândia. Com o adiamento da Olimpíada, parte do planejamento precisou ser alterada e a logística dos uniformes sofreu grande impacto.

Na ideia original, os atletas iriam até uma base do Time Brasil e lá haveria a distribuição dos uniformes. Seria um momento também de contato e boas-vindas, por exemplo. Mas por causa da pandemia de

covid-19, a logística foi alterada e agora todos terão de informar o tamanho de roupas que usam e receberão o kit dentro de uma mala diretamente em seus quartos, evitando assim a interação entre membros da delegação.

Para ter sucesso nessa empreitada, o COB montou uma equipe médica com especialistas como Ana Corte, que tem pós-doutorado em medicina do Esporte, Felipe Hardt, que já participou de diversas missões com a entidade, Beatriz Perondi, que é coordenadora responsável pelo projeto, treinamento e atendimento de catástrofes do Hospital das Clínicas, e Ho Yeh Li, que foi a mé-

dica encarregada pelo resgate dos primeiros brasileiros infectados pela covid-19 na China.

As reuniões têm sido frequentes e são dezenas de recomendações e protocolos. Uma delas é a de não colocar no mesmo quarto atletas da mesma posição de uma equipe. Um exemplo que serve para ilustrar isso é colocar dois levantadores do vôlei na mesma habitação. Se um por acaso pegar a covid-19, o outro, por estar no mesmo ambiente, teria de ficar fora também e o Brasil ficaria sem levantador para as competições. Isso mostra o nível de detalhamento que a preparação brasileira chegou para ter sucesso nos Jogos de Tóquio.

Atletas e paratletas do Brasil acreditam que os jogos deste ano podem ser “os mais fortes de todos os tempos”

Paulo Favero
Agência Estado

A pandemia de covid-19 não apenas adiou os Jogos de Tóquio por um ano como obrigou atleta a pararem seus treinamentos e repensarem todo o planejamento de atividades. Em um primeiro momento, imaginava-se que isso teria um impacto negativo no desempenho dos competidores. Mas nas últimas semanas o esporte mundial tem visto grandes marcas e até quebras de recordes, o que leva os próprios atletas a ter mais otimismo em relação à performance.

“Por causa da pandemia e do lockdown em muitos países, pensou-se que a competição poderia perder em qualidade, mas estamos vendo muitos atletas batendo recordes mundiais, quebrando marcas de muitos anos. Imagino que serão os Jogos mais fortes de todos os tempos. Talvez até surjam artigos depois falando de como essa parada pode ter sido benéfica aos atletas”, comentou a paratleta Verônica Hipólito.

Ela participou esta semana de um evento do Time

Petrobras, do qual faz parte. Além dela, estiverem presentes Isaquias Queiroz (canoagem velocidade), Martine Graef e Kahena Kunze (vela), Daniel Dias (natação paralímpica), Darlan Romani (atletismo), Marcus Vinícius D’Almeida (tiro com arco) e Petrucio Ferreira (paratletismo).

A velejadora Martine Graef, medalha de ouro nos Jogos do Rio-2016 ao lado de Kahena, concorda com Verônica. “O foco nessa campanha é não ficar olhando para trás. Esse ciclo é completamente diferente e tento olhar para o presente. É bom manter o foco no momento que estamos agora. Acho que nunca se preparou tanto para uma Olimpíada. Esse ano a mais todo mundo aproveitou para ajustar detalhes”, disse, lembrando que elas precisaram viajar bastante este ano para poder ter parâmetros de comparação com as adversárias.

Sua parceira Kahena sabe que a busca pelo bicampeonato olímpico na classe 49er FX é um sonho, mas não dá para ficar comparando com o que ocorreu em 2016. “O que foi no Rio, ganhar um ouro

em casa, é muito especial. Agora vamos fora de casa, dependemos das condições meteorológicas que vamos encontrar. Carregamos o peso da medalha, mas esperamos algo novo e que ainda vamos vivenciar”, avisou.

Daniel Dias, dono de 24 medalhas nos Jogos Paralímpicos e que fará sua despedida em Tóquio, acha que a competição esportiva pode ajudar a tra-

zer um alento para as pessoas em um momento tão grave de pandemia. “Foi um ano atípico, difícil para todos, mas sempre busquei ver as coisas de uma outra maneira. Esses Jogos de Tóquio são o momento de grande esperança para o mundo e o esporte pode ajudar a construir isso”, explicou.

Bem-humorado, o nadador ainda brincou com sua patrocinadora e pediu para

continuar com o apoio do Time Petrobras, que conta com 22 atletas, mesmo após deixar as piscinas em setembro. “Continuarei ligado ao esporte, mas entendo que meu ciclo vai se encerrar em Tóquio. Contribuí muito para o esporte brasileiro, sei que posso somar de uma outra maneira, e quero curtir minha família, meus filhos, que estão crescendo muito rápido”, afirmou.

Fotos: Divulgação/COB



Daniel Dias acha que a competição pode ajudar a trazer alento para as pessoas, assim como as velejadoras Martine Graef e Kahena Kunze



Dirigentes comemoram a ajuda financeira da CBF a clubes da PB

Botafogo vai receber R\$ 200 mil; Campinense, Sousa e Treze, R\$ 120 mil, cada, e as Belas do Belo, R\$ 50 mil

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

A Confederação Brasileira de Futebol resolveu ajudar os clubes que atravessam uma séria crise financeira, por causa dos rígidos protocolos para evitar a proliferação de casos de covid-19. Desde março do ano passado, não é permitido o acesso do público aos estádios. Na última quinta-feira, a entidade máxima do futebol brasileiro anunciou recursos da ordem de R\$19 milhões, que serão distribuídos entre as equipes que estão participando do Campeonato Brasileiro da Série C, Série D, Feminino A1,

lha do Contorno vai receber R\$ 200 mil reais. Os da Série D são Treze, Campinense e Sousa, que ficarão com R\$ 120 mil cada. E no Brasileiro Feminino A2, o nosso representante é o Botafogo, que receberá R\$ 50 mil.

“Toda ajuda é bem-vinda e não devemos reclamar do que recebemos. Estamos gratos pela ajuda, mas foi muito pouco diante das necessidades dos clubes. A quantia não paga uma folha salarial de nenhum clube que esteja na Série C. Existe uma discrepância muito grande entre o que se dá aos clubes da Série B, comparado com o que recebemos os da Série D. A CBF deveria olhar melhor essa questão”, disse o presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti.

Para o presidente do Campinense, Phelipe Cordeiro, a ajuda chegou em boa hora, para livrar o time do sufoco. “A CBF está cumprindo o papel dela em ajudar os clubes neste momento difícil, parabéns. É um alívio, esta verba vai ajudar no pagamento dos nossos compromissos”, comentou o dirigente.

“Olha veio em boa hora essa verba da CBF, porque estamos atravessando essa pandemia e ficam escassos os patrocínios e os jogos são sem público. Essa medida foi tomada também no ano passado e estávamos aguardando que se repetisse este ano. Os recursos só podem ser utilizados no pagamento dos salários dos jogadores, no nosso caso das jogadoras. Então, nada mais justo do que dar dignidade a essas atletas que são elas que correm ali no campo. Estou muito feliz por elas. A CBF está de parabéns”, afirmou Gleide Costa, técnica e responsável pelo departamento de futebol feminino do Botafogo.

A reportagem de A União tentou contato com os dirigentes de Treze e Sousa, mas não conseguimos sucesso.



Por estar disputando a Série C, o Botafogo é quem mais recebe dinheiro da CBF entre os clubes paraibanos

Fotos: Instagram/Botafogopb

R\$ 19 mi

estão sendo destinados pela CBF para clubes das Séries C, D e ainda do futebol feminino

Feminino A 2 e também as federações estaduais.

Essa não é a primeira vez que a CBF toma esta medida para ajudar os clubes. No ano passado, a entidade fez o mesmo, logo após o início da pandemia e o fechamento dos estádios para os torcedores. O valor total do ano passado foi igual ao deste ano. A distribuição será da seguinte forma: os 20 clubes da Série C receberão R\$ 200 mil cada, os 63 da Série D R\$ 120 mil, as equipes que participam do Campeonato Brasileiro Feminino A1 (16 clubes) R\$ 120 mil, e do A2 (36 clubes) R\$ 50 mil. As 27 federações estaduais também receberão R\$ 120 mil.

A Paraíba tem um único clube na Série C, que é o Botafogo. O time da Maravi-



A ajuda está sendo comemorada no Campinense, clube que vive em dificuldades financeiras desde a temporada passada

Fotos: Samir Oliveira/Campinense

Feminino A2

Belas defendem liderança absoluta no Brasileiro

Foto: Instagram/BelasdoBelo



Jogadoras do Botafogo comemorando a vitória sobre o Náutico na segunda rodada do Brasileiro da Série A2

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo tenta manter hoje a liderança do grupo C do Campeonato Brasileiro da Série A2. O Belo enfrenta o América de Natal, às 15h30, no Estádio Almeidão, em João Pessoa. O Alvinegro está invicto e com 100 por cento de aproveitamento, enquanto que o adversário é o quarto colocado, com uma vitória e uma derrota. O trio de arbitragem para esta partida é paraibano. O juiz central será Thiago Galdino Cavalcanti, auxiliado por Rafael Guedes de Lima e Flávia Renally Costa Faustino da Silva.

O Botafogo é forte candidato a classificação à próxima fase da competição. O Belo estreou com uma goleada de 6 a 1 no Santos do Dumont, no Almeidão, e em seguida, venceu o Náutico por 3 a 0, em Recife. A técnica Gleide Costa está

confiante em mais uma vitória, mas espera um jogo muito disputado.

“Olha, tirando o Santos Dumont, que o nível técnico é bem abaixo das demais equipes, e o Ceará, que é um time profissional, desde o ano passado, com uma folha salarial de R\$ 1,2 milhão, as demais equipes se equivalem, são muito homogêneas. A nossa vitória sobre o Náutico por 3 a 0 não reflete a distância de nós para o Náutico, foi mais uma coisa de detalhe tático que fez a diferença. Eu espero um jogo muito disputado e torço para que consigamos mais 3 pontos, para continuarmos firmes em busca da classificação”, disse a técnica.

O América de Natal estreou na competição levando uma goleada do Ceará, em Fortaleza, por 5 a 0. Na última rodada conseguiu reagir e goleou o Santos Dumont por 4 a 0, na capital do Rio Grande do Norte.



Na Supercopa do Brasil deste ano, Flamengo e Palmeiras se enfrentaram em Brasília, com vitória rubro-negra nos pênaltis após empate de 2 a 2

BRASILEIRÃO - (SÉRIE A)

■ Hoje

11h

Atlético-MG x Fortaleza

16h

Flamengo x Palmeiras

Ceará x Grêmio

18h15

Corinthians x Atlético-GO

Chapecoense x Bragantino

Athletico-PR x América-MG

20h30

Internacional x Sport

Rivais frente a frente de novo

Flamengo e Palmeiras vão reviver a final da Supercopa do Brasil, hoje, na estreia do Brasileirão de 2021

Sete jogos fecham neste domingo a primeira rodada do Campeonato Brasileiro com destaque para o clássico mais apimentado do futebol brasileiro nos últimos anos: Flamengo e Palmeiras, no Maracanã, às 16 horas. Outras estreias estão programadas para hoje, mas nenhuma delas consegue chamar tanta atenção como o confronto entre cariocas e paulistas que vêm dominando o futebol brasileiro desde 2018.

Nos últimos anos a rivalidade entre Palmeiras e Flamengo cresceu consideravelmente, muito por causa das disputas por títulos nacionais. Este ano, na Supercopa do Brasil, o Mengo levou a melhor e venceu nas penalidades após um empate no tempo normal de 2 a 2.

No ano passado, o encontro também mexeu com muitas emoções. Isso porque o Rubro-Negro pediu, em meio a um surto de covid-19 em jogadores e membros da

comissão técnica, para que o duelo válido pela 12ª rodada do Campeonato Brasileiro fosse adiado. Vale destacar que o Flamengo esteve na frente que insistiu para o retorno do futebol em meio à pandemia do novo coronavírus e, inclusive, é o maior defensor da volta de torcedores aos estádios.

O Palmeiras se colocou contra o adiamento da partida, cuja realização ainda esteve em dúvida até uma decisão do Tribunal Supe-

rior do Trabalho (TST) definir, a dez minutos do horário do jogo, a realização da partida que terminou empatada em 1 a 1.

O duelo do segundo turno do Brasileirão de 2020, realizado em 2021, não teve grandes polêmicas, mas foi um confronto direto na parte de cima da tabela entre dois times que ainda disputavam o título nacional. Em Brasília, os cariocas venceram os paulistas por 2 a 0. Até hoje, as duas equi-

pes já se enfrentaram 117 vezes, com 46 vitórias do Verdão contra 40 do Flamengo, além de 32 empates - apesar da vitória na Supercopa do Brasil ter acontecido nos pênaltis, nas estatísticas ela entra como empate pelo tempo regulamentar. O Palmeiras já balançou as redes 195 vezes contra 174 do Flamengo.

Levando em conta apenas os duelos pelo Campeonato Brasileiro, o Palmeiras também leva vantagem, em-

bora haja um certo equilíbrio entre os times: 21 vitórias palestrinas, 19 empates e 19 derrotas, com 79 gols marcados e 82 sofridos.

Levando em conta apenas os duelos no Maracanã, local do jogo deste domingo, a partir das 16 horas, o Flamengo leva vantagem sobre o Palmeiras. São 21 vitórias rubro-negras contra 13 alviverdes, além de oito empates. O rubro-negro também balançou mais as redes: 79 a 62.

Atlético tem a força de Hulk contra o Fortaleza em jogo no Mineirão

O Atlético Mineiro estreia em casa na rodada de abertura do Brasileirão de 2021 com um time ainda mais encorpado que na temporada passada, onde deu sinais de que iria brigar pelo título sob o comando de Jorge Sampaoli, mas foi perdendo força e acabou na terceira posição, frustrando a sua imensa torcida. Agora, 50 anos depois de seu único Campeonato Nacional, o Galo quer quebrar esse jejum e conta com o paraibano Hulk em grande fase depois que deixou o futebol chinês. Outros destaques são o meia argentino Nacho Fernandes e o atacante Keno. Cuca comanda a equipe e no primeiro desafio vai pegar o Fortaleza, no Mineirão, neste domingo, abrindo os jogos do dia às 11 horas.

O time entra em campo com grande favoritismo, pois ganhou título estadual e fez a melhor campanha na fase de grupos da Copa Libertadores.

Outro clube que está numa longa fila sem títulos, não ganha desde 1979, é o Internacional que no ano passado teve tudo para quebrar o jejum e vacilou nas últimas rodadas, deixando o Flamengo ultrapassá-lo a duas rodadas do final do Campeonato. Saiu o técnico Abel Braga e a aposta é no espanhol Miguel Ramírez, quer perdeu o título gaúcho para o Grêmio e na Libertadores chegou as oitavas com uma

campanha sem muito brilho. O Inter vai jogar fora de casa, na Ilha do Retiro, contra o Sport, às 20h30, fechando a primeira rodada.

O Corinthians, agora de técnico novo, Sylvinho, vai tentar se reinventar com as suas grandes dificuldades financeiras e um time mediano, longe de sua tradição. Até chegou as semifinais do Paulistão, mas na Copa Sul-Americana foi um fracasso. A equipe estreia hoje às 18h15, na Arena Neo Química, contra o Atlético de Goiás, um dos destaques na temporada de 2020.

O Grêmio, sem a estrela do seu técnico Renato Gaúcho que saiu antes do título estadual, começa jogando longe de sua Arena. Vai se confrontar com o Ceará, no Estádio Castelão, às 16 horas. O clube vem de frustrações na Copa do Brasil - perdeu o título para o Palmeiras - e a vaga na fase de grupos da Libertadores, caindo para a Copa Sul-Americana, onde mostrou a sua força e se classificou para as oitavas com uma excelente campanha. O seu adversário de hoje perdeu o título cearense para o rival.

A rodada ainda terá a volta da Chapecoense à Série A, onde enfrenta o Bragantino, às 18h15, na Arena Condá; e também do América Mineiro, do técnico Lisca, que vai a Arena da Baixada medir forças contra o Athletico, também às 18h15.



Hulk vem sendo destaque do Galo neste início de temporada. O paraibano tem marcado gols importantes no Estadual e na Libertadores



O técnico Sylvinho conversa com jogadores do Corinthians no treinamento da última sexta-feira visando o jogo contra o Atlético-GO



Fotos: Walter Ulysses

José Alves
zavieira2@gmail.com

Idealista e de espírito revolucionário, Manoel Arruda Câmara, um dos maiores naturalistas do século XVIII, nasceu em Pombal (Sertão da Paraíba), no ano de 1752. Em 1783, foi ordenado padre na cidade de Goiana (PE). Em seguida, foi estudar em Coimbra, de onde, segundo historiadores, foi expulso por ser considerado liberal demais. Então, a fim de continuar seus estudos, partiu para Montpellier, na França, onde estudou medicina das ciências naturais e da política. Tendo acompanhado de perto a Grande Revolução Francesa em 1789, ele voltou para o Brasil, três anos depois, com a cabeça cheia de sonhos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade e por este motivo, é apontado como o fundador do primeiro Areópago (Loja Maçônica) do Brasil, na cidade de Itambé (PE).

Em João Pessoa, a Bica de Tambiá, ganhou o nome de Parque Zoobotânico Arruda Câmara, em sua homenagem. Autor de diversas obras literárias, Manoel Arruda Câmara é patrono da cadeira de número 2 da Academia Paraibana de Letras, que tem como fundador o médico Eugênio Carvalho.

Manoel Arruda Câmara dedicou-se ao estudo da botânica, deixando seu nome entre os mais importantes naturalistas do seu século. Ele classificou a flora paraibana e produziu inúmeros trabalhos científicos sobre botânica, zoologia e mineralogia.

Foto: Marcus Antonius



Parque traz fauna exuberante e nome do botânico

Biografia de revolucionário

Apesar da contribuição indiscutível à ciência, muitos fatos da vida de Arruda Câmara ainda são objeto de controvérsias. Para o historiador José Octávio de Arruda Melo, o naturalista Arruda Câmara nunca morou em Itambé e nunca foi liberal. "Mas podemos dizer que ele é o pai da ciência no Brasil", admitiu. "Na verdade, ele foi um reformador da ciência, porque até então, a ciência era apenas intuitiva. Ele foi um naturalista que levou a ciência para a prática, no campo da flora, da fauna e dos minerais. E ele abriu caminho para reformulação da ciência. Uma ciência não apenas de conceitos, mas de experiências", atestou.

O ambientalista Antônio Augusto Almeida, também concorda que ainda há muitas controvérsias a respeito da vida de Arruda Câmara, inclusive sobre sua naturalidade. "Fatos importantes de sua vida ainda não vieram à luz. Existem questões que precisam ter respostas", observou.

"A título de exemplo, citamos duas que achamos fundamentais: O naturalista não teve origem humilde. Ele é filho do fazendeiro rico Francisco de Arruda Câmara. Uma grande dúvida é porque Manoel Arruda já ordenado frade carmelita e cursando Filosofia e Matemática na Universidade de Coimbra, resolveu largar a batina, encerrar a matrícula e se transferir para a Universidade de Montpellier, na França naquele momento da Revolução Francesa? Por que teria então adotado o nome Manoel Arruda da Câmara e se declarado natural do sertão de Pernambuco?", indagou.

Apesar de todas essas dúvidas, o ambientalista reconhece a importância do seu desempenho científico no Nordeste quando do regresso ao Brasil. Assim o fez após o doutorado em Medicina, na Universidade de Montpellier, provavelmente em 1793.

Por esta razão, ele é considerado um dos mais importantes "ilustrados" brasileiros, ou seja, que está entre os filhos de ricos fazendeiros ou senhores de engenho, que na segunda metade do século XVIII tiveram o privilégio de estudar em Coimbra, ou em outras universidades europeias.

Arruda Câmara

Naturalista e semeador de sonhos

Paraibano marcou época na ciência e esteve envolvido na vinda da Maçonaria para o Brasil

Ilustração: Jarbas Domingos



+ Venda do sítio foi destaque n'A União

O nome dado à "Bica", em João Pessoa, é uma homenagem à memória do botânico Manoel de Arruda Câmara. Ambiente tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1941 e também pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) em agosto de 1980.

Conforme dados históricos, antes de se tornar Parque Zoobotânico Arruda Câmara de João Pessoa, o espaço era apenas um sítio. E, entre os séculos XVIII e XIX, garantia o abastecimento de água à população pessoense. Situado no Bairro do Róger e contando com uma área de quase 27 hectares, o Parque é um dos mais antigos do país.

No início, o sítio, também conhecido como propriedade do "Paul" ou "Bica de Tambiá", pertencia à senhora Balbina Varandas, que vendeu o espaço à Prefeitura Municipal de João Pessoa, que tinha a frente o então prefeito Walfredo Guedes Pereira. A

propriedade foi vendida pelo preço de um conto de réis, no dia 24 de dezembro de 1922, e a aquisição do espaço pela prefeitura foi matéria publicada pelo jornal A União.

Pouco mais de um ano após a aquisição da Bica de Tambiá, o então prefeito Walfredo Guedes Pereira, realizou a inauguração do parque. Ao longo dos anos, o Parque Arruda Câmara foi transformado em zoológico. Para o ambientalista Antônio Augusto Almeida, a colocação do nome de Arruda Câmara na Bica de Tambiá, foi e continua sendo uma justa homenagem. Atualmente, o Parque Arruda Câmara conta com variadas opções de lazer e atende a duas funções: a ecológica, que caracteriza o Jardim Botânico, representada por sua diversificada flora. E a de zoológico, que abriga diversas espécies animais, entre aves, répteis, peixes, mamíferos e os anfitriões do Parque, os simpáticos macacos.

Foto: Arquivo / Biblioteca IBGE



Parque Zoobotânico Arruda Câmara de João Pessoa, a "Bica de Tambiá", é um dos mais antigos do país

O Aerópago de Itambé e a Maçonaria

Historiadores paraibanos e pernambucanos, apesar das polêmicas, afirmam que Arruda Câmara foi o fundador do Areópago de Itambé, Sociedade Maçônica que abrigava intelectuais da Paraíba e de Pernambuco. Local de tendência liberal cujas ideias teriam influenciado a Conspiração dos Suassunas (1801), e a Revolução Pernambucana de 1817. Movimentos que historiadores dizem ter recebido influência do paraibano.

Com ideias avançadas, lutando pela igualdade das classes, o Padre Arruda Câmara foi, talvez, no Brasil, um dos precursores da ala progressista. Ele fundou e estruturou o "Areópago" em Itambé. De acordo com registros encontrados em atas na Grande Loja Maçônica de Londres, não tardou a chegada de outros movimentos iluministas no Brasil. Mas só o Areópago de Itambé foi a mais notável coluna maçônica no país.

As ideias liberais que entravam em terras brasileiras, junto com os viajantes e por meio de livros e de outras publicações, incentivavam o sentimento de revolta entre a elite de Pernambuco. Então, em 1796, Arruda Câmara fundou a Sociedade Secreta Areópago de Itambé, considerada a primeira loja maçônica do Brasil a difundir ideias libertárias, contra a repressão colonial. Com esse propósito, a história da maçonaria relata a evolução de sociedades que cultivam os princípios da liberdade, democracia, igualdade, fraternidade. Ideais pregados no Brasil por Arruda Câmara que presenciou a Revolução Francesa.

Osias Gomes

Jornalista e figura chave na Revolução de 1930

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

O jornalista, escritor, advogado e homem público Osias Nacre Gomes, nasceu marcado com o estigma dos heróis. Não houve um só ato em sua vida que não o destacasse como defensor dos pobres e oprimidos, ou fixasse seu nome na galeria daqueles que levavam a sério o cumprimento do dever, principalmente se o alvo fosse o bem estar comum. Como secretário da Imprensa Oficial, no governo de João Pessoa, foi encarregado de redigir a notícia da visita do político ao Recife, onde acabou morto, na Confeitaria Glória, por seu inimigo, João Dantas. Forçaram – segundo as provas de um diário que deixou com familiares – seu confinamento no Hospital para doentes mentais Juliano Moreira, porque queriam impedi-lo de falar o que sabia sobre a verdadeira causa da revolução de 1930. Este foi um segredo revelado 53 anos após sua morte, pelo advogado e escritor José Caitano de Oliveira.

Osias Gomes nasceu na antiga Rua da Ponte (atual Rua da República), em João Pessoa, no dia 7 de março de 1903. Morreu nesta mesma cidade, em 20 de junho de 1994, aos 91 anos. Seu neto, o advogado e escritor Cleanto Gomes, disse que um de seus maiores legados ao jornalismo foi o de não temer a verdade e publicá-la com responsabilidade e ênfase, a fim de não deixar dúvidas. Um dos maiores gestos da coragem cívica e pessoal de Osias ocorreu em 24 de agosto de 1975, quando uma portada do Exército, improvisada como barco de recreio para crianças e adultos, naufragou na Lagoa do Parque Solón de Lucena, no centro da capital e matou 37 pessoas – a maioria mulheres e crianças. Osias assumiu, gratuitamente,



Foto: Arquivo

Osias teve diversas contribuições em jornais e como jurista e professor, o que lhe fez merecedor do título de Cidadão Benemérito

a defesa das famílias enlutadas, embora o órgão processado fosse o Exército Brasileiro, na época visto como o ícone-mor da repressão do governo militar.

Seu pai era o funcionário público João Ricardo Gomes. A mãe se chamava Druzila Nacre Gomes. Osias casou-se com Alzira Paiva Leite. Com ela teve três filhos: Dirce, Cremilda e Ione. O Homem que foi membro destacado da Sociedade Brasileira de Criminologia e iniciou sua vida jornalística aos 15 anos, em A União, onde chegou a ser diretor do órgão, após passar pelos estágios de redator e secretário. Também escrevia em O Norte, O Diário da Paraíba, O Comércio da Paraíba, Revista Era Nova e Correio da Paraíba, encontrando tempo para ser promotor de justiça em Santa Rita e advogado da empresa Ferroviária Great Western. Foi membro do Conselho Administrativo do Estado da Paraíba, secretário do Interior e Justiça e secretário da Segurança Pública, no governo de José Américo.

Destacou-se como professor-fundador e diretor da Faculdade de Direito de João Pessoa. Foi procurador do Estado e desembargador, além de presidente do Tribunal Regional Eleitoral e do Tribunal de Justiça da Paraíba. Fundou, com Botto de Menezes, o jornal O Combate, especializado em política. Ganhou diversos títulos, um deles o de Decano dos Jornalistas e das Letras Paraibanas, conferido pela Associação Paraibana de Imprensa. Foi professor emérito da UFPB e seu nome consta em uma praça da capital e como patrono da biblioteca da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional da Paraíba. Recebeu do governador Tarcísio Burity o título de Cidadão Benemérito da Paraíba, por serviços relevantes prestados à educação e à cultura. Escreveu dois livros: "A Quêda do Céu" e "Permanência de Osias Gomes".

Revelações de um diário que passou 53 anos em segredo

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

Personagem central do livro O Diário Secreto de Osias Gomes – A Morte Anunciada de João Pessoa, escrito pelo advogado e escritor José Caitano de Oliveira, esse ilustre paraibano, ao morrer, deixou um diário com a família. Este documento foi guardado por seu neto, o advogado

Sabia demais

Após o assassinato de João Pessoa, Osias Gomes foi internado no Juliano Moreira

e escritor Cleanto Gomes, que o repassou para Caitano. No seu livro, que se tornou polêmico, Caitano conta: "quatro homens invadiram a casa de Osias ao meio-dia em ponto, logo após a deflagração da revolução de 1930. Retiraram-no de dentro de casa à força e o levaram para um quarto do Hospital Juliano Moreira. Para este ato, não houve apoio de uma junta médica, nem autorização judicial. Ele passou quatro meses completamente isolado, sem ter contato nem mesmo com a família. E por que houve esta ação tão estranha? Caitano respondeu: "Osias sabia demais".

Na época em que Caitano lançou este livro eu o entrevistei, na Livraria do Luís, em João Pessoa, e ele confirmou: "Cleanto,

que é meu amigo, confiou-me este diário, deixado por seu avô, cujo conteúdo é essa história." Até então eu só havia visto igual, nos romances de enredos policiais. Caitano revelou-me parte da história do diário, como também mostrou-me o próprio, argumentando: "Como Osias sabia de tudo sobre os bastidores antecedentes das causas que provocaram a Revolução de 1930, bastaria ele abrir a boca que surgiria uma nova versão para a morte de João Pessoa e a revolução seria evitada, pois o assassinato praticado por João Dantas resultou de um caso passionnal e não de um questionamento político."

Caitano continuou seu relato: "Confinar Osias num hospital para doentes mentais foi um plano que os mentores da revolução criaram para creditarem a ele um estado de loucura." Segundo Caitano, um dos trechos comprometedores do diário deixado por Osias Gomes dizia: "Já mostrei para o próprio João Pessoa todas as tardes me fornecia os termos, notas e informes para os editoriais. A matéria era dele e não raro as próprias expressões de revide, inclusive a famosa nota publicada no jornal que informava da ida de João Pessoa ao Recife". "Foi por esta nota que João Dantas guiou-se para localizar João Pessoa e matá-lo," explica Caitano.

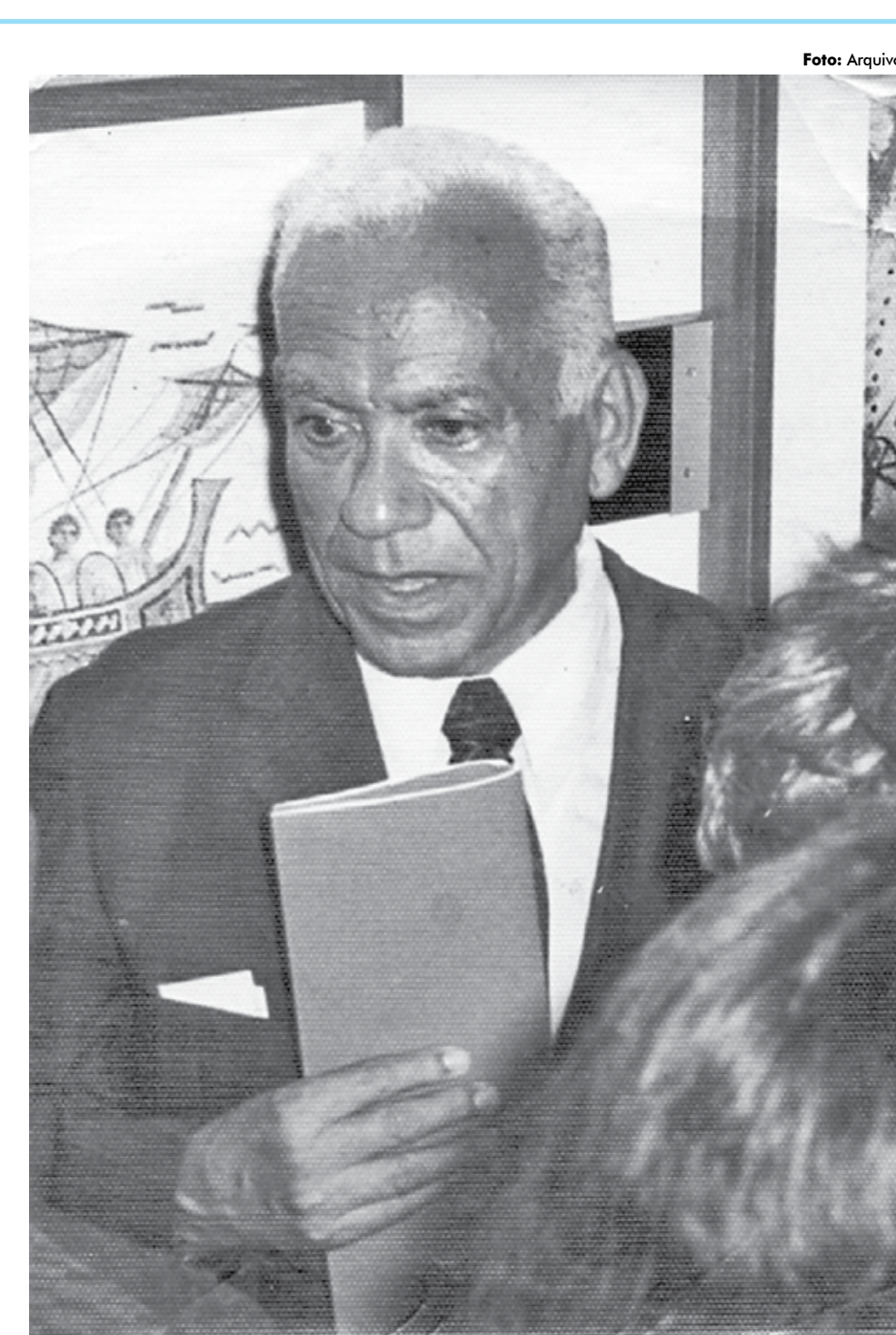


Foto: Arquivo

Secretário de Imprensa do governo de João Pessoa, o jornalista tinha um diário com informações sensíveis

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

O exercício de ouvir ajuda muito a acertar

Ao dar uma passada de olhos no livro "Comunicação Corporativa: gestão, imagem e conhecimento" (Maristela Mafei e Valdete Cecato), deparei-me com a seguinte frase: "O exercício de ouvir ajuda muito a acertar". Na obra, a frase remete à necessidade de manter um fluxo de informações de duas vias com empregados, clientes e fornecedores, mas eu fiquei com a mensagem indo e vindo em minha mente, imaginando que ela pode (e deve) ser aplicada a outras situações da rotina jornalística.

Quando a gente recebe uma atribuição de um chefe, por exemplo, e não dá a devida atenção ao que ele fala naquele momento, corre um sério risco de errar ao fazer o que foi pedido. Será que você prestou atenção ao prazo? Entendeu bem o que foi solicitado e a importância da tarefa? Ouviu bem o que o chefe dizia, ou estava no piloto automático e apenas balançou a cabeça em sinal de confirmação?

Saber ouvir é mais que necessário na vida jornalística. Em entrevistas, então, é essencial. Luiz Amaral já ensinava sobre a arte do silêncio no clássico "Técnica de Jornal e Periódico", editado em 1968. "Outra coisa

importante para o repórter é saber escutar, calado, a explanação do entrevistado, mesmo quando o assunto tomou rumos diferentes. Não cortar a conversa quando sentir que o tema está a empolgá-lo", reforça.

Sobre a situação acima, Luiz Amaral continua: "Tornam-se necessários silêncio e atenção, e somente com a diminuição do entusiasmo, uma pausa mais prolongada ou o término da explicação, poderá tentar, sempre com muito tato, uma guinada para o assunto central da entrevista. Uma personalidade não recebe um jornalista para ouvi-lo falar".

Citando Tristão de Athayde (pseudônimo do crítico literário Alceu Amoroso Lima), Luiz Amaral ainda pontua: "...o talento do entrevistador está, acima de tudo, em saber ouvir, em seguida, em saber distinguir no que ouviu o essencial do accidental. Depois, em saber reconstruir o que ouviu como se fosse uma criação própria, mas sempre com rigorosa fidelidade ao que ouviu".

O exercício de ouvir deveria ser regra para os jornalistas, mas infelizmente não é o que vemos por aí. Paul Chantler e Sim Harris, no livro "Radiojornalismo" (Sum-



mus Editorial), citam um exemplo de falha jornalística que cansei de testemunhar:

ENTREVISTADO: "Assim, um homem como eu, com mais de dois metros de altura, mas o que se escuta, além de instruir, pode conduzir a um terreno que somente uma minoria alcança, o da reflexão".

O artigo de Lage tem como referência o texto "Escutatória", de Rubem Alves, e pode ser lido na íntegra no site da revista Construir Notícias (www.construironoticias.com.br), edição de janeiro-fevereiro de 2021. Ouvir é aprender com o outro — a acertar mais ou errar menos. Que tal praticar mais esse exercício?

Nildo Lage apresenta um importante argumento sobre o exercício de ouvir. Tão importante que deveria virar mantra: "Calar para escutar pode conquistar não apenas o outro, mas o propósito que se acredita atingir com o poder da fala, pois o que se ouve pode ser esquecido no instante seguinte, mas o que se escuta, além de instruir, pode conduzir a um terreno que somente uma minoria alcança, o da reflexão".

O artigo de Lage tem como referência o texto "Escutatória", de Rubem Alves, e pode ser lido na íntegra no site da revista Construir Notícias (www.construironoticias.com.br), edição de janeiro-fevereiro de 2021. Ouvir é aprender com o outro — a acertar mais ou errar menos. Que tal praticar mais esse exercício?

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Agustin Lara & Ernesto Lecuona

De passagem, tanto de Lara quanto de Lecuona já lhes falei em Colunas anteriores. Dada, porém, a importância desses dois "monstros sagrados" do cancionero universal, necessário se faz detalhámos a participação de ambos no mundo da música.

Com um toque meio que saudosista, vou falar-lhes de melodistas que embalaram e ainda embalam os sonhos rememotivos de saudosistas daqueles que recordam de um tempo em que "ainda" se fazia boa música.

Aos interessados no assunto, parece-nos muito clara a referência a eles quando se fala em música cubana. Embora o primeiro fosse mexicano, suas performances musicais são também ligadas à Ilha, como veremos adiante: já Lecuona, este sim, era natural de Cuba. O fato é que ambos seguiram o mesmo filão musical, seja rítmico seja melódico, do que ali se compunha.

Com o pomposo e majestático nome de Angel Agustin Maria Carlos Fausto Mariano Alfonso Rojas Canela del Sagrado Corazón de Jesus Lara y Aguirre del Pino, o compositor e pianista, e até cantor, nasceu em Talcotalplan / México (1897). O "até" me veio à mente porque é sabido que, devido à pequenez de sua voz, os seus grandes sucessos quase só nos chegaram e continuam chegando por intermédio dos maiores intérpretes pelo mundo afora: Pedro Vargas, (frei) José Mojica, Plácido Domingo, José Carrera, Andrea Bocelli, Julio Iglesias, Trio Los Panchos, Fito Paez, Luis Mi-

guel, Frankie Laine, Frank Sinatra e, entre os nossos, Orlando Silva, Leny Eversong, Ângela Maria, João Gilberto, Caetano, Roberto Carlos e outros mais.

Como compositor, com cerca de setecentas composições, cuja primeira foi dedicada ao primeiro amor "Marucha" (1927), AL nos deixou joias do cancionero universal: Maria Bonita, Noche de Ronda, Farolito, Solamente una Vez, Palabras de Mujer, Estoy pensando en ti, Santa, Granada, para citar somente as mais conhecidas. Homem da noite, casou-se três vezes, mas foi a atriz e cantora mexicana Maria Félix sua paixão mais efervescente. A atriz, que atuou, nos anos 40/50, com Pedro Armendáriz e Dolores del Río, foi agraciada, em sua pouca convivência com Lara (apenas três anos), com as imortais composições Maria Bonita e Noche de Ronda.

A sua afinidade com o gosto musical cubano o levou a excursionar por lá (1940), porém sem muito sucesso ou notoriedade, em face de agitações de natureza política, ali ocorrentes.

Em 1965, o seu sucesso alcançou os limites do imaginário, quando foi recebido pelo ditador espanhol Francisco Franco de quem se tornou amigo íntimo. Certamente pelo estímulo que Lara ofereceu ao turismo local com suas composições sobre cidades espanholas – Granada, Valência, Toledo, Sevilha, Madri – foi agraciado por Franco com uma nobre moradia em solo Espanhol (Granada). As composições do pequeno *play-list* aci-

ma são eternas, porém não há como não se sensibilizar mais profundamente com Farolito. Busque ouvi-la.

Agustin Lara nos deixou em 1970, quando residia em definitivo no Ciudad de Mexico.

O pai de Ernesto Sixto de la Asunción Lecuona Casado era espanhol radicado em Cuba, onde o músico nasceu (Havana, 1895). EL tornou-se reconhecido como compositor, pianista e maestro cubano. Este fez o seu primeiro recital apenas com cinco anos e, por isso, bem que merecia figurar na nossa lista de artistas precoces. Toda sua formação musical lhe foi passada pela irmã Ernestina Lecuona, também compositora, musicista e fundadora da Orquestra de Mulheres de Cuba. Ernesto Lecuona fez sua primeira e reconhecida composição (*Cuba y America*) aos treze anos, e conquistou a primeira "medalha de mérito musical" aos dezessete anos, quando já era respeitado como especialista em danças afro-cubanas e na música hispano-caribenha. Gradou-se pelo Conservatório Nacional de la Habana, formou a Orquestra Sinfônica de Havana e alcançou o mercado latino-americano com o seu grupo músico-vocalístico *Lecuona Cuban Boys*. Profissionalmente, a sua carreira "decolou" em New York. Fato curioso: chegou a ser aluno de Maurice Ravel, na França.

Os seus biógra-

fos dizem que, por motivos políticos, a família refugiou-se em Nova Iorque.

Seus maiores sucessos, ainda bastante executados em todo o mundo: Siboney, Damisela Encantadora, Noche Azul (estas duas últimas, com interpretações impecáveis de Plácido Domingo), Maria La O (imortalizada por José Mojica), Malagueña, Siempre en mi Corazón, Andalucía, Canto Karabali. Seus intérpretes mais constantes, além do citado grupo *Lecuona Cuban Boys*, praticamente são os mesmos citados que gravaram Agustin Lara.

Vivendo em tempos quando a intolerância de gênero era patente, apesar de suas tendências homoafetivas, estas, evidentemente, nunca foram empecilhos para o seu exponencial reconhecimento.

Ernesto Lecuona, um nome a ser lembrado por quem gosta da boa música, nos deixou em 1963, quando visitava uma antiga pousada dos seus pais, em Santa Cruz de Tenerife/Ilhas Canárias e está sepultado em Nova Iorque.

AGUSTIN LARA y sus Intérpretes.



CONTEMPORARY MIDLINE



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Hora de maratonas para o Paraíba Restaurant Week 2021

Começou na última quinta-feira (27) de maio e vai até 27 de junho o maior evento gastronômico da nossa capital. Os amantes da gastronomia da Paraíba estão tendo uma excelente opção de conhecer grandes restaurantes, com preços acessíveis e toda a praticidade de atender o público com segurança, tanto nos salões dos próprios restaurantes, quanto por delivery ou retirando os pratos especiais nos locais.

A terceira edição da Paraíba Restaurant Week vai reunir 28 dos principais restaurantes do Estado. Reconhecido como o principal evento gastronômico do país, presente em mais de 15 cidades brasileiras, o festival é sucesso de público há 12 anos com uma fórmula que garante boa gastronomia, com preços acessíveis, movimentando e aquecendo o mercado gastronômico.

“Uma missão especial de todos nós, em um ano tão desafiador, é movimentar os negócios nos restaurantes, garantir gastronomia acessível e de excelente qualidade, tudo isso com todos os protocolos e cuidados necessários. É a chance de conhecer o restaurante que você sempre sonhou por um preço convidativo”, explica Marina Sá, realizadora da versão paraibana da Restaurant Week.

A Paraíba Restaurant Week acontecerá de 27 de maio a 27 de junho e será uma edição híbrida, com atendimento tanto nos salões dos restaurantes quanto por meio de take away (retirada) ou delivery (entrega), como forma de potencializar ao máximo as vendas dos restaurantes participantes. Os 28 restaurantes desenvolveram cardápios especiais (entrada + prato principal + sobremesa) com preços de R\$ 48,90 (almoço) e R\$ 59,90 (jantar).

Ainda tem um excelente trabalho social e mais uma vez, a Paraíba Restaurant Week irá beneficiar o projeto Milagre Sertão. A ONG promove soluções sustentáveis através de assistência e melhoria de condições das famílias da zona rural paraibana que sofrem com os efeitos da seca.

A mecânica de contribuição é simples. Os clientes podem acrescentar R\$ 1,00 no valor final da sua conta no restaurante participante, após consumir o menu exclusivo do evento, e todo dinheiro arrecadado será destinado para o projeto. Em 2020, foram arrecadados mais de R\$ 7 mil para a entidade. Para saber mais sobre o trabalho do Projeto Milagre Sertão, acesse: <https://milagresertao.org/aong/>.

Vamos todos participar deste evento que tanto aquece o mercado gastronômico que tanto vem sofrendo neste momento de pandemia. Mais informações @cantaloupebr, já é sucesso!



Eu e minha Haryanne Arruda, Mariana Sá e Leandro Ramalho, da Pauta Comunicação



QUENTINHAS

O Restaurante Família Franco, antigo Divino Itália um restaurante querido por este colunista, onde tive o prazer de dizer meu “sim” a minha esposa Haryanne, está funcionando de quinta a segunda. Mas vem um novo projeto de pegue e leve como também de delivery que não muda o sabor, nem muito menos o amor que o Chef Franco e sua Djanira têm em fazer as delícias do lugar. Será em um lugar separado e vc pode acompanhar tudo no Instagram @familiafrancopb

O produto Sabor da Terra 100% paraibano e da região de Cajazeiras vem a cada dia ganhando o mercado com seus produtos de excelente qualidade. Se você ainda não conhece e não vende no seu estabelecimento vale muito a pena. Pois além da qualidade seu preço é super honesto. Acompanha o Instagram @sabordaterralaticínios

E por falar em produtos de qualidade e de nossa terra, não poderia deixar de fora a Raiz do Brejo, que tem mais de 30 anos no mercado e que fica localizada em Lagoa Seca. E já está ganhando vários países pelo mundo. Visita seu Instagram @raizdobrejo

E bora fazer hambúrguer? Vem aí o curso de hambúrguer que este colunista estará ministrando em dois dias. É muito prático de aprender e fazer também. Vai acompanhando os stories do meu Instagram que estarei falando a data. @waltinhoulysses



PRATO DO DIA

Queijo de Minas Frescal Temperado Sabor da Terra

Ingredientes

- 1 peça de queijo de minas frescal Sabor da Terra.
- Azeite de oliva
- Temperos secos: (orégano, manjeriçã, pimenta do reino, tomate seco, alho, sal do Himalaia, salsa)
- Torrada
- Salgado de milho de sua preferência



Modo de preparo:

- Em um prato de preferência fundo, pegue o queijo e der pequenos cortes nele, em seguida coloque os temperos de sua preferência, e passe por todo o queijo com a mão.
- Em seguida coloque azeite à vontade e leve ao microondas por dois minutos, sirva como está na fotografia e com o acompanhamento que você queira.

PITADAS A GOSTO

Mais de 1 milhão de pessoas perderam o emprego na crise no setor de restaurantes e quebra empresas e derruba vagas.

Isso vem aumentando todos os dias esses números. E não vejo nem uma mão amiga por parte do Governo Federal para tentar reverter esse quadro. Pois isso é o que tem feito muitos países de primeiro mundo, e estamos perdendo restaurantes que já passaram por várias décadas e mais pessoas ficam desempregadas todos os dias. É um grito dos desesperados o que sentimos!